R. PERE SYLVESTRE CHAULEUR, O.F.M.

A VIRGEM Maria

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PE. SILVESTRE CHAULEUR

A VIRGEM MARIA

EDIÇÕES PAULINAS
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO — FORTALEZA — CAXIAS DO SUL — PORTO ALEGRE — CURITIBA — BELO HORIZONTE — PELOTAS — RECIFE

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Imprima-se
Pela Pia Sociedade de S. Paulo
Pe. Celeste Lenta
São Paulo, 27 de Novembro de 1952

Pode imprimir-se
Mons. Caruso pro Vigário Geral
Rio de Janeiro, 13 de Maio 1952

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PREFÁCIO

A vida e a morte da Santíssima Virgem Maria, sua divina maternidade e sua deliciosa pureza, são, há dezenove séculos, o atrativo, o triunfo e, de certa maneira, a beleza do Cristianismo. Todo o plano da Incarnação e da Redenção se prende à Virgem Santa que nêle surge e permanece como a mais bela e mais delicada obra de Deus onipotente: Maria, Virgem e Mãe, Maria, Mãe de Jesus, Maria, que se tornou por eleição de seu Filho, a mãe dos homens, permanece para tôda a Igreja Rainha maravilhosa "que avança como a aurora, bela como a lua, pura como o sol, terrível como um exército em ordem de batalha". O esplendor dessa claridade ultrapassa tôda expressão e, por tôda parte e sem cessar, Ela nos dá o Senhor. Como afastar-se então de tal figura, como contemplá-La suficientemente; como estudá-La sem quedar maravilhado? Mas como poderão a fraca inteligência e a pobre memória humanas exprimir suas grandezas e não vacilar sob tal feixe de luzes?

É necessário retroceder muito além do nascimento de Maria para compreender a incomparável sublimidade da vida da Virgem.

Intimamente ligada ao mistério da Incarnação, Ela aparece nos desígnios de Deus numa época em que o tempo ainda não existia, e à qual não podem remontar as nossas faculdades criadas. Não é pois de admirar que nas páginas da Bíblia, prefácio da Incarnação, apareça

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

de longe em longe, através da agitada história de Israel, a imagem da Virgem, como um astro que projeta seus rápidos clarões em meio de um mar imenso de constantes trevas.

Não temos o temerário pensamento de apresentar uma vida completa da Santíssima Virgem Maria. Ver-se-á, aliás, que a história pouco nos diz a respeito da Virgem Imaculada; mas ser-nos-ão permitidos alguns olhares à santidade de Maria, na qual a opinião popular nem ousa pensar porque a julga indissolùvelmente ligada às práticas extraordinárias que a maior parte dos fiéis não pode evidentemente executar, e que, entretanto, é oportuno mostrar nos dias febris em que vivemos.

Antes de relembrar esta vida divina, imaginemo-nos na situação em que se achava Maria Virgem, trabalhando como o fazem as mulheres de hoje. Ela jamais vestira o cilício, jamais tivera êxtase, e, durante sua vida, não fêz nenhum milagre. Outra maravilha: Maria vive com Jesus e Lhe sobrevive; desde Belém até ao Calvário, está a seu lado. Todos A conhecem; é a espôsa do operário José e a Mãe de Jesus. No exterior, vive exatamente como as nazarenas de seu tempo e condição, entregando-se às mesmas ocupações, sem que nada atraísse atenção sôbre Ela. Como as outras, descia cada manhã à fonte, para tirar a água necessária ao dia; girava o moinho para esmagar a farinha e preparar o pão. Exteriormente, era uma mulher como as outras.

E, durante trinta anos, viveu Maria em Nazaré, pequena medina oriental onde todos viviam muito juntos em um meio restrito, invejoso como o nosso, em que espiar os vizinhos parece a principal ocupação de cada um. Pessoa alguma, estranha à família de Santa Isabel, suspeitava a santidade de Maria, a divindade do Filho. Nada A adornava, exceto suas virtudes, e nada A ocultava senão a mais prodigiosa de tôdas essas virtudes: a humildade.

Mas se Maria viveu exteriormente como as outras mulheres de seu tempo, sem nada fazer que atraísse a atenção sôbre Si, qual portanto o caminho por que chegou à mais alta santidade possível? Imaculada e cheia de graça desde a sua Conceição, a Santíssima Virgem recebeu todos os seus dons em uma alma livre, capaz de consentir; qual foi portanto a sua parte ativa, pessoal, na obra de Deus em Si própria? Não é necessário buscar muito longe a resposta a esta pergunta; o próprio Espírito Santo nô-la dá: "Bem-aventurada és porque creste". Esta palavra define a regra de sua vida. Foi a fé, a fé dos Patriarcas e dos Profetas, que fez a grandeza de Maria. É desta sublimidade que Ela tornou acessível a cada um de nós, permanece para nós como viva e criadora.

Mas, que é "crer"? O verbo "crer", como tôdas as palavras de tôdas as línguas humanas, evoluiu em sua trajetória através dos séculos, e, na época de civilização material a que atingimos, os nossos ouvidos, obstruídos pelas poeiras do mundo, desprezam esta palavra cujo acento venceu o coração do homem e que, fecundando, criou a santidade.

Ora, para nós cristãos, esta palavra absolutamente divina, divina por seu próprio caráter, divina por seus efeitos sempre subsistentes, significa: julgar verdadeiras as doutrinas reveladas por Deus e, em seu Nome, ensinadas pela Igreja. Ai de nós! Os representantes de Cristo não são mais considerados hoje em dia senão como funcionários assalariados! A fé é pois essencialmente um ato de adesão da inteligência e do coração à palavra divina.

Mas, para a maior parte dos homens de nosso tempo, esta adesão é sòmente parcial, não abrange todo o homem, seu corpo e sua alma, não é mais que uma prece recitada com indeferença e que serve apenas para satisfazer o resto de religiosidade que possuímos. Portanto, é-nos impossível compreender o que Deus fêz por nós e o que Êle exige em troca. É impossível compreender a humilhação do Amor divino até à sua Encarnação no seio de

uma mulher, compreender as doçuras de Sua palavra, as paciências de Sua bondade, as amarguras de Sua agonia, os escarros, os açoites, a Cruz, o sepulcro; é-nos impossível compreender o excesso do Amor de Deus.

Esta crença de amador, simples rótulo em nossa vida, inglória caricatura que satisfaz à maior parte de nossos cristãos modernos, não pode evidentemente dar uma idéia, nem mesmo longínqua, da fé que possuiram a Virgem Maria, e os santos da antiga Lei: Abrão, Jó, Tobias, Judas Macabeu.

Quando se relêem as passagens da Bíblia onde se fala nesta fé que lhes mereceu os louvores do Espírito Santo, compreende-se não ter sido apenas mera adesão da inteligência à verdade revelada, mas aceitação total da primazia do divino, com tôdas as suas conseqüências. O homem não pode ser maior em esplendor de todo gênero do que por esta adesão de todo o seu ser, adesão que muitas vêzes lhe dá o poder sôbre a natureza material e que não se consuma senão por uma adesão maior ainda, a de governar-se a si próprio, reduzindo todo o ser à regra de Deus.

O homem de fé se forma nada desejando senão a vontade de Deus, quando se eleva acima das vicissitudes da vida e as considera como o próprio Deus, isto é, insensível às riquezas, aos prazeres, às grandezas, às honras, à vã alegria, à vã glória; não considerando senão o que é eterno; tendo, já, nêste mundo, a vida em Deus e suas alegrias na eternidade. Igualmente insensível às desgraças e sofrimentos, ou feliz até por ser provado e sofrer, porque tudo isso passa e o torna mais semelhante a seu divino Modêlo, o Deus Homem, aproxima-o da recompensa que será a eterna companhia do Homem Deus.

Hoje, desgraçadamente, a adesão do espírito e do coração não mais se faz à palavra divina, mas à humana. Não mais se considera a alegria da submissão a Deus, mas a da submissão ao homem; não mais se compreende a adesão da carne a Deus, mas a da carne à carne; não mais

se deseja a submissão do espírito à pobreza mas à riqueza, para elevar-se, chegar à fortuna, ao poder, à glória, em uma palavra, para triunfar nêste mundo.

Da fé total haviam feito regra de sua vida todos os grandes crentes da Antiga Aliança. Mas estava reservado à Mãe de Cristo Jesus realizá-la a um grau impossível de ultrapassar-se. Por sua Imaculada Conceição, Maria Santíssima pertencia a um mundo para nós desconhecido, ao da humanidade antes da queda. Sua alma que o pecado nem roçara, apresentava algo de simplicidade das naturezas angélicas. Parte dos puros espíritos criados para adorar a Deus, tiveram ocasião de escolher e adorar o Verbo que se devia incarnar; deixaram que em si nascesse o orgulho, separaram-se do Todo Poderoso, perderam o amor e a luz, e tornaram-se demônios, incapazes de arrependimento. Maria foi também colocada em presença do querer divino; Ela escolheu e sua escolha foi total e definitiva. E aceitou ser a Escrava do Senhor, a Serva de que Êle disporá a seu bel prazer. Será esta a única lei que regerá a sua vida e que arrancará de seu coração vozes de admiração e atos de amor. Quem pode dizer o que é o amor de Deus para uma alma que ama? Obediente ao que Êle prescreve atenta em descobrir, em adivinhar o que lhe pode agradar, desprezando tudo o mais, aceitando os trabalhos mais humildes de cada dia, as humilhações, os sofrimentos, Ela se Lhe dedicou com um ardor e amor que nem o mundo nem o inferno puderam abalar. Pois não existe fé sem provação. "Porque eras agradável a Deus, disse o Anjo a Tobias, era necessário que te provasse a tentação". A santidade de Maria ultrapassava, e de muito, tôda santidade criada; por isto sua provação ultrapassou também tôdas as que conhecemos, e atingiu todos os limites suportáveis por uma criatura perfeita.

Sua primeira prova foi o silêncio de Deus. Êle Lhe anunciava, no dia da Incarnação, que o Menino dÊla nascido seria "chamado o Filho do Altíssimo" e que "o Senhor Lhe daria o trono de Davi seu Pai; Êle reinará eter-

namente; seu reino não terá fim". E, alguns meses depois, oferecendo seu pequeno Jesus ao Todo Poderoso, esta jovem Mãe ouvirá dos lábios do velho Simeão as palavras proféticas: "Teu Filho será um sinal de contradição; e um gládio transpassará a tua alma". O Trono real, o gládio doloroso, duas imagens que Maria levará para meditá-las em seu Coração. Depois, o silêncio, um pesado silêncio de trinta anos, caiu sôbre a sua vida.

Quem senão Deus poderia ter tal Mãe, submetê-La a provações tão terríveis, permanecer com Ela na pobreza, Êle, o Rei dos céus, deixá-La na indigência, Êle, o Rei dos homens, e fazê-La viver no silêncio de seus mistérios, para ser a Obra prima de seus milagres e Testemunho irrecusável de sua divindade? Em trinta anos, uma só palavra foi pronunciada por seu divino Filho, para ensinar-Lhe o desprendimento: "É necessário que me ocupe no que é de meu Pai".

Maria não teve para guiá-La senão a sua fé. A fé! que, a dois mil anos de distância, permanece a única e verdadeira luz do homem a respeito de si mesmo e de Deus; que sustenta o mundo católico, envolto por inimigos fanáticos; sustenta a lei natural, contra a qual investe um filosofismo insensato; sustenta a razão humana sujeita às vertigens e delírios; e não sòmente conserva e repara, mas gera, gera padres e santos, e arranca dos mais estéreis corações o amor e o respeito.

Após a longa espectativa de Nazaré, virão os anos de vida pública em que Maria não terá exteriormente parte alguma. Nas núpcias de Caná, Ela obtém, em favor dos homens, com uma bondade de mulher e de mãe, o primeiro milagre de Jesus, cujas primeiras testemunhas serão os mais pobres e os servidores da festa. A princípio, responde-Lhe Jesus que não chegara ainda a sua hora. Entretanto, Ela diz aos servos façam o que Êle ordenar, porque bem sabe que Êle fará o que Lhe pede.

Com efeito, Êle obedece; eis o Filho. Em presença

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

dessa compadecida bondade para com os noivos, quem desconhecerá a Mãe? Mas Caná não deveria ter amanhã.

A Mãe! Ei-La no Calvário, junto ao Filho na Cruz.

Sofredora, pálida, cerrando as pálpebras sôbre o azul desmaiado de seus olhos, sôbre a flor de linho quebrada pela brutal tempestade, Maria está entretanto de pé. A expressão desta dor, encontramo-la nas comoventes páginas de S. Bernardo, na instituição de ambas as festas das Sete Dores de Nossa Senhora, e principalmente nas estrofes dilacerantes do Stabat Mater, que não podem ser relidas sem um tremor na voz. Mas havia nêste drama outro aspecto que devia torturar a alma de Maria: era o desastre total em que parecia desmoronar-se a obra divina de seu Divino Filho. Judeus e pagãos, juizes, altas personagens, doutores, povo, populaça e soldados, todos os que O haviam insultado, flagelado, entregado a Jesus todos os que O haviam coberto de escarros, todos os que O haviam entregue à morte, pareciam gozar seu triunfo. Parecia aniquilada e obra de seu Filho, seu povo o rejeitava, seus Pontífices O haviam renegado. Que golpe para o seu coração de Mãe, que mágoa para a sua alma de crente! A sua fé permanecia íntegra, sua vontade de aço não cedia de uma linha seguer. Era necessário que se pudessem ver quantas mãos haviam tocado em seu Filho, era necessário que essas ignomínias viessem fortalecer para sempre as vítimas da crueldade e da injustiça, irradiar sôbre as chagas de seu Filho inocente manar como um bálsamo de salvação até as verdadeiras chagas do culpado; era necessário que até nas profundezas das masmorras, na abjeção das prisões, pudesse luzir para sempre o sol vivificante de nossa Redenção. E, de seus lábios maternos, foge o hino de adoração que Ela cantara no dia de sua juventude: "Minha alma glorifica o Senhor e meu espírito exulta em Deus meu Salvador. Porque Êle olhou a humildade de sua Serva, eis que tôdas as gerações me chamarão Bem-aventurada.

Diante dessa inabalável fidelidade de Maria até ao

sepulcro de Jesus, qual o homem de hoje, rico ou pobre, operário ou patrão, que não se acharia capaz, apesar de tôdas as penas, trabalhos e dores desta vida, de satisfazer-se com as luzes da fé, a exemplo da Virgem Santa? Que se examine o homem moderno! Verá que a beleza da vida de Maria, simples como a de cada um de nós, aparece esplêndida em face de nossa miséria e cobardia.

Após a dor imensa do Gólgota, Maria contempla os dois milagres da onipotência e da bondade de Deus, os quais completam sôbre a terra a história divina da Redenção. Ela está presente à Ascensão gloriosa de seu Divino Filho ressuscitado e preside, ao Cenáculo, no dia radioso de Pentecostes, quando o Espírito Santo vem criar, na alma dos Apóstolos e Discípulos, a fôrça do Cristo eterno que criara sòmente para Ela, em corpo e alma, antes que o mundo possuísse a Sua alma e que o Céu visse a Sua carne. Realizados êstes dois milagres e fundada a Igreja, deixa Maria a cena do mundo, embora sem deixar ainda a vida. Sôbre a orquestração do drama de sua vida, cai um novo silêncio. Acredita-se que São João, a quem fôra confiada, A conduziu para sua casa, em Jerusalém. Na intimidade dêsses dias de apostolado, a Virgem Santa retirava certamente os tesouros de seu Coração, a matéria das narrativas evangélicas, onde ocupava lugar ao mesmo tempo tão elevado e tão restrito. E morreu aproximadamente aos sessenta anos, vendo a Igreja já difundida por tôda a terra e sendo sempre uma pobre viúva que perdera o seu Filho e fôra recolhida pela caridade dos amigos e discípulos dÊste, Salvador e Redentor do mundo.

Mas êste primeiro e mais ilustre modêlo da humildade cristã, vivendo no retiro, fugindo das honras do mundo, não fêz senão dar mais brilhante e mais divino fulgor às suas outras virtudes. Veio a Igreja com seus santos e doutores iluminados pelo espírito de Deus. Recolhendo a Tradição, estudando as Escrituras, achou novamente a Maria total, simples, boa, suave, cujo exemplo pode ser seguido por qualquer um de nós porque Ela não

é sòmente a maior das santas, é também a mais imitável. Mas a Igreja foi mais longe ainda e, perscrutando os conselhos eternos da Providência, escreveu com certeza a história da Mãe de Deus, antes de seu nascimento, durante sua vida mortal e depois de sua morte bem-aventurada. E lendo o Evangelho que A vemos tal qual foi e, quanto podem os homens alcançar do que ultrapassa tôda imagem e todo entendimento, tal qual Ela é, para sempre, na glória dos céus.

Dêsse paciente trabalho que a Igreja empreendeu, trabalho que jamais cessou através dos tempos, surge talvez a mais alta e mais consoladora idéia que os homens possam fazer da bondade sem limites do Deus Onipotente. Mas em parte alguma, como no Evangelho, aparece de maneira tão simples e acessível o Seu inesgotável amor pelos homens, desde a Encarnação em que desejou unir seu Verbo a uma carne humana, até a Redenção em que nos deu uma Mãe.

Esta Mãe, Êle a formou para ser na terra o modêlo de tôdas as perfeições a que devemos aspirar, no céu a Advogada de tôdas as fraquezas a que estamos sujeitos, e, entre o Céu e a terra, a Medianeira de tôdas as graças. Estabelecendo Maria Corredentora do gênero humano, queria Deus ensinar-nos que tudo devemos pedir por intermédio de seu Coração imaculado.

Jamais se compreenderá suficientemente o que fêz a Santissima Virgem pela humanidade na hora em que esta gemia sob os pés de alguns tiranos, mais infeliz ainda por causa de seus próprios vícios e degradação que pelos vícios e degradação de seus senhores.

Jamais se compreenderá suficientemente o que a Santíssima Virgem fêz por todos, e especialmente pela mulher, porque, autora de nossa desgraça, maior era o pêso de sofrimento que lhe pesava aos ombros frágeis. Para ela, havia anátemas particulares, humilhações e desprezos poupados ao homem. Até onde ela era espôsa e mãe, isto é, onde tinha direito ao respeito e veneração, na Roma coberta de mármores de Paros, onde os raios oblíquos do sol

poente aspergiam de sangue os templos dedicados a tôdas as virtudes e todos os vícios, e na Judéia em que o homem não ouvia outro ruído senão a voz dos pássaros e os lamentos da água, êsses augustos títulos não a preservavam da escravidão. Podia perdê-los em um dia pelo repúdio. Aliás o nome de espôso, em realidade sempre diminuído, pertencia sòmente a um pequeno número de privilegiadas, às quais valia mais como aparato que como afeição. O mais, confundia-se numa indescritível opressão de carne e sangue. Cedia-se lugar à matrona romana, cujo resplendor triunfal de realçada beleza aparecia sob o véu descido, e cujo corpo envolvido por simples manto emergia de um carro dourado.

Escoltavam-na em procissão ao Capitólio. Em casa, estava sob tutela, sujeita como os filhos aos rigores do tribunal doméstico. Os filhos não estavam sob o seu poder; ela os dava ao mundo, mas não era ela que lhes podia conservar a vida. O pai dispunha dêles como bem lhe aprouvesse. Podia relegá-los e matá-los sem que lhe fôsse permitido depor um beijo no semblante daquêle a quem acabava de dar à luz. Não podia fazer testamento nem herdar um bem matrimonial. Por tôda parte desconfiavam dela e a única liberdade que possuía era a de descer oficialmente ao rol das prostitutas. Quanto às escravas, não lhes concedia a lei proteção alguma, os costumes piedade alguma; passavam arrastadas pela vertente de sua frívola juventude; umas com a resignação fatalista que logo tomava o partido do inevitável, outras com o instinto prático das aranhas que não contam as teias rasgadas, recomeçando sempre a urdir novas. Mergulhadas tôdas na devassidão e não tendo senão o vício para libertá-las e conservar-lhes a liberdade!

Eis o destino das mulheres em Roma, na época mais brilhante da civilização romana, na época em que o ouro e o mármore recobriam a capital do Império. Para qualquer lado que lancemos os olhares sôbre o universo, encontramos sempre um mundo mergulhado no sangue e no estu-

pro. A mulher desprezada e, portanto, o homem, acorrentado pelo desejo, prostrando-se diante de seu instinto. O que fizeram essas escravas, a história no-lo conta. Seus nomes sobrenadam em um lago de ignomínia e de impureza.

E não acontece hoje o mesmo com as mulheres que, abandonando o Senhor, renegam as partes superiores de sua alma para viver com os cínicos e implacáveis que as conduzem à desgraça, não acontece o mesmo quando se submetem friamente a tôdas as torpezas para atingir seu fim, para adquirir um novo meio de domínio, para acumular o dinheiro que é uma fôrça; quando passam dos braços dos potentados da finança aos dos potentados da política, quando envolvem de mistério e habilidade sua vida insípida? São estas as que, como no tempo dos Césares, dirigem o mundo nos salões, porque depressa vêem a fraqueza do deus que as admire, e que elas reconhecem aviltá-las. Não acontece o mesmo quando, esquecendo seu papel de cristãs, vivem na obstinação de nada perder dos bens adquiridos, a jogar simultâneamente e até ao fim com tôdos os compromissos, a pôr em risco a alma, se necessário, antes que negar-se a tôda fantasia perigosa? Seu beijo não é mais a ternura de um amor virginal, mas o sêlo de uma vontade que assinala um instrumento para o ato que ordena. Sua companhia não é mais a intimidade de uma vida colocada em Deus, mas o tumulto das paixões reprimido sob uma fria reserva; o júbilo de escutar o surdo trabalho de aviltamento que se prepara a dissolver, junto a seu vestido, a fôrça de um homem.

Que alegria para essas mulheres ver tombar um carvalho, tocando-o com a luva e que homem, não sendo cristão, resistiria a tal tentação?

Tal era a mulher antes de Cristo Jesus, tal nos aparece ainda hoje quando olvida o grande mistério da Encarnação, tal se acha em tôdas as sociedades em que o sol da Redenção não penetrou as trevas; tal ela se torna em tôdas as sociedades donde se retira êste sol.

À parte alguns sinais de respeito exterior que certas religiões concedam à mulher, achamos por tôda parte, fora do Cristianismo, o concubinato, a poligamia, o repúdio, o sequestro. A mulher, reduzida à mais aviltante domesticidade, ignorante, desprezada, sobrecarregada de trabalho na pobreza e de ociosidade na riqueza, reune a tôdas as misérias morais, imensa degradação intelectual e moral. Seus vícios parecem justificar o rigor de seu destino. Daí as desordens, as desgraças particulares, as catástrofes públicas, segrêdos das incompreensíveis reviravoltas das fortunas e felicidades públicas e privadas, segrêdos explicados de tantas maneiras pelos psicólogos e políticos. Porque é necessário não esquecer que a voluptuosidade não é estéril, mas gera sempre uma filha: a ferocidade. Estando a mulher fora da sociedade e relegada a um segundo plano, resulta a privação de duas coisas cuja ausência é fonte de males incalculáveis; falta à sociedade a base sagrada da família, e ao homem a sublime virtude depositada por Deus em seu coração: humanidade.

O Evangelho de Cristo Jesus fêz com que a mulher fôsse reintegrada na sociedade, de onde fôra excluída. Chegou a transformá-la pela liberdade e por algo de mais maravilhoso que a liberdade, pelo amor. Tudo o que a sabedoria romana, com o voluptuoso Horácio que reclamava duas vêzes a morte para a vestal perjura, se esforçava por obter, era alguma estéril qualidade enxertada em uma árvore apodrecida. Havia algumas considerações de justiça e dignidade nêsse mundo de utopia, que parecia esboçado sôbre alguns traços vagamente percebidos na história de nossos primeiros pais. Mas César ignorava o verdadeiro amor e, por outro lado, a liberdade fascinava êsse sensual. Foi o Cristianismo que se dirigiu diretamente à liberdade e ao amor e lhes exigiu virtudes que o homem não acreditava possíveis nem em seus deuses. Sôbre a nova terra, floresceram essas duas virtudes. A mulher escrava torna-se a virgem, a espôsa, a mãe, a

santa, a mártir cristã. E a Virgem Maria, estabelecida no Calvário Mãe de todos os homens, ergue a pecadora que sofre e consola a mãe que geme.

Considerando essa maravilhosa transformação, que homem sensato não experimentará o imenso reconhecimento do Apóstolo São Paulo? Era espantosa e agitada a noite, mas eis que se desfaz e vai espalhar-se o dia, trazendo consigo a paz. Não é Maria esta bela aurora que nos traz a plena luz, Maria que vem arrancar do coração da mulher o germe renascente de suas paixões para nela fazer desabrochar tôdas as flores primaveris e depor em sua fronte tôdas as estrêlas do Céu? A queda começara pela mulher, é pela mulher que se anuncia e começa a Redenção. Eis a nova Eva que traz o novo Adão. Aparece, bela e pura como delicioso perfume a flutuar nas manhãs de maio, tão enamorada da castidade que deseja permanecer virgem sob uma lei e em meio a um povo onde a esterilidade era uma desonra; tão respeitada por Deus que Êste, para honrá-La com a divina maternidade, pediu-Lhe o seu consentimento. Descendente do sangue real de Davi, Maria era humilde; tendo descido a uma condição obscura, aceitava, sem murmurar, a pobreza; dotada do espírito profético, silenciava; sua beleza, celebrada pelos anjos, estava oculta aos olhos do mundo. Seu espôso era um justo que haveria de guardar a sua virtude. Vivia em uma pobre casa, com o trabalho de suas mãos; submetia-se a tôdas as leis, a tôdas as observâncias, e purificava-se pùblicamente após ter levado em seu seio e dado à luz o Verbo de Deus.

Em uma época de inteligência obscurecidas, de ações desregradas, em que a humanidade não procurava senão o dinheiro, Maria, Mãe de um Filho todo-poderoso, não Lhe pedia nem os esplendores do mundo nem as riquezas efêmeras, aceitava simplesmente dÊle as angústias e ignomínias, aceitava os sete gládios que Lhe haviam de transpassar o coração, e que conservaria até que Deus o chamasse finalmente para Si, permitindo-Lhe sofrer

também a morte, lei última desta vida, durante a qual, embora preservada de tôda mácula do pecado, Ela suportara entretanto, como o Messias, as penas do pecado.

Eis a Mulher tal como Deus a restitui ao mundo; eis a Virgem por excelência, a Mãe cheia de amor, a Viúva resignada em tôdas as provações da vida. Se Deus a rodeou de tal glória, se A cumulou de um brilho celeste tão maravilhoso, se Lhe conferiu tantos privilégios divinos, é porque Maria Lhe pertencia inteiramente; se A submeteu à dor, se A mergulhou na provação, pronta a seguir-nos para realizar conosco a nossa tarefa, a nossa missão na fé e no amor, é porque Ela era para nós. Era necessário que tôdas as situações legítimas da vida da mulher fossem santificadas na Virgem Maria, porque necessário era que tôdas as mulheres pudessem encontrar o seu modêlo e não pudessem nem elevar-se a tal estado de grandeza nem cair em fantasias de um idealismo mal compreendido, sem que vissem por tôda parte a Mãe de Deus, humilde, laboriosa, casta, fiel, resignada, obediente. Não devemos esquecer que Maria não está sòzinha junto à Cruz em que seu Filho expira pelos pecados do mundo; Ela não está sòmente com o Apóstolo irrepreensível. Ali chora, prostrada, a pecadora, e a Mãe de misericórdia não afasta de seu vestido aquela que, chorando, beijou os pés de seu Filho e nêles derramou perfumes mesclados de lágrimas, enxugando-os com seus cabêlos.

E no entanto, imaginemos a civilização brilhante da época em que surgiu Maria em tôda a grandeza de sua simplicidade e de seu amor.

Na Roma de Augusto que contava alguns milhões de habitantes, para três quartos dos homens não existia a família, e ninguém gozava a sua sagrada plenitude. O nome de mãe de família significava prostituta. Em tôda a Grécia, votada ao culto do amor impudico, o amor conjugal não possuía um templo, e fôra impossível encontrar seis meninas virgens, dos seis aos doze

anos, que quisessem aceitar as prerrogativas acumuladas sôbre a cabeça das vestais. Foi necessário admitir as filhas de libertos a êsse sacerdócio durante longo tempo reservado ao patriciado, ou antes, foi necessário impô-lo por um ato ditatorial. Sem dúvida, seria uma espécie de injustiça exigir de tais mulheres a pureza cristã, ou mesmo a luta constante e corajosa contra o pecado, ou enfim o arrependimento interior e profundo de uma alma vencida pelo pecado. Mas seus costumes não eram simplesmente maus costumes como hoje os entendemos. Eles não se contentavam em ceder à natureza, violavam-na. Não se defendiam; não se envergonhavam. Alguns anos após, esta mesma Roma, conforme a bela expressão de Santo Ambrósio, contava em seu seio todo um povo de virgens que, a perder sua virgindade, preferiam a morte, como o sabiam dar os carrascos de Nero. Os anais do Império mencionavam alguns nomes de mulheres que pareciam ter conservado um reflexo de honra e de virtude; mas, ergueu-se o Cristianismo, e o mundo, cuja baixeza era sòmente comparável à corrupção, transformou-se em um viveiro de santos e de santas, dignos de memória eterna. Para transformar a carne e o sangue, eram necessários os braços dos mártires; para curar o mundo, seu sangue generoso, que pelo batismo se tornara o sangue de Cristo, formado no seio de uma Virgem Mãe: Maria.

O que viram os primeiros séculos e causou a admiração do mundo inteiro, viram e admiraram todos os povos, tôdas as gerações cristãs. E as que virão chorar sôbre nossos sepulcros cobertos de musgo, ainda o verão e admirarão como nós. O culto da Virgem Maria permanecerá para os homens a fôrça capaz de sustentar a sociedade que se liquefaz ao ímpeto dos sábios, que se arrogam mais liberdades que os pagãos dos primeiros séculos, pois fazem guerra ativa ao Cristo paciente e desarmado, ao Filho da Virgem puríssima. Esse culto conservará a família, salvará a sociedade. Mau grado a

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

lamentável educação dada à nossa juventude de hoje pelos pais que não rejeitam a Deus, que não lhe querem fazer guerra mas que simplesmente se decidem a esquecê-Lo, ignorando que Deus não os esquecerá; mau grado a falsa ciência que contesta os milagres, ora por uma brutal negação, ora por injuriosas explicações, declarando que o milagre não é aceitável nem na história nem na filosofia; mau grado o orgulho do homem que recorda em sociedade as imprecações dos profetas para fazer-se admirado; mau grado o prazer que desperdiça as loucas generosidades do coração e passeia seu desejo pelas culminâncias do sonho; algo o retém ainda e limita o terrível poder que lhe é concedido de separar-se inteiramente de Deus. Aí está a mulher cristã, virgem, espôsa, mãe, com as mãos estendidas para Maria, os olhos erguidos para Ela, humilde nas riquezas, paciente nas maiores dores, corajosa nas desgraças, fiel a seus deveres, devotada até àquêles que se utilizam da mentira para acreditar uma moral sem Deus. Ela aí está, tôda poderosa pela fé que A consola e a torna incomparàvelmente bela, como as orquídeas da floresta russa que nenhum olhar ofende, impregnada de sua graça selvagem e do seu casto perfume. A mulher que ora, que espera e sofre pacientemente, triunfa sempre. Com suas virtudes, possui direitos, legítima conquista das mesmas, que não lhe podem ser arrancados sem regredir às voluptuosidades de Sardanapalo ou ao epicurismo de Sócrates. Mãe que arma o coração de seus filhos consagrados a Maria, sabe que nas almas lavadas pelo batismo, mas recusando a evidência da verdade para se associarem aos pecadores em seus passageiros extravios, conservarão a energia capaz de lhes mostrar, um dia, a bondade e o amor da Santíssima Virgem e de recoduzí-los aos pés de seu Filho. Aquêle que não está envolvido pelo hábito não está sepultado.

Assim, o mundo sabe o que faz quando procura diminuir, renegar, banir o culto da Virgem Maria! Quer

expulsar o anjo da família, para lhe devolver a paixão desenfreada dos vícios que agitam o espírito das sociedades e amadurecem no povo as grandes revoluções. Perdendo o amor de Maria, perde a mulher suas consolações, em seguida sua fé, suas virtudes, para exibir-se como Pilades e Batila em todos os "dancings" e salas de espetáculo. Em breve também a indissolubilidade do laço conjugal parece fardo excessivamente pesado para a liberdade dos instintos; o matrimônio não é mais senão um contrato temporário para satisfazer às ternuras que sobrevivem no âmago de dois corações. A mulher recai no desprêzo, na servidão, foi atingida a família. Estando aí a desordem, não tardará a manifestar-se por tôda parte onde o desejo exasperado fala mais alto que a razão, e onde a imaginação, fascinada por tudo quanto há de delirante nêste mundo, sacrifica a virtude a uma fantasia de idealismo mal compreendido.

Seria inútil combater aqui as opiniões dos que consideram o culto da Virgem como exagêro introduzido pela Igreja Católica.

Para nós, o que a Igreja faz, está bem feito; e esta pretensa novidade que lhe censuram não é senão uma luz perfeita dada à vida eterna, e uma infatigável claridade que conduz à evidência. Mas os que tivessem necessidade de outra razão, para satisfazer a sua inteligência, digam-nos porque, em tôda parte onde se enfraquece o culto de Maria, diminuem as obras normais do Cristianismo. Porque desaparecem onde êste culto não mais existe; porque aumentam, onde já existe.

Os fatos aí estão e a razão, a pobre razão humana por si só, por pouco que dêles se queira servir, bastaria para repelir essas miseráveis asserções que, sob pretexto de mais honrar a Deus, se esforçam por diminuir a glória da Virgem Maria.

Se Deus formou com tanto cuidado a sua Mãe, é

porque A desejava parte essencial na obra de nossa Redenção, ê porque desejava nos inclinássemos diante do mistério, reconhecendo-O Senhor da vida e da morte.

O espírito se apavora ao pensar no que faltaria ao mundo há dezenove séculos, se lhe faltasse a beleza, a doçura, o divino encanto e a divina fôrça da virgindade e do amor que nêle esparze a figura da Virgem Maria.

Basta ler o Evangelho para compreendê-lo e é por esta razão que desejei narrar a sua vida, simplesmente, haurindo nêste livro que venceu o êrro, a fôrça de minha argumentação. Não sobrecarreguei de notas essas páginas que a boa fé dirige à boa fé. Cito com exatidão, sem indicar os textos dos Padres e dos outros escritores católicos, de que amplamente me utilizei, mas que muitas vêzes reuni, dois ou três, em uma frase única, para maior rapidez. Quis um livro para todos os homens, um livro que todos possam ler e compreender.

Ó Virgem Maria, os que Te desprezam, hão de bendizer-Te! Possam êles implorar-Te antes que chegue o dia da justiça de teu Divino Filho.

Possam êles, nêste tempo de tua bondade, desejar o teu Amor que sempre lhes é oferecido. Possam êles ser colhidos nas doces malhas de tua misericórdia, êles que se esforçam por afastar os outros dos caminhos da luz e do perdão!

Oh! Tu que consolaste tantas dores indescritíveis, apartaste e sustentaste tantas fraquezas incuráveis, purificaste tantas e a Ti voltaste inquietas ternuras, tantos amores infelizes que perturbam e seduzem os corações, sê para a virgem órfã o refúgio e amparo, para a espôsa abandonada a confidente e amiga, para a mãe que perdeu seus filhos ou que treme de perdê-los pelo pecado, a consoladora de todos os instantes, para a viúva a perpétua guardiã, para todos nós, o raio de esperança em meio a esta vida.

Sê, ó Virgem Santa, a fascinante Estrêla que conduzirá os povos, cegos pelo materialismo, às claridades eternas.

Rabat.

23 de Janeiro de 1945.
Festa das Núpcias da Bem-aventurada Virgem Maria,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO I

AS PROFECIAS E A VIRGEM MARIA

Em meio de um mundo que se revolvia na abjeção, só um povo escapava à condição geral de ignomínia, adorava o verdadeiro Deus, possuia um Sacerdócio e praticava um culto verdadeiro. Era o povo da imortalidade, destinado a fornecer um corpo ao Eterno. À custa de advertência, penas e castigos, Deus se esforçara por arrancar do coração de seu povo eleito o germe da idolatria. Imperfeitos observadores da lei mosaica, assim como os cristãos de hoje em relação à lei evangélica, ignoravam e seu espírito e permaneciam apegados ao culto exterior.

Transgrediam a lei; não a renegavam. E isto bastava para elevá-los acima dos orgulhosos romanos, dos filósofos, dos idólatras que recusavam a verdade e menos ainda queriam a liberdade. Sob os muros do Templo que erguia sua massa imponente acima de Jerusalém, o homem, ontem poeira sem nome e amanhã sem lembrança, átomo imperceptível sôbre esta terra perdida entre a poeira dos astros, permanecia sempre um súdito do Altíssimo. Leis justas e equitativas conservavam-lhe a dignidade. Cerimônias religiosas e nacionais ensinavam-lhe os segrêdos de sua história e a grandeza de sua religião. Se queria servir a Deus, as

orações sagradas lhe ensinavam a perfeição da vida e o conhecimento da justiça; oferecia imolações rituais; fazia obras de penitência e de caridade; esperava acima de tudo a realização de uma promessa infalível; sabendo que o Messias, o Redentor de Israel devia nascer da estirpe de Davi, filho de Abraão, e que veria o Deus vivo na terra de seus pais.

Êsse Deus de Abraão que haveria de enviar o Redentor, ouvimos Isaias dizer-nos que Êle nasceria, não de uma virgem, mas da "Virgem concebendo e dando à luz".

O humilde israelita, que ouvia na sinagoga de sua aldeia a leitura dessas palavras, não suspeitava que, acreditando em sua realização, possuía uma esperança que devia revolucionar a Grécia e levar a Roma um sôpro de regeneração.

Apesar das terríveis lutas ocasionadas pelas faltas e transgressões, Israel gozara períodos de paz e de repouso. Desde a volta do cativeiro de Babilônia até o domínio das águias romanas, a Judéia desfrutara quatro séculos de calma e de radiosa prosperidade.

Durante êsses quatro séculos, a Grécia passara da guerra pérsica e da derrota do Xerxes à vitória do cônsul Mumius que a reduziu a província romana; Cartago submergia-se no poente de seu esplendor e Roma banhava-se no sangue espalhado pelos Imperadores, de Tarquinio a Mário.

A paz da Judéia, onde cada um "enchia suas eiras de trigo e suas vasilhas de mosto e de azeite" não foi notàvelmente interrompida senão pela breve e gloriosa guerra dos Macabeus, últimos heróis dêsse povo cujos destinos se continuam através do mundo.

O povo que Deus escolhera, que dÊle recebera suas leis e seus chefes, que guardara através dos

desertos e países estrangeiros seu Senhor e Mestre, desapareceu para renascer e arrastar sua eterna miséria através do mundo. Após ter pregado o Deus vivo nos braços da Cruz, vive em meio aos povos iluminados pela divina luz, que se obstina em não ver e, rejeitando as eternas promessas, morre para renascer um dia, acrescido de tôda a humanidade.

É no meio dêste povo que se vai realizar, no momento anunciado cinco séculos antes por um do seus últimos profetas, o acontecimento mais maravilhoso que viu, não sòmente a terra, mas também o Céu.

Na terra, trata-se de uma nova criação, pois que a criatura decaída, "mãe de todos os vivos", deve ser reerguida acima de seu primeiro estado. No Céu, trata-se de uma modificação, de um proceder que se vem curvar sôbre a nossa miséria.

É por meio dêste mistério que a terra, onde Deus vem "habitar entre nós", se torna o lugar onde Êle permanecerá de maneira mais divina que antes no mais alto dos Céus, e o Céu, aonde vai subir a natureza humana indissolùvelmente unida à natureza divina, será enriquecido com uma nova adoração que os anjos e almas santas Lhe testemunharão para todo o sempre.

Êste acontecimento é a consumação do amor de Deus pela criatura que criou, é o resgate da humanidade.

Pois que aprouve a Deus operar de maneira que ultrapassa tôdas as esperanças e tôdas as previsões da humanidade, encontra-se, no âmago de tôdas as tradições, a idéia de uma Virgem gerando Aquêle que, por sua inocência, haveria de remir os pecados do mundo.

A consciência do mundo, em meio às aberrações da religião e às aberrações da sabedoria, rendia involuntária homenagem à majestade da pureza da Mãe e do Filho. Mas, no decorrer dos séculos, as imaginações depravadas pelos sentimentos excessivamente humanos, haviam tecido, sôbre êste fundo de verdade, lendas insensatas.

O Messias legendário e nacionalizado, seria revestido de couraça e escudo; devia combater para trazer a paz e a felicidade a Israel.

Eis porque era necessário que o Messias viesse e não O reconhecessem, eis porque Êle devia nascer de uma Virgem desconhecida. Era necessário que a Redenção fôsse um esfôrço e uma conquista, era necessário que o Cristo sofresse para entrar em sua glória e que o inocente levasse a pena dos culpados. Era necessário para que a liberdade humana permanecesse integra, apesar dos repetidos assaltos da graça divina; era necessário que Êle entrasse nêste mundo por meio dAquela predestinada por Deus para uní-Lo à nossa carne.

Os judeus acreditavam em seus pais e em Moisés a quem Deus falara no silêncio dos desertos e das montanhas. Reconheciam-se depositários da promessa, nela pensavam continuamente e continuamente seus pensamentos eram despertados e fortificados pela voz do próprio Deus, e pelos milagres que Êle constantemente fazia. Os profetas renovavam a promessa, afirmavam-na, desenvolviam-na sem desfalecimento. A Bíblia que liam em cada cidade e em cada sinagoga, estava repleta de Messias que havia de nascer da Virgem. As revelações O anunciavam, as personagens históricas figuravam sua mãe: Jael, de Cineu, perfurando a fonte de Sisara; Judite que, triunfando de Holofernes, torna-se "a glória de Jerusalém, a alegria de Israel e a honra de seu povo"; Ester, cujos

encantos conquistaram o coração de Xerxes e alcançaram graça a todo o seu povo. Tôdas as libertadoras de povo hebreu anunciavam a mulher vitoriosa da serpente, a corredentora do gênero humano.

Os judeus, embora não todos, A desprezaram e A desprezam ainda. Mas, desprezando-A, testemunham que nEla esperavam; e sua miséria moral, que não podem aliviar e que o mundo vê ainda hoje, também predita, atesta que êles possuíam uma esperança ilimitada nAquela que havia de gerar o Messias.

Os homens de hoje, mais ingratos e menos cegos que os judeus, procuram afastar essa prova esplendorosa de sua miséria moral. Perturbados, mau grado seu, pelos testemunhos dos profetas e da história de Israel, esforçam-se por silenciar êsses maravilhosos documentos, ou por considerá-los sonhos de loucos ou de históricos. Desconfia-se de tôda a história de um povo, que conservou com o mais tenaz amor o seu passado, rejeitando para isso os documentos mais seguros que existem no mundo. E o fazem para suprimir Aquela que veio esmagar a cabeça "do domônio, Aquela que nos deu o Messias", "a Mulher vestida de sol". Que profissão de fé nessa Virgem que, de "fronte aureolada por doze estrêlas", veio a êste mundo para iluminar a humanidade que chora e pousar sua mão na fronte do sábio que duvida!

A rigor, a história da Virgem Maria não começa na terra, pois que Ela foi predestinada para unir Jesus ao mundo. Mas, até na ordem de sua manifestação temporal, Maria não começa nem termina em Jerusalém. Vai da criação do homem, pois que Ela é a primogênita de tôda criatura, até a consumação dos séculos, e permanecerá até a consumação dos destinos humanos.

Após a queda, no momento de serem expulsos de Eden, Adão e Eva, punidos, não malditos, ouviram a palavra de Deus à serpente que aconselhara a desobediência e triunfara: "Porei inimizades entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a sua; ela esmagar-te-á a cabeça e tu tentarás mordê-la no calcanhar". É aí que começa a vida temporal de Maria, é até aí que devemos remontar se não quisermos trair tudo ao mesmo tempo, a Deus que é a verdade, e aos homens que necessitam da verdade.

Ela está prefigurada no tempo de Noé quando o Arco esplêndido traçado pela mão do Altíssimo, lembra-lhe a sua misericordiosa aliança com tôda a carne.

"Quando reunir as nuvens sôbre a terra, aparecerá o arco; e lembrar-me-ei da aliança entre Mim e vós, todos os sêres vivos, de tôda carne, e as águas não mais se tornarão dilúvio para exterminar tôda carne".

Essa prefiguração se renova quando Jacó, filho de Isac, vê em sonho a escada misteriosa, que descansa na terra e cujo ápice toca o Céu; por ela sobem os anjos, levando nossas homenagens e preces; por ela descem, carregados das graças e dons do Verbo incarnado.

É Ela a grande visão de Horeb, a sarça ardente em que Deus se manifesta a Moisés para a libertação de Israel: pois na sarça jamais consumida pelas chamas, diz a terceira Antífona das Laudes da Circuncisão, vossa virgindade maravilhosamente conservada, ó Mãe de Deus.

Os profetas que sucederam a Moisés assinalam traços cada vez mais precisos da nova Eva, que será também "a Mãe de todos os vivos". Miquéas profetiza o nascimento do Messias em Belém e acrescenta, sem outra explicação, que Deus entre-

gará seu povo à opressão "até o tempo em que gerar Aquela que gera".

Isaías prediz que o Messias nascerá de uma Virgem: «Escutai pois, casa de Davi: não vos basta ser molestos aos homens, senão que também ousais sê-lo ao meu Deus? Por isso, Adonai mesmo vos dará um sinal: eis a Virgem concebendo e dando à luz um Filho, e Ela lhe dá o nome de Emanuel. Comerá manteiga e mel até que saiba rejeitar o mal e escolher o bem; será deserta a terra cujos reis te fazem tremer".

Jeremias deixa entrever o mistério da Incarnação: "Volta, ó Virgem de Israel, volta às tuas cidades. Até quando estarás hesitante, Filha extraviada? Pois Javé cria uma novidade sôbre a terra: uma Mulher cercará um Homem forte".

Ezequiel, na visão da cidade reconstruída, contemplou a porta oriental do Templo. Esta porta, que figura a Virgem Maria, não se abriu senão ao Senhor, quando sua glória se manifestou no Templo e Êle fêz a sua entrada pelo Oriente. Desde então, "esta porta estará fechada; não será aberta e ninguém passará por ela, porque por ela passou Javé, Deus de Israel". Maravilhosa imagem dAquela por quem o verbo entrou no mundo, e cuja divina fecundidade consagrou para todo e sempre uma inefável pureza.

É ainda uma profecia geral e não a menos bela, a veemência com que o autor do Cântico dos Cânticos canta a união de Deus com Maria. Jamais teve o amor acentos tão penetrantes. Coloca nos lábios do Espôso o grito de admiração que exprime a beleza sem mácula, a intimidade sem nuvem: 'Como és formosa, amiga minha, como és formosa, amiga minha, como és formosa; teus olhos são pombas... és tôda bela, amiga minha, e em ti não há mácula".

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Os nomes que lhe dá, as imagens pelas quais A representa, exprime êste mesmo amor e profetiza ainda. "Como o lírio entre os espinhos, assim é minha amada entre as mulheres". Compara-a também a um exército magnífico. "Minha amada, és bela como Tirsa, agradável como Jerusalém terrível como os exércitos sob seus estandartes". Declara que "seu coração está ferido" pelos desejos de sua amada, corresponde pelo dom de si mesmo. A Virgem Santa pode dizer dAquêle que repousava no Céu, no seio do Pai: "Enquanto o rei estava em seu leito de repouso, meu nardo esparziu seu perfume". Eis porque "Única é a minha pomba, a minha perfeita, única é ela para a sua mãe, escolhida pela que lhe deu o ser."

Eis, entre tantos outros, alguns traços da vasta simbolização da Virgem, ditados por Deus aos profetas, para que Ela fôsse conhecida por Israel e pelo mundo. Sem dúvida, nem tudo o que Lhe diz respeito é igualmente luminoso, e não podia tão pouco receber sua perfeita e maravilhosa claridade senão quando de sua apariação no mundo. E, sem dúvida ainda, nem todos os judeus, disseminados em Roma e no Império, compreendiam igualmente o que se podia desde então compreender. Existiam entretanto em número suficiente para fazer surgir as tradições ocultas no mais profundo da história, e para levar aos pagãos mais verdades do que o fizeram os prudentes e sábios.

Quanto a nós, que viemos na sucessão dos tempos, tivemos a felicidade de contemplar Maria em tôda a sua grandeza e de compará-la ao retrato antecipadamente executado pela boca dos profetas. Por infelicidade, alguns escritores lançaram-se raivosamente no absurdo. Consideram, como formidável descoberta, que várias profecias haviam sido interpoladas; e como tal descoberta não lhes permetia escapar totalmente, pois o Antigo Testa-

mento data de muitos séculos antes de Jesus Cristo, acharam outros mais razoável afirmar que o Evangelho fôra fabricado de acôrdo com as profecias.

Nossos ateus modernos giram em volta dêsse mistério. É a ciência, parece, que o quer. Infelizmente, muitas profecias do Antigo e do Novo Testamento não se cumpriram senão muito tempo depois da época mais próxima possível a admitir-se para a redação dos Evangelhos. É preciso confessar que êsses indivíduos, que teriam forjado o Cristo segundo as profecias, foram ainda profetas êles próprios. Basta citar a palavra da Virgem Maria: "Tôdas as gerações me chamarão bem-aventurada" para verificar que nem os tempos, nem os homens poderiam obedecer mais dòcilmente a êsse marvilhoso decreto.

Deixemos essas contestações ridículas e lembremos as passagens do Eclesiástico, magnìficamente cantado desde os dias de Salomão até os confins da época as moneana, em que a sabedoria aparece sucessivamente como um atributo divino, uma virtude da alma justa, uma pessoa divina, digamos melhor, algo de divino que se inclina para o homem e o une a Deus. Nada poderia corresponder melhor à própria idéia do Verbo feito carne no seio da Virgem Maria.

"Elevei-me como o cedro do Líbano,
E como o cipreste nas montanhas do Hermon.
Como a vide, lancei renovos de alegria,
E minhas flores frutificam em glória e em riqueza.
Vinde a mim, todos os que me desejais,
E saciai-vos de meus frutos.
Porque minha lembrança é mais doce que o mel,
E minha herança mais que o favo de mel.
Os que me provam, terão mais fome,
E os que me bebem, terão mais sêde;

O que me escuta não será confundido,
E os que trabalham comigo não pecarão".

Essas magníficas promessas desenvolvem-se com um sentimento de fôrça e de grandeza. Renovam êsses prementes apêlos para receber os bens que a sabedoria quer derramar sôbre todos, como orvalho fecundo.

"A mim o conselho e a prudência;
Eu sou a inteligência, a mim a fôrça.
Por mim reinam os reis,
E os poderosos decretam a justiça;
Por mim governam os príncipes,
E os chefes, todos os juízes da terra.
Por mim, amo os que me amam,
E os que me procuram me acharão.
Comigo, a riqueza e a glória,
A esplêndida opulência e a justiça.

Meu fruto é preferível ao ouro, e ao ouro purificado.

O que nasce de mim vale mais que a fina prata.

Marcho no caminho da justiça,
Entre as veredas do juízo.
Tenho o que distribuir aos que me amam.
E encherei os seus tesouros.

. . . . . .

A sabedoria construiu sua casa,
E nela talhou sete colunas.

Os animais estão sacrificados, ela preparou seu vinho,
Já dispôs sua mesa.
Enviou suas servas, e chama
Das culminâncias da cidade::
"Quem não tem saber? que venha!"
E ao desprovido de inteligência, diz:
"Vinde, comei o meu pão,
e bebei o vinho que preparei!"

Enquanto os poetas hebreus cantam a sabe-

doria eternamente gerada do Pai, não vemos ao mesmo tempo erguer-se diante de nós a visão radiosa da Virgem Mãe tendo nos braços o Filho divino que veio a êste mundo para preencher soberanamente o objetivo do amor de Deus?

Ao aproximar-se do nascimento de Maria, cintilava já no firmamento o sinal indicado por Jacó. O cetro sairá de Judá. No trono de Davi, reinava como tirano, sob o domínio dos romanos, Herodes, estranho ao sangue real, talvez até ao sangue de Abraão. A política de Herodes se esforçava por realçar a beleza do Templo e desonrava violentamente o sacerdócio. O soberano Pontificado tornara-se o joguete dos poderes do dia. A religião declinava no meio das cerimônias suntuosas. As seitas se multiplicavam, enchendo de contestações as escolas e o próprio Templo. Os saduceus, ricos e zombadores, propagavam o desdém pela lei; os fariseus, cheios de orgulho e vaidade, ultrajavam-na de outra maneira, sobrecarregando-a de práticas ridículas; os essênios, verdadeiros cismáticos, impunham-se regras de vida austera, mas eximiam-se dos preceitos, rejeitavam as tradições, e queriam honrar a Deus sem oferecer sacrifícios.

Era a confusão nos espíritos e os justos observadores da lei divina pressentiam uma catástrofe, embora esperando uma libertação

O Messias, todos O esperavam. Mas quanto a êste Messias que lhes seria enviado, todos haviam perdido também a sua verdadeira noção.

Não era para êles O que devia nascer de uma Virgem.

Esta Virgem não podia corresponder ao caráter nacional do povo hebreu. O domínio romano era-lhes um fardo do qual sentiam pressa de libertar-se. Sua insolência violava continuamente os usos religiosos.

Messias era-lhes acima de tudo um Libertador. Os judeus não imaginavam que Êle pudesse nascer de uma pobre Virgenzinha. Julgavam, ao contrário, que o Desejado das Nações haveria de nascer na opulência, sôbre os degraus de um Trono, e viria em armas, terrível e triunfante, trazer-lhes a riqueza e substituí-los aos senhores do mundo. Assim, quando Maria devia "surgir como a aurora", formavam-se, nessas almas apegadas à terra, trevas mais densas que a noite.

No entanto, reinava a paz na Judéia, como aliás por tôda parte. Augusto restituira a paz ao mundo e subjugara as rebeliões em Roma. As contínuas discussões de Jerusalém em nada perturbavam essa geral tranqüilidade. Lá muito menos, nenhum partido podia pretender assenhorear-se do poder. Era uma página de calma que se inscrevia na história.

Em Roma, a portas do Templo da Paz haviam sido fechadas pela espada de Tibério. "Êle alcançava o silêncio das armas em meio ao qual deveria surgir Aquela que é mais forte que um exército em ordem de batalha". As guerras, únicos acontecimentos da antigüidade, calavam-se por tôda parte.

Em meio a essas trevas, "Aquela que é formosa como a lua", vai erguer-se para viver a nossa vida, para suportar o pêso de nossa carne. É a Mãe que procuramos; é a Virgem que ousou mostrar-se; mas a Virgem não se mostrará senão para dar-nos a Mãe. Não nos será difícil amá-La. E Lhe peçamos que nos ame.

Maria, agora, permanece nosso modêlo. É como o velo de Gedeão. Na corrupção universal, sòmente Ela permanece imaculada. Ela passou entre nós, Ela permanece na glória. Mas, Estrêla sempre brilhante há vinte séculos, encontra sempre cegos mais abstinados. Tal o mistério da liberdade hu-

mana; vê, mas não quer acreditar. Se não quisermos permanecer nas trevas, peçamos Àquela cheia de graça que nos auxilie a sair.

A oração alcança a graça, e a graça traz a claridade. Mostra-nos que, se Deus houvera amado menos ao homem pecador, não tendo que destruí-lo como obra mal feita, te-lo-ia quebrado como obra rebelde.

Mas, porque sua obra é boa e conforme seus desígnios soberanos, conservou-a; porque inteligente e livre, e porque prevaricou voluntàriamente, puniu-a; porque a amava com amor eternos, preparou-a por seu Cristo Jesus, Filho de Maria.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO II

A FAMÍLIA E O NASCIMENTO DA VIRGEM MARIA

(aproximadamente no ano 22 antes da era vulgar) (*)

Há duas personagem nas primeiras páginas do Evangelho de São Lúcas: Deus e a Virgem Maria, e o lugar da Virgem não é menor que o de Deus. É no seio da Virgem que Deus desce à terra, é por meio dEla que o Espírito incriado reveste o pêso da carne, que o Infinito se circunscreve nas entranhas de uma mulher. É por Deus que o Todo Poderoso aceita a pobreza; por Êle a própria pureza assume a fealdade do pecado, por Êle a Virgem aceita tornar-se Mãe e mãe do gênero humano.

O homem é o objeto do amor de um Deus e de uma Mulher. Antes de erguer para Deus o nosso olhar, lancemo-lo para esta Mulher, descendente de uma família real, cuja perda da riqueza já dera início à Lei evangélica da pobreza e desapêgo.

Convém aqui uma observação a respeito das

(*) Datas aproximativas que resultam dos estudos críticos sobre a cronologia do nascimento de N. S. J. C. (N. D. T.)

duas gerações da Virgem Maria, diversamente apresentadas pelos dois Evangelistas S. Mateus e S. Lucas. Não é necessário um estudo completo dessas divergências. Basta observar que a genealogia dada por S. Mateus, precisamente a de S. José, espôso de Maria, é igual à da Virgem Santa que, segundo a lei, sòmente podia esposar um varão de sua casa. E a genealogia, dada por S. Lucas, A faz descender, como a outra, "de Davi, segundo a carne", diz-nos S. Paulo.

Do lugar e circunstâncias de cada uma dessas gerações, podemos extrair um importante ensinamento.

S. Mateus, começando pela genealogia antes de referir o nascimento temporal do Filho da Virgem Maria, segue a ordem normal de tôda a história, desce de pais a filhos, assim como a Virgem foi, desde tôda a eternidade, predestinada antes de vir ao mundo. Começa por Abraão, após ter todavia citado Davi: "Livro da geração de Jesus Cristo, Filho de Davi, Filho de Abraão", por conseqüência Livro da geração de Maria, filha de Davi, filha de Abraão.

É um éco soberano do quarto Capítulo do Gênesis, intitulado: "Livro da geração de Adão e Eva" e uma oposição da nova geração, que vem tudo restabelecer, à antiga que tudo destruiu. Lembra imediatamente Davi e Abraão porque recebeu, cada um, uma promessa particular. Dissera Deus a Abraão: "Tôdas as nações da terra serão abençoadas em tua posteridade, porque obedeceste à minha voz"; e a Davi: "Farei sentar em teu trono Aquêle que nascerá de ti".

Além disso, êsses dois antepassados reunem as três dignidades de Maria: sacerdote, profeta e rainha universal.

S. Lucas apresenta a genealogia após o batis-

mo de Jesus Cristo, e, a partir dessa geração, desenvolve outra sucessão de antepassados. Retrocede dos filhos aos pais, emitindo os pecadores que S. Mateus nomeara, porque todo o que renasce em Deus torna-se estranho a seus pais culpados, passando a filho de Deus.

Em ambas as genealogias, podem os nomes, pela significação, ser também aplicados à Virgem Maria, exprimindo algum traço, ou de seu caráter, ou de sua vida, ou de seus mistérios, e várias personagens são ao mesmo tempo figura da Virgem Maria. Rebeca "que era virgem e a quem nenhum homem conhecera" ; aquela "cuja posteridade possui a porta de seus inimigos"; Raquel, "bela de detalhe e de semblante".

Grande número de Padres têm meditado sôbre êsse caráter profético da genealogia da Virgem, e desenvolvido seus magníficos segrêdos. "Tôdas as coisas, diz S. Paulo, sucediam ao povo judeu em figuras". E Bossuet acrescenta: "não há página, não há palavra na Sagrada Escritura que não esteja repleta de Jesus e de Maria".

S. Mateus, escrevendo aos israelitas, contentou-se em estabelecer que a Virgem Maria descende de Davi e Abraão.

S. Lucas, escrevendo depois dêle para todos os povos, como devia fazer o companheiro e discípulo do Apóstolo das gentes, remonta ao primeiro homem. Assim, começa a genealogia no Filho de Deus, filho de José espôso de Maria, e a termina no Filho de Deus, no sentido em que Adão foi feito pelas mãos de Deus. Adão, criado a princípio em figura, nasce depois em verdade.

Jesùs Cristo, o Verbo por Quem tudo foi feito, é verdadeiramente o pai de Adão. Maria, por cujo consentimento tudo foi restaurado, é verdadeiramente a Mãe de Adão e de Eva. É Ela que, dando a

humanidade ao Verbo de Deus, eleva seus antepassados até o próprio Deus, é por meio dEla que se tornam filhos de Deus; e, por isso ainda, mostra-nos S. Lucas o inefável milagre de sua imaculada concepção. Eva tem um Pai que a forma sem concurso de mulher, não tem mãe; Maria teve um Filho formado sem concurso de homem e que tem a Deus por Pai.

Era em Jerusalém, muito provàvelmente, ao norte do Templo e perto da Piscina Probática, que habitavam os pais da Virgem que teve por irmã Maria, espôsa de Cleofas e mãe de Tiago, José, Simão e Judas. Chamavam-se Joaquim e Ana os pais de Maria.

Nada mais admirável que as palavras de S. João Damasceno, exaltando a grandeza dêsse pai e dessa mãe que, em idade avançada, obtiveram de Deus, pela oração, o nascimento de sua bendita Filha: "Ó bem-aventurados esposos, Joaquim e Ana, tôda a natureza criada vos é inteiramente devedora porque, por vosso intermédio, ofereceu a seu Autor um dom, o mais excelente de todos os dons, essa casta Mãe, a única a ser digna de seu Criador... Ó bem-aventurados esposos, Joaquim e Ana, par verdadeiramente imaculado!... Tínheis dispôsto a vossa vida de maneira agradável a Deus, e de maneira digna dAquela que de vós nasceu".

A concepção dAquela que haveria de ser "pura e separada dos pecadores", diz S. Paulo, é uma obra tôda divina.

É bom lembrar que a mão de Deus formara o corpo do homem, assim como o sôpro de Deus lhe deu o espírito. Criado por amor, para conhecer e amar perfeitamente segundo a hierarquia da natureza, criado pelo Soberano Bem para banhar-se na abundância de vida que é a adoração, recebera o homem o sublime complemento da liberdade.

Com a liberdade, podia elevar-se à união com Deus, para recompensá-Lo por lhe haver dado o ser. Mas também por ela, podia afastar-se de Deus, separar-se dÊle, negá-Lo. Possuía a escolha. E como última prova de sua onipotência, Deus lhe dera a liberdade de negá-Lo.

Se o homem tivesse amado a Deus, devia obedecer-Lhe, porque a obediência é a lei e a forma do amor; livre, podia desobedecer, violar a lei, recusar o amor.

Já a revelação antecipada da Incarnação do Verbo no seio de uma Virgem, dêste Verbo pelo qual os anjos haviam sido criados, fôra a causa de sua revolta. Recusaram-se antecipadamente a adorar o Verbo de Deus, quando revestido da inferioridade de uma carne mortal. Êsse mistério do amor divino ultrapassava sua inteligência; a condição do homem que Deus tirara do limo da terra, condições bem inferior à dêles, e que seria preciso adorar em Jesus e em sua Mãe Imaculada, fez com que estremecessem de inveja. Deus fulminou os anjos rebeldes e então o mal existiu; como mal para sempre, como poder por algum tempo. Poder de violenta sedução para o homem, menos violenta no entanto quando êle quer obedecer a Deus.

O homem fôra tentado pela serpente, desobedecera. Violara a lei do amor, preferia a desordem e a morte. E se o homem em tal momento cometia uma falta que não poderia ser reparada senão pelo batismo, iria transmitir a todos os seus descendentes essa falta original que o privava da graça e da perfeição exigida pelo seu destino sobrenatural. Na Virgem Maria, não houve indigência sobrenatural, não houve falta alguma, nenhum pecado. Sua alma, banhada pela graça desde o primeiro instante de sua conceição, A elevava à dignidade dos filhos de Deus. Maria que, como os outros, nascia

da raça de Adão, não teve necessidade de ser remida; foi preservada.

Terminados os mêses de espectativa, houve grande festa quando veio ao mundo a Virgem Maria, para encantar com a sua presença a modesta habitação de seus pais. No fulgor dêsse maravilhoso nascimento, Deus contemplava já Aquela que dos abismos do desconhecido cintilava para o homem, e que iria revelar o enigma do homem de Deus, assim como o vivo sol devora as sombras da noite.

Essa bendita Criança, banhada pelos raios da graça redentora, auxiliaria em breve o próprio Deus a reparar a sua Criatura, recebendo por nove mêses o Verbo pelo qual A criara. O Verbo que tomou a aparência e o pêso do pecado, e carregou-se da morte, pena do pecado. O Verbo que satisfaz ao mesmo tempo a justiça e o amor, para restaurar a vida e abolir a morte. Pois quem senão Deus podia reparar a obra de Deus, satisfazer à justiça de Deus e preencher soberanamente o objetivo da caridade de Deus?

E Maria, encerrada no silêncio de sua vida interior, adorava o seu Deus, porque a perfeição da vida é o conhecimento e o amor do Criador; a perfeição do amor é a adoração.

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO III

O NOME DE MARIA
SUA APRESENTAÇÃO
SEUS PRIMEIROS ANOS

(aproximadamente de 19 a 7 antes da era vulgar)

Maria surge portanto, e é a aurora do Cristo. Quando o Senhor talhava o corpo de Adão, contemplava antecipadamente o Verbo incarnado e, "modelando cada porção do argila, diz Tertuliano, pensava no Cristo que haveria de ser homem um dia". Quando tirou Eva de uma costela de Adão, via também antecipademente sua divina Mãe, e fez a mulher "bela como a lua, pura como o sol". Que esplendor não inundava o semblante dAquela que faria renascer nêste mundo a visão do Paraíso!

Quinze dias após o nascimento, como era de costume para as meninas, teve lugar a imposição de um nome. E a Virgem Santa foi chamada Miryam, isto é, Maria.

Pretendem alguns que êste bendito nome seja de origem síria e signifique Dama ou Senhora

Outros admitem, como mais provável, que o nome de Maria é puramente hebraico e significa Mar amargo ou Estrêla do mar ou Mirra do mar ou Elevada ou Luz.

Outros enfim, supõem que o nome de Maria é de origem egípcia, porque no Antigo Testamento, pelo menos antes do cativeiro de Babilônia, só uma mulher havia com êste nome: Maria, irmã de Moisés, que o recebeu evidentemente no Egito.

Como quer que seja, indicando a Joaquim e Ana êsse gracioso nome freqüentemente escolhido pelas mães de Israel para suas filhas, Deus a Si reservava dar-Lhe, na mulher por excelência, a plenitude de sua significação.

Maria, que nome! Que "estrêla" a desatar do Céu torrentes de claridade! Que porta de "luz" para entrar na luz de Deus!

Diz Canisius que "o nome de Maria é de singular virtude e traz consigo divina fôrça". Desde séculos, é a evidência que jorra do seio dos abismos e que ilumina a nossa vida como ardente aurora que expulsa adiante de si as trevas.

Não se enganou a humanidade. Ao fulgor de seu nome divino, sentiu imediatamente renascer, dos abismos de sua miséria, a calma e a esperança.

Pela idade de três anos, que assinalava nos costumes judeus, e têrmo do aleitamento, Maria foi levada ao Templo para ser oferecida ao Senhor. Ana e Joaquim fizeram um sacrifício ao Eterno. Colocando a alma de sua Filha bem-amada entre as mãos do Altíssimo, suplicaram-Lhe que A tornasse digna dÊle. Depois, voltou Maria à casa de seus pais, segundo a opinião de S. Ambrósio, fazendo observar que a história de Maria, educada no Templo, é desconhecida por todos os Padres dos quatro primeiros séculos. Um pouco mais crescida, passava a Virgem Santa a maior parte do dia no Templo onde, como as outras "virgens dedicadas ao Santo Lugar", trabalhava em "obras de fios tintos em azul, em púrpura, em carmezim" para o Santuário.

A infância de Maria é modêlo para todos. Concebida sem pecado, tôdas as paixões que trazemos conosco eram sujeitas à razão. Sua vontade permanecia fixa em Deus como uma estrêla no firmamento, e a luz sobrenatural que iluminava sua inteligência era já o reflexo da face santíssima do Deus Redentor.

Mas esta feliz impossibilidade de pecar e até de experimentar qualquer inclinação para o mal, não a submetia a nenhum determinismo, e não constituía obstáculo algum aos méritos que Ela podia adquirir. Plenamente isenta de tôdas as tentações que a humanidade pode experimentar, Maria experimentava contudo a pena da dor. Sòmente Lhe era desconhecida a luta contra a tentação interior. Quanto à liberdade, Ela a possuía como nós; de uma criatura sem liberdade, a Onipotência não teria exigido a plenitude do amor. O que constitui o dom, é o poder de recusar. Deus não podia nem enganar-se ao ponto de exigir de sua Criatura o que esta não Lhe pudesse oferecer livremente, nem punir essa Criatura por um simples defeito da natureza. Teria sido um êrro e uma injustiça de Deus. A Virgem Santa possuía a liberdade, mas uma liberdade mais semelhante à liberdade divina que a nossa. Ela fixava, em plena luz e em plena posse de Si mesma, o bem que Ela viria trazer.

Entretanto, dotada embora de graça incomparável, a Virgem Maria era criança e criança permaneceu por tanto tempo quanto as outras. Mas sua infância era muito menos o esboço da vida humana, como sucede aos outros, do que a infância evangélica que requer a inocência conferida pela natureza. Porque a criança não tem ódio; ignora, sem ambição; absolutamente não procura a riqueza e as honras; volta à mãe que a castigou; é dócil ao ensino de seus mestres; não discute nem con-

tradiz, nem desconfia. É assim que o homem desejoso de "entrar no reino" deve receber a palavra de Deus. Assim era Maria, mas por sua própria vontade.

Se Ela assim permanecia, alegre e livremente "rebaixada", diz-nos S. Francisco de Sales, é porque era profundamente humilde. O "justíssimo conhecimento de si mesmo que torna o homem vil aos próprios olhos", conforme S. Bernardo, ninguém o possuiu ao mesmo grau que a Virgem Santa.

Ela nos faz remontar às origens do rio da vida. Foi necessário que esta virtude fôsse extraordinária em Maria, para revelar tão perfeitamente Deus ao homem, estabelecendo relação entre Um e outro, e para achar, até na miséria do homem, os meios de aproximá-lo de Deus.

Como um lírio entre os espinhos, Ela encerrava o supremo encanto; desabrochava, encerrando dentro em Si o suave perfume da humildade, que conservava para o seu Deus. Porque o milagre não era que a Imaculada Conceição despedisse os seus raios, mas que a humildade a pudesse velar aos olhos dos homens, e, de certo modo, submergi-la.

Com efeito, a Virgem Santa se desenvolvia, mas era Deus que fazia a educação de seu espírito e de seu coração. Este ser tão perfeito pela matéria e pelo espírito possuía, desde a origem, certa soma de conhecimentos depositados em sua alma pelo Onipotente; no decurso de sua vida, aumentou Deus êsse tesouro de luz que formava "A ciência infusa de Maria", sem todavia retirar-Lhe as fontes da "ciência adquirida" que Ela, entregue a Si mesma, não teria descoberto.

Porque Deus, que geralmente revela mais as coisas que as palavras, e mais as realidades inte-

ligíveis que os objetos materiais, não revelara tudo à sua privilegiada.

Assim é que a Virgem Santa podia possuir a doutrina espiritual da Escritura antes de conhecer os detalhes do texto, a representação dos vinte e dois sinais gráficos, ou as diferenças entre o hebreu bíblico e a língua vulgarmente falada. Podia igualmente louvar a Deus, inteligência soberana e perfeita, que não criou o homem senão por amor e para nada lhe pedir além do amor, sem por isso saber entremear nos bordados os fios de ouro e de linho como as outras donzelas de Jerusalém.

Ela podia portanto aprender no Templo e, em certa medida, podiam ensinar-Lhe. Mas, provida de uma maravilhoso auxílio divino, que Lhe permitia compreender e estudar ràpidamente e até com certa facilidade, a Virgem de Nazaré suportava o esfôrço necessário num júbilo interior que Lhe fazia amar o trabalho.

Nessa divina solidão, a Virgem Santa se formava para nada querer senão a vontade de seu Deus, isto é, elevando-se acima de tôdas as coisas dêste mundo, Ela as contemplava como o próprio Deus, insensível à riqueza, aos prazeres, aos triunfos, à vã alegria, à vã glória; não considerando senão o que é eterno, possuindo já em Deus a sua vida e na eternidade as suas alegrias. Insensível igualmente ao pecado, pois, conforme S. Boaventura, Maria foi sempre isenta de tôda falta atual, e confirmada no bem desde o momento em que nEla se realizou a Incarnação.

No Templo de Jerusalém repousava, enfim, a nova Arca da Aliança que deveria encerrar, não mais as Tábuas da Lei, mas o seu próprio Autor.

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO IV

O MATRIMÔNIO VIRGINAL DE MARIA

(aproximadamente no ano 7 antes da nossa era)

ANUNCIAÇÃO

(25 de março do ano 6?)

A morte de Joaquim e Ana dilacerou o coração da Virgem sem por isso diminuir a sua virtude. Peregrina nêste mundo, Ela continuou a devotar-se ao serviço do Templo, e a viver retirada do mundo tendo consagrado a Deus a sua Virgindade.

Tomando um compromisso tão novo em Israel, a Virgem Santa não desejava certamente senão agradar a Deus. Só de Deus Ela esperava e queria receber sua recompensa.

Segundo o plano divino, o Verbo devia nascer de uma Virgem. Mas êsse grande milagre não deveria expor-se aos olhares e discussões do mundo. Era necessário que Maria, Virgem, fôsse também espôsa; Virgem para receber a graça, espôsa para estar livre de injuriosas suspeitas. Não queria o Senhor que se pudesse duvidar da honra de sua divina Mãe. Não queria que os judeus tivessem a perseguir um fruto da vergonha. A lei israelita condenava os nascimentos ilegítimos. Se o Salvador

aparentasse essa mácula, jamais lhes poderia dizer em face: "Não vim destruir a lei, mas cumpri-la". Enfim, a qualidade de espôsa faria com que os homens acreditassem em suas palavras. Mãe, sem ser espôsa, ter-se-ia podido dizer que queria ocultar uma falta, te-la-iam atacado. Espôsa, não tem razão alguma para mentir, pois que a maternidade é o privilégio e a graça do matrimônio.

Eis porque, diz S. Bernardo, Maria necessitava de "um fiel servidor", a quem Deus constituiu consolador de sua Mãe, nutridor de sua própria carne, e enfim, nêste mundo, o único o certíssimo auxiliar de seu grande conselho". Êste homem que, como nós, procede nos negócios, nas penas, nas dificuldades, nos sofrimentos desta vida, êste homem que a Providência colocou em face do mundo para ser o espôso de Maria, foi José, humilde carpinteiro, um dos parentes da Virgem, uns quinze anos mais velho que Ela, irmão de Cleofas, filho nascido de Jacó para ser o herdeiro legal de Heli. Pouco sabemos sôbre a vida de S. José, mas a piedade dêste "justo" não lhe permitia recuar diante da ternura que se lhe oferecia, nem hesitar, nem duvidar dos socorros de Deus. Inspirou-lhe, ao contrário, um amor virginal pela jovem órfã, educada no Templo, e a êle apresentada pelo Sumo Sacerdote, seu tutor, ou, segundo outros, pelos parentes que Lhe restavam nêste mundo.

Segundo os costumes judeus, o matrimônio compreendia três atos sucessivos. Colóquios e um entendimento entre as famílias, os esponsais e enfim o matrimônio.

Foi sem dúvida na doce e humilde cidade da Galiléia, em Nazaré, que se passaram, em tôda a simplicidade, as cerimônias tradicionais das núpcias. José e Maria prometeram reciprocamente a

sua afeição, exprimindo seu desejo de guardar a virgindade.

Quando se completaram os dias consagrados às modestas alegrias familiares, os novos esposos se estabeleceram na humilde casa, situada ao norte da colina onde se ergue a branca cidade. Ali viveram as primeiras horas de sua santa afeição, na contemplação de Deus, contemplação que lhes fez conhecer sua beleza, beleza que inflamou seu amor, amor que lhes deu a ampla e ardente chama, o fogo vivo que é o sacrifício.

Em Nazaré, Maria e José contemplaram a Deus, e por isso quiseram viver e morrer por Êle. José serviu o Senhor, Maria contemplou; e Maria é a Mãe das Dores.

Na hora em que vai surgir o Cristo, o homem era escravo do homem, estava subjugado e não mais resistia. Não porque houvesse perdido o seu gênio. Mergulhado nas trevas, conservava ainda nas mãos a flama que ilumina a terra. A política, a ciência, a literatura, o comércio, as artes, atingiam a suprema beleza. Sem falar nas grandezas desaparecidas de Ninive e Tiro, de Babilônia e Mênfis, que se haviam aluído nas douradas areias, acariciadas pelos esplendores dos poentes, não faltaram as maravilhosas democracias gregas e o grande Senado romano, Homero, o poeta, e Platão o pensador; Fídias, o artista, e Aristóteles, o filósofo; Cícero, o orador, e Virgílio, o encantador; Alexandre e César, conquistadores e guerreiros. Mas nada ensinava ao homem o amor de Deus e o respeito ao semelhante.

Roma orgulhava-se de suas conquistas, Tibério reinava no mundo, e êste homem-deus, que se revolvia nas voluptuosidades de Cápri, continuava na inquietação e sofrimento. Porque não desejava a adoração, mas temia a morte. Tinha mêdo de tudo, de seus ministros, de seus cúmplices, de suas mu-

lheres. Tinha mêdo de seu herdeiro, aquêle Calígula a quem instruía para legar a seu povo agitado um monstro capaz de fazê-lo chorado.

César era soberano sacerdote, na realidade único deus e vigário de todos os deuses, na hora em que começava a erguer-se por sôbre a humanidade o dia divino em que a Virgem Santa traria a luz, para iluminar todo homem que vem a êste mundo.

Tudo se preparava. O sacerdote Zacarias e sua espôsa Isabel, ambos justos e irrepreensíveis diante de Deus, não tinham posteridade e não a esperavam, por causa de sua idade avançada e por ser Isabel estéril. Um dia em que Zacarias exercia seu ministério no Templo de Jerusalém, apareceu-lhe Gabriel, um dos anjos que assitem diante do Senhor. Disse-lhe que fôra ouvida a sua prece e que Isabel lhe daria um filho a quem devia chamar João. Zacarias, sem dúvida, não pedira um favor que não podia esperar, e contentara-se em orar pela vinda do Messias. Assustou-se, não compreendeu a palavra do Anjo, e não acreditou nêle. Entretanto, Isabel concebeu, e, humildemente oculta, louvou o Onipotente que lhe retirava o opróbrio da esterilidade.

Isabel era estéril; Sara, Rebeca, Raquel, espôsas dos Patriarcas, eram-no também, não porque Deus as desejasse punir, pois caminhavam na justiça, mas para que sua fecundidade fizesse resplandecer, de maneira mais luminosa, o poder e a grandeza de Deus. Isabel foi estéril a fim de mostrar que o Altíssimo é o soberano Senhor de tôdas as coisas. E, pois que uma estéril concebeu, podia agora uma virgem conceber.

Seis meses depois, o mesmo Anjo Gabriel que visitara Zacarias no Templo, foi por Deus enviado à Virgem Maria, da estirpe de Davi. Ela estava ainda em Nazaré, na Galiléa, com José, também da

raça de Davi e da "tribo de Judá", como nos afirma S. Paulo. Maria contava então quatorze anos.

O Anjo apareceu à Virgem Santa e lhe disse: *"Ave, ó cheia de graça; o Senhor é convosco; bendita sois entre as mulheres".*

Eis o início da reparação: o Anjo Gabriel enviado a Maria pela bondade de Deus, porque o início da perdição tivera lugar quando a serpente falou à mulher, pela malícia do demônio. E, pois que devia nascer segundo a carne Aquêle que repararia as nossas faltas, devia nascer na absoluta virgindade. Devia nascer de uma Virgem segundo o corpo, virgem segundo o espírito.

Em seguida, anunciou Gabriel à Virgem Aquêle que dEla nasceria e Lhe disse que O chamaria Jesus, isto é, Salvador, disse-Lhe que Êle seria chamado o Filho do Altíssimo e o Senhor Lhe daria o trono de Davi seu pai. Disse ainda o Anjo: "Êle reinará eternamente sôbre a casa de Jacó, e seu reino não terá fim".

Habituada à visão dos Anjos, mas não preparada à solenidade de tal mensagem, perturbou-se a humilde Filha de Davi. Não duvidou, como o sumo sacerdote Zacarias. Tão sòmente a reserva de sua resposta dava a entender a resolução que tomara de permanecer Virgem. O Anjo mostrou-Lhe então como se tornaria Mãe pela virtude do Espírito Santo, e que por isto o Santo que dEla haveria de nascer seria chamado o Filho de Deus. Comunicou-Lhe que a sua parenta Isabel, "a que era chamada estéril", estava no sexto mês, Porque convinha que a Virgem Maria fôsse a primeira a conhecer o segrêdo da milagrosa concepção de João Batista, o Precursor.

Maria, tendo ouvido essas palavras, diz humildemente: *"Eis aqui a Serva do Senhor; faça-se em*

mim segundo a tua palavra". E o Anjo a deixou, após ter saudado a Mãe de Deus.

Pronunciando essa palavra sublime, que é a palavra de nossa salvação, era Maria o eco do Verbo divino. Pelos lábios do Profeta Davi, ao predizer sua vinda à terra, Êle mesmo se chamara, não o Filho da Virgem, mas o Filho da Serva.

Quando a Virgem Maria consentiu no desígnio do Altíssimo, realizou-se o mistério da Incarnação. *"E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós"*.

Então, uma torrente de graças, um novo esplendor, uma beleza nova apareceu no mundo. A Virgem tornava-se, para cada um dos homens, para cada um de nós, a Mãe venerada e a Amiga tão amada.

Ela trazia, ao mundo corrompido, tôdas as suas virtudes, unidas em harmonia tão perfeita que seu semblante, diz S. Ambrósio, não era senão a expressão de sua santidade, visível aos olhares do mundo. Ela era verdadeiramente a porta para sempre fechada, vista por Ezequiel, e que não dava passagem senão ao Senhor; era verdadeiramente o Templo de Salomão, exteriormente revestido do mármore branco da pureza e por dentro guarnecido do ouro puro do amor; era a vara de Arão, que, colocada sôbre o Tabernáculo, milagrosamente se cobriu de flores e frutos; era o velo de Gedeão, coberto ùnicamente de celestes orvalhos, enquanto a terra permanecia sêca ao redor. Maria era verdadeiramente Aquela que vinha esmagar a cabeça da serpente, a nova Eva, tôda pura e invencível, preservada do pecado e dêle vitoriosa. Eva nos perdera, Maria nos salvou. Por Ela o novo Adão, o Cristo Jesus, vai receber uma geração, semelhante à do primeiro homem que não era senão a sua figura. Com o Verbo divino encerrado no seio, Maria torna-se o mais augusto santuário que jamais

viu tôda a terra. Mas o santuário é o lugar onde se encontra o altar, é o lugar do sacrifício. Disse o Anjo a Maria que Ela achara graça diante de Deus. Mas não a achou senão para restituí-la ao mundo. Eva a perdera. Maria a encontrou de novo e seu divino Filho no-la restituiu na Cruz e — como nos diz Sua Santidade Pio X, na Encíclica *Ad diem illum*, de 8 de fevereiro de 1904 — : "as graças de que Maria foi estabelecida Dispensadora, nos foram adquiridas pela morte e sangue de Jesus Cristo".

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO V

A VISITAÇÃO
A INCARNAÇÃO REVELADA A SÃO JOSÉ
O NASCIMENTO DE
NOSSO SENHOR JESUS CRISTO

(25 de dezembro do ano 6 antes da nossa era)

Para Maria, diz S. Bernardo, como causa de uma nova ordem de coisas e grande "problema de todos os séculos", voltavam-se os habitantes do Céu e dos infernos, as gerações que A haviam precedido e as que deviam seguí-la.

Assim, a Virgem Santa não se contentou em adorar, sòzinha e silenciosa, o invisível Hóspede de Nazaré que consigo trazia.

Quís que participassem de sua alegria aquêles a quem amava.

Instruída pela revelação do Anjo e obediente à inspiração dAquêle que já existia nEla, apressou-se para o país das montanhas, o Hebron, onde habitava Isabel. Era pelo fim de março, no tempo da Páscoa, nos dias em que o sol começa a ornar de flores e a embalsamar de perfumes as colinas e os vales.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Diz o Cântico dos Cânticos:

"Eis o meu amado que me diz:
Ergue-te, minha amiga;
Formosa minha, e vem.
Porque já passou o inverno,
Já se foram e cessaram as chuvas,
Apareceram as flores pela terra,
Chegou o tempo da poda,
E ouve-se em nossa terra a voz da rôla;
A figueira adoça os verdes frutos,
E as vinhas em flor esparzem seu perfume:
Ergue-te, minha amiga,
Formosa minha, e vem;
Minha pomba, nas aberturas do rochedo,
Na concavidade da escarpa,
Mostra-me a tua face,
Ressoe a tua voz aos meus ouvidos,
Porque é doce a tua voz
E graciosa a tua face".

Entrando na casa de Zacarias, Maria saudou sua prima.

Jesus vinha santificar seu Precursor por sua oculta presença. Imediatamente estremeceu o filho de Isabel, e ela própria foi cheia do Espírito Santo.

Exclamou Isabel, em alta voz: "Bendita sois entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre! E donde me vem que me visite a Mãe do meu Senhor? Pois, ao ouvir a vossa voz, a criança estremeceu de alegria em meu seio. Bem-aventurada sois porque crêstes e cumprir-se-á o que vos foi dito da parte do Senhor".

Maria disse então:

"A minha alma glorifica o Senhor;
E o meu espírito exulta de alegria em Deus meu [Salvador.

Porque lançou os olhos para a baixeza da sua serva;
Eis, com efeito, que de hoje em diante, tôdas as [gerações me chamarão Bem-aventurada.
Porque fêz em mim grandes coisas Aquêle que é [poderoso.
E cujo nome é santo;
E cuja misericórdia se estende de geração em [geração sôbre aquêles que O temem.
Manifestou o poder de seu braço;
Dissipou aquêles que se orgulhavam nos pensamen-[tos do seu coração.
Depôs do trono os poderosos,
E elevou os humildes;
Encheu de bens os famintos,
E despediu vazios os ricos.
Tomou cuidado de Israel, seu servo, lembrado de [sua misericórdia,
Conforme tinha dito a nossos pais,
A Abraão e sua posteridade para sempre".

Chegando a hora de Isabel, deu à luz um filho. No dia da circuncisão, os parentes queriam dar-lhe o nome do pai; Isabel pediu que fôsse chamado João. Zacarias, sempre mudo, confirmou escrevendo nas tabuazinhas: "João é seu nome". João significa: *Aquêle em que está a graça*. No mesmo instante, desprendeu-se a língua de Zacarias e êle profetizou, bendizendo ao Deus de Israel por se haver lembrado de sua misericórdia para com o seu povo e por lhe ter suscitado um Salvador da casa de Davi. E, dirigindo-se ao filho, profetizou que iria adiante do Senhor para Lhe preparar os caminhos, a fim de que a remissão dos pecados fôsse obtida do Sol nascente que vinha iluminar as trevas e a sombra da morte, e dirigir nossos pés nos caminhos da paz.

O rumor dêsses acontecimentos se espalhou em Karem, hoje Ain-Karim, e nas montanhas da

Judéia. Dizia-se: que pensais que se tornará êste menino?

A suave cena da visitação, em que a Virgem Santa profetiza, sob o impulso de Deus escondido, contém uma profunda revelação da economia da graça, e da maneira pela qual, por intermédio de Maria, age docemente nas almas o Cristo Jesus. Êle está oculto e opera por meio de sua Mãe, que é a paz inefável possuidora da graça.

Sob essa influência, João adverte sua mãe: "A criança que trago comigo estremeceu de alegria". E êsse jôrro de luz, essa graça divina é tão abundante que repercute sôbre Isabel. E esta repete a Maria a palavra de Anjo: "Bendita sois entre as mulheres». Vai mais longe: chama-A «Mãe de Deus". E em seguida exalta a fé, nos mesmos têrmos que Jesus depois usará: "Bem-aventurada Aquela que acreditou". Diz ainda Isabel a Maria: "Bendito é o fruto do vosso ventre". É o fruto suave a cujo respeito se escreveu: "O perfume de meu Filho é semelhante ao de uma terra fecunda"; o fruto destinado a nutrir as almas e a destruir os efeitos do fruto da árvore, que Deus proibira tocar e que a primeira Eva colhera por desobediência.

Maria, de volta a Nazaré, permaneceu em silêncio, descansando completamente em Deus. Entretanto, pouco a pouco, apareceram os sinais de sua maternidade e feriram os olhares de José. Êste não podia duvidar da virtude de Maria e no entanto, muito embora a dor profunda que lhe causava a idéia de uma separação, pareceu-lhe que não podia permanecer com a Virgem Santa. "Como era justo, acreditava em sua inocência e não queria difamá-la"? Uma simples palavra da doce Virgem teria sido tôda poderosa, pois tinha a certeza de que acreditaria nessa palavra. Mas uma sabedoria mais elevada lhe inspirava respeitar o segrêdo celeste,

havia uma conveniência mais delicada em que dEla não viesse tal revelação. Essa Flor de celeste beleza aguardava que Deus ordenasse a José conservar-se perto dEla, esparzindo sôbre êle a abundância de suas graças. E José foi instruído em um sonho pelo Anjo do Senhor: guardou consigo a sua Espôsa, que pensara deixar. Soube assim que o Filho da Virgem devia ser chamado Jesus, porque seria o Salvador de Israel. José, justo e piedoso, e versado sem dúvida nas Sagradas Escrituras, pôde então compreender que ia cumprir-se a profecia de Isaías: "Eis que uma Virgem conceberá e dará à luz um Filho".

Em tôda a vida da Virgem Maria, não se encontram senão sete palavras por Ela pronunciadas, tôdas breves e exigidas pelas circunstâncias. Ela se cala quando José não sabe explicar o mistério da conceição virginal, Ela se cala no Gólgota. Sòmente uma vez sai dessa doce reserva e canta o maravilhoso "Magnificat", a que S. Ambrósio chama o êxtase de sua humildade. Bossuet jamais quis comentar êste glorioso hino. Os que ensaiaram meditar êste sublime cântico, acharam tão extensa a matéria que é impossível resumir em breves palavras o seu trabalho. Guardemos sòmente essa palavra profética: "Tôdas as gerações me chamarão bem-aventurada". E, há vinte séculos, tôdas as gerações se têm inclinado diante da suave Criatura, e até ao fim dos séculos, tôdas as gerações se inclinarão ainda diante dEla para agradacer-Lhe e bendizê-La.

Havia outra profecia a cumprir-se. Estava escrito em Miquéas que o Messias haveria de nascer em Belém de Judá.

"E tu, Belém Efrata,
Pequena entre os milhares de Judá,
De ti me há de sair

O que reinará sôbre Israel,
E cuja geração é desde o princípio,
Desde os dias da Eternidade".

Uma circunstância premente obrigou José a deixar a Galiléia para ir a essa pequena cidade com a Virgem Maria, embora estivesse esta perto da hora. Sendo Belém o lugar de Davi, era ali que se deviam inscrever para o recenseamento geral, ordenado pelo imperador Augusto. Foram pois a Belém, enquanto numerosa multidão de estrangeiros para ali refluiam de Jerusalém, onde era celebrada a Festa das luzes. E, não achando lugar na hospedaria, refugiaram-se em uma gruta dos campos, que servia de abrigo aos animais, durante as noites de inverno.

Foi nêste obscuro recanto, coberto de palha e de feno, no meio da noite, sem experimentar nenhuma das angústias e dores do parto, assim como o sol despede a sua luz e a flor e seu perfume, que a Virgem Maria deu à luz o seu Filho único, "seu primogênito". Ela poderia repetir com Deus Padre: "Tú és meu Filho, eu hoje te gerei".

Maria envolveu o Menino em panos e O colocou em uma mangedoura, espécie de gamela em barro, sôbre suportes de madeira. A tradição coloca junto a êsse berço um boi e um jumento, cujo hálito aquecia o Recém-nascido. José trouxera êsses animais: o jumento para servir de montaria à Virgem, o boi para ser vendido e custear a viagem. Disse Isaías: "O boi conhece o seu dono e o jumento a mangedoura do seu senhor".

Os campos onde nascia Jesus pertenciam ao Templo. Aí engordavam os bois e ovelhas. Havia aí pastores que se conservavam ao ar livre, velando de noite pelos seus rebanhos. De repente, viram aparecer um Anjo aureolado de luz. Disse-lhes que não temessem, antes se alegrassem porque lhes

vinha anunciar uma grande alegria. "Hoje, prosseguiu êle, nasceu-vos na cidade de Davi um Salvador que é o Cristo, Senhor. E eis o sinal para O reconhecerdes: achareis um Menino envolto em panos e deitado numa mangedoura". No mesmo instante, uma multidão da milícia celeste, unindo-se ao Anjo, entoou êste cântico: "Glória a Deus nas alturas; e paz na terra aos homens de boa vontade". Podemos agora repetir a palavra de S. Paulo: "Que todos os Anjos de Deus O adorem!"

Disseram os pastores uns aos outros: "Vamos a Belém".

Encontraram Maria e José, e o Menino deitado na mangedoura, e voltaram a seus rebanhos, rendendo graças a Deus por tudo quanto haviam visto. Maria observava tôdas essas coisas, conservando-as em seu coração. É o Evangelista S. Lucas que refere êsses detalhes e podemos crer que o Espírito Santo lhos revelou, pelos lábios da suave e Santa Virgem Maria.

Que júbilo inexprimível não devia experimentar a Virgem, contemplando seu divino Filho! "Dava-lhe beijos mais que de mãe, diz-nos Bossuet, porque eram beijos de uma Mãe Virgem". Vendo seu Filho em um miserável lugar, pensava na lição que o Deus Menino dava ao mundo, êsse Menino do qual diz Isaías que sabe rejeitar o mal e escolher o bem. O bem que Êle escolhe é nascer nessa gruta para reprovar a moleza que nos faz escravos e para assinalar seu poder que pretende conquistar-nos pelo desprêzo das coisas que ambicionamos. Eis o imenso milagre, o milagre inefável de Deus "quando introduziu no mundo o Primogênito". Subjugando o homem, Êle lhe restitui as fôrças quebradas pelo pecado, que lastimava e que não mais queria. Eis o Menino Divino em sua fraqueza e na odiada pobreza, que sua Mãe con-

templava e que nós devemos contemplar, "semelhante em tudo a seus irmãos", diz S. Paulo, a fim de ser um soberano sacrificador, misericordioso e fiel no serviço de Deus, para satisfazer pelos pecados do povo".

Maria considerava, nessa fria noite de inverno, que Belém, anunciada pelo Profeta como o lugar de nascimento do Messias, não era destituída de recordações. Fôra nessa aldeiazita que Jacó, ao voltar da Mesopotâmia, detivera-se para sepultar sua cara Raquel, que, como diz o Gênesis, "era bela de talhe e de semblante". Ali construira Davi a sua tôrre simbólica, que tanto amava, e que aparecia gravada em suas moedas. Jesus nascia pois na terra de seus antepassados. Um túmulo, uma tôrre em ruínas, um estábulo: Cristo vinha restaurar o que perecera, trazia a dignidade e a vida divina a um mundo que se julgava sábio, e cujas perversidades que hoje poderíamos reunir nos lugares de orgia, não dariam semelhante essência de corrupção.

A Virgem pensava, contemplando a frágil Criança que, em seus braços, tremia ao frio da noite, que seu "Primogênito" acabava de aparecer nêste mundo, em meio à festa das Luzes, que durava oito dias em memória do milagre que determinara esta solenidade. Pensava que esta festa das Luzes era também uma festa da natureza e que seu Filho, "Luz do mundo", nascia justamente quando mais espêssas se tornavam as trevas da idolatria. Nêste 25 de dezembro, o sol material, em sua luta com as sombras, prestes a extinguir-se, reanima-se e prepara seu triunfo. "Nêste dia, segundo S. Gregório de Nyne, as trevas começam a diminuir e, intensificando-se a luz, é repelida a noite além de suas fronteiras. E isso não acontece for-

tuitamente na própria hora em que resplandece Aquêle que é a vida divina da humanidade.

A natureza, sob êste símbolo, revela um mistério aos que são capazes de compreendê-lo.

Que doces imagens se sucedem ante os olhos da Virgem Maria! Ela, a Rainha de um Menino Rei que, apenas nascido, chama para junto de Si o seu povo. Chama seus Anjos e êstes convidam os pastores para ir ao presépio. São os primeiros chamados, porque o Salvador veio "por causa dos sofrimentos dos pobres e dos gemidos dos miseráveis". Êle derruba o orgulho dos filósofos como Platão, zombando dos sábios que falavam diante dos simples, porque Êle "amava a linguagem dos simples" e "não se envergonhava de os chamar irmãos".

Porque foi para êles, os simples e pobres, que Jesus, Filho de Maria, veio a êste mundo. Encontrá-Lo-eis Menino, em uma mangedoura. E vêm os simples e contemplam os pobres a sua gloriosa fraqueza. Ah! decerto, nem Jesus nem Maria pretenderam enganar os homens! Mas os pastores, infelizes, pequenas e pobres criaturas, nada viram que os obrigasse a fechar os olhos, e adoram em silêncio. E voltam glorificando a Deus. "Paz aos homens de boa vontade".

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO VI

A CIRCUNCISÃO E A APRESENTAÇÃO NO TEMPLO

(1.º de janeiro e 2 de fevereiro do ano 5 antes da era vulgar?)

OS MAGOS — A FUGA PARA O EGITO. A MORTE DE HERODES

(provàvelmente no ano 4 antes da era vulgar)

VOLTA A NAZARÉ

Quando se cumpriram os oito dias para a "Circuncisão" do Menino, foi o Salvador levado à Sinagoga de Belém, e recebeu o sinal da aliança. Nas circunstâncias em que se achavam Jesus e Maria, não podia deixar de fazer-se nêsse dia, como era de costume, uma alegre reunião de família. Zacarias e Izabel foram certamente a Belém, distante alguns quilômertos de Karem, para assistir à agregação do Messias ao povo de Israel. Devia ser colocado sob o jugo da lei, cujas obrigações o Circunciso aceitava integralmente. "Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, diz S. Paulo, nascido da mulher, feito cidadão da lei, a fim de resgatar os que estavam sob a lei e de nos comunicar a adoção de filhos". Êle devia, como Redentor, submeter-se ao doloroso rito, que simbo-

lizava a necessidade do esfôrço e da luta contra o pecado. Era a misteriosa permuta entre a terra e o Céu, dando a terra ao Filho de Deus tôdas as suas misérias; e trazendo-lhe o Filho de Deus todos os seus tesouros.

Deu-se um nome ao Filho de Deus: "Êle foi chamado Jesus", nome indicado pelo Anjo, antes de ser concebido no seio de sua Mãe". O nome de Salvador e as primeiras gotas de sangue derramadas pelo Filho do homem sob o cutelo do Sumo Sacerdote anunciavam já a missão que Êle viria cumprir. Pousando em seu divino Filho um olhar de amor, a Virgem Maria sentiu as primeiras lágrimas correrem do seus olhos sôbre as faces ardentes.

Oh! por quanto tempo sangrou o coração antes de ser transpassado!

Estando determinado o quadragésimo dia para a dupla cerimônia da Purificação da Mãe e da Apresentação do Menino, Maria e José O levaram ao Templo para cumprir a lei. Sendo todo primogênito varão hôlocausto do Senhor, devia ser resgatado a preço de dinheiro, em memória da libertação do Egito. No mesmo instante, movido por inspiração do Espírito Santo, chegava ao Templo um homem justo que esparava a Consolação de Israel. Fôra-lhe revelado que não morreria sem haver saudado o Cristo.

Ora, tendo Simeão visto o Menino Jesus, tomou-O nos braços e exclamou sùbitamente em ação de graças:

"Agora, Senhor, deixas partir o teu servo em paz,
Segundo a tua palavra:
Porque os meus olhos viram a tua salvação,
Que preparaste ante a face de todos os povos,
Luz para iluminar as nações,
E glória de Israel, teu povo."

Abençoou Maria e José e, divinamente inspirado, prefetizou, dirigindo-se tão sòmente à Virgem Maria. Disse-Lhe: "Eis que êste Menino está no mundo para ruína e salvação de muitos em Israel, e será pôsto em sinal de contradição, a fim de descobrir os pensamentos de muitos corações e Vós, sua Mãe, tereis a alma transpassada por um gladio".

Havia também uma profetiza chamada Ana, filha de Fanuel. Contava oitenta e quatro anos. Desde a morte de seu marido, que desposara sendo virgem, não se apartava do Templo, onde passava os dias e noites em jejuns e orações. Ela viu Jesus e louvou ao Senhor, falando dêste Menino a quantos esperavam a redenção de Israel.

Que júbilo deve ter enchido o Coração de Maria ao ver Simeão! Simeão que esperava a salvação de Israel e que foi digno de saber que não morreria sem ter saudado o Salvador.

Nessa época, não ignoravam os sábios que chegara o tempo e os santos não duvidavam. Eis porque Simeão sentira-se inspirado a ir ao Templo. Apressava-se, queria ver Aquêle a quem esperava; êle O vê entre os pobres. Não lhe importa: O Altíssimo o iluminou, êle possui a simplicidade dos pastores.

Recebendo então das mãos da Virgem o Menino e tomando-O nos braços, entoa seu cântico que ressoará até o fim dos Tempos. Já está na intimidade que Deus vem estabelecer entre Êle e o justo; experimenta o antegôzo do mistério inefável da Eucaristia. Já reaparece em Simeão: "Sei que vive o meu Redentor".

Em verdade o Cristo, nos braços de sua Mãe, é dado para ser a "Luz das nações". Como Zacarias e Isabel, o santo Ancião profetiza a vocação dos gentios; o benefício da Redenção estender-se-á

ao gênero humano. Cristo, Filho de Maria, já acaba de quebrar a estreiteza do povo israelita.

Zacarias, o sacerdote, Simeão, o justo o sábio, Isabel, a espôsa, Ana, santa viúva, profetizaram. Tôdas essas grandezas, tôdas essas virtudes uniram-se para louvar o Deus Eterno; mas voz alguma teve ressonância como a de Maria Virgem para agradecer a heróica bondade do Cristo dos Profetas, vindo incarnar-Se para salvar os homens das conseqüências de seus pecados e satisfazer por êles, tomando sôbre Si o rigor do castigo.

Divino esplendor do mistério da Incarnação, que nos faria tudo compreender, se o mesquinho coração do homem pudesse compreender todo o amor de um Deus.

Algum tempo depois, apareceram em Jerusalém Magos vindos do Oriente, talvez da Assíria ou Caldéia, mais provàvelmente da Arábia. Disseram haver nascido o Rei dos judeus pois tinham visto a sua estrêla e perguntaram onde O encontrariam, tendo vindo para adorá-Lo. Sua presença emocionou tôda a cidade.

Herodes, rei da Judéia, soube do caso. Era um monarca desconfiado, estuto e cruel. Julgando que se tratava de um competidor, perturbou-se e inquiriu qual o lugar onde teria de nascer o Cristo Jesus. Responderam-lhe os príncipes da nação, os escribas e os sacerdotes: "Em Belém de Judá". Para lá enviou então Herodes os Magos, após pedir-lhes que o informassem quando tivessem visto o Menino a fim de que, disse êle, pudesse ir também adorá-Lo. Os Magos prosseguiram, alegres e confiantes. A Estrêla que os guiara a Jerusalém, mostrando-se novamente, conduziu-os até onde estava Jesus. "Vendo novamente a estrêla, rejubilaram-se com extrema alegria".

Encontraram o Menino e sua Mãe, e, tendo-O

adorado, ofereceram-Lhe ouro, incenso e mirra. Depois, advertidos em sonho para que não voltassem a Herodes, voltaram ao seu país por outro caminho.

Segundo a tradição, os Magos eram sacerdotes e príncipes de seu povo, descendendo das três grandes raças originárias de Noé.

Por sua ciência, poder e número, representam todo o gênero humano; levam ao Deus Menino a homenagem do sacerdócio, do império e da sabedoria das nações.

Vinham do Oriente. "Uma estrêla sairá de Jacó, e o Homem nascerá em Israel". Tinham visto a estrêla em seu país, procuravam o Homem, o Homem Rei, o Messias.

Êsse Rei perturbava Herodes e todos os sábios em Israel, porque não compreendiam as palavras de Isaías: "Alegra-te, Jerusalém. Eis o teu Rei que vem a ti cheio de doçura". E não compreendiam essas palavras porque eram maus. Quando os Magos lhes disseram: "O Rei deve nascer em Jerusalém", Herodes e os sábios foram como os operários que construiram a arca e não entraram nela. Um Rei "cheio de doçura", que "restitui a paz", segundo a expressão de Isaías, não era um Rei para êles. Além disso, absolutamente não acreditaram. As Sagradas Escrituras lhes eram inúteis, êles se assemelhavam a muitos cristãos que indicam aos outros os seus deveres, mas que não querem observá-los.

Mas como O reconheceram os Magos, o pobre Pequenino, em sua pobre casinha? Não rejeitavam o milagre. Não eram como certos de nossos sábios modernos que pretendem crer em Deus mas não querem crer nos milagres. Felizmente, os Magos possuiam bom senso e êste termina sempre por rir-se dos filósofos e dos sábios que afirmam que Deus

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

não pode intervir, como Deus, nas coisas dêste mundo e que o homem não necessita dessa intervenção. O Cristo Jesus nos faz mais honra, não pediu que nós entregássemos ao homem, nas a Deus; apresentou-Se para que nosso orgulho pudesse nobremente abater-se. Com a fé que sabe ver, com o amor que vê melhor ainda, os Magos reconheceram o Menino Jesus. Pois que procuravam, deviam achar.

Enfim, Maria estava lá: "Êles encontraram o Menino com Maria, sua Mãe". Maria era o Trono do Rei nascente, a Quem rendiam homenagem os reis do Oriente. Ela presidira à primeira manifestação de seu Filho aos israelitas, os primeiros chamados e aos pobres mais prontos a vir. Presidia agora à segunda manifestação, em que Jesus se revelava aos sábios, aos prudentes, aos grandes dêste mundo e aos gentios que recolherão a herança abandonada pelos judeus, formando o conjunto magnífico da Igreja cristã. Eis porque um intérprete faz notar três confissões nas palavras dos Magos. Confissão que deve fazer cada homem para ser inteiramente de Deus: "Onde nasceu o Rei dos Judeus? Viemos para adorá-Lo". Os reis Magos O confessam Homem, Rei e Deus: Homem, pois que nasceu; Rei é o nome que Lhe dão; Deus, porque vêm adorá-Lo. Os presentes que oferecem falam da mesma maneira: ao Rei, o ouro; a Deus, o incenso; ao Homem, que morrerá, a mirra, perfume dos sepulcros. A Igreja consagra êstes belos símbolos e nos ordena oferecer a Deus o ouro da caridade, o incenso da oração e a mirra da compaixão.

A compaixão! Se é devida a Nosso Salvador Jesus, podemos também dizer que é devida a Maria. Porque agora terminam para Ela as alegrias sem preocupações. Eis que já aparece a ponta do glá-

dio de que lhe falou Simeão, o gládio que Lhe transpassará o coração, o gládio implantado pela loucura homicida que aconselha aos homens recusem amar a seu Filho e tornar-se filhos de Deus, dizendo-lhes que o Cristo Jesus não é o Filho de Deus nem seu Filho bem-amado, e que Deus não tem Filho nem êles necessitam tão pouco de seu Filho bem-amado.

Após êsses acontecimentos, havendo-se executado tudo quanto exigia a Lei, o Anjo do Senhor apareceu em sonho a José e Lhe ordenou fugisse para o Egito porque Herodes procuraria o Menino para O matar. José obedeceu sem dolongas, enquanto Herodes, informando-se da partida dos Magos, mandava matar tôdas as crianças do sexo masculino em Belém e "em todo o seu território", até a idade de dois anos. Dissera Jeremias:

"Ouviram-se gritos em Ramá,
Grandes lamentações e grandes gritos,
Raquel chora seus filhos,
E não quis ser consolada
Porque não mais existem".

Raquel estava sepultada em Belém. O Espírito Santo lhe atribui os gemidos dessas mães que choravam seus filhos massacrados e sobretudo a infidelidade dos chefes da nação, porque já se renegava o Messias.

Quantas lágrimas não deve ter derramado a Virgem Santa pensando nessas bem-aventuradas crianças cuja vida fôra imolada para conservar a do seu divino Salvador, o divino Salvador que dirá um dia: "Deixai vir a Mim os pequeninos".

Se as mães de Belém e as de hoje houvessem conhecido, como Maria, êsse mistério, em vez de gritos e lamentações, não se teriam ouvido, como da Virgem Santa em meio a suas doces lágrimas, senão bênçãos e louvores. Saberiam que seus filhos não estavam mortos, que, ao contrário, o ba-

tismo de sangue lhes havia aberto a vida eterna, e que, lá onde Cristo chamou as crianças, sua misericórdia quer atrair também as mães.

Quando José foi advertido em sonho que Herodes procurava o Menino para matá-Lo, não perguntou porque êsse maravilhoso Menino, a quem se prometem tão grandes destinos, devia fugir para escapar à morte. José obedece, e Maria, Mãe por obediência, obedece à ordem dada por seu Espôso, sem saber quando voltará à pátria, à casa, ao lar.

José e Maria partem para o exílio. José com as bagagem mais indispensáveis; Maria estreitando ao peito seu Precioso Fardo. Talvez tivessem um jumento para aliviar um pouco a fadiga. Em quatro dias certamente, pois êles se apressavam, puderam atingir Rhinoculure e o "rio do Egito", hoje Ouadi-el-Arish, famosa fronteira, por detrás da qual Herodes não mais podia atingí-los.

A Escritura nada refere sôbre a viagem nem sôbre a permanência no Egito.

Segundo as tradições locais, prosseguiram seu caminho até Heliópolis. Era a antiga cidade de "On", pátria de Asenete, espôsa do patriarca José. Seu nome sagrado Pi-Ra, "moradia do sol", tornara-se Heliópolis no Egito helenizado. Hoje, seu local está assinalado por um obelisco e algumas ruínas ao nível do solo, perto da aldeia de Matarich, sete ou oito quilômetros a nordeste do Cairo. Mostra-se, em Matarich, no "Jardim do Bálsamo", um sicômoro, de dois séculos e meio, e cujo tronco se abre e inclina, como para oferecer a sombra admirável de seus ramos. Chamam-no a "árvore da Virgem", substituiu "outras árvores da Virgem" mais antigas e diz-se que aí repousou a Virgem Santa com seu Divino Filho e com S. José.

Foi em Heliópolis que, em tempo de Antíoco Epifânio, refugiou-se o sumo sacerdote Onias IV.

Interpretando, de acôrdo com seus pontos de vista pessoais, a Lei e Isaias, construiu, dezoito quilômetros ao norte da Cidade do Sol, um templo que sempre foi mal visto pelos habitantes de Jerusalém. Nesta cidade, haviam-se reunido em grande número os judeus da dispersão e não e para admirar que Maria e José tenham vencido os duzentos e cinqüenta quilômetros que separam Rhinoculure de Heliópolis para reunir-se aos compatriotas que lá se achavam.

A proximidade das comunidades hebréias atenuava assim a tristeza da permanência em uma terra pagã e proporcionava a Maria e José maiores facilidades de encontrar trabalho.

A Virgem Maria procurava provàvelmente auxiliar José, bordando os trabalhos que fazia com tanta habilidade. Desta forma nos ensina que todo trabalho, feito para Deus, deve ser realizado com calma e humildade; e que é principalmente pelo amor que Êle se acha bem servido; que nada é mais oportuno e sábio que escutar seu Divino Filho e afeiçoar-se a Êle tão sòmente. No trabalho modesto, realizado no silêncio e no amor, colocou Maria, como seu Filho, a coroa da perfeição, porque é o trabalho, realizado no silêncio e no amor, o verdadeiramente fecundo para o Céu e o que produz, mesmo nêste mundo, as grandes obras.

A Sagrada Família permaneceu no Egito até a morte de Herodes, no ano 750 de Roma, quatro anos antes da era vulgar, pelo tempo da Páscoa.

Então, a uma nova advertência do Anjo, recebia em sonho como as precedentes, José e Maria reconduziram o Menino a Israel. Mas como Arquelau, filho de Herodes, reinava na Judéia, não ousaram entrar ali. José teve de renunciar ao caminho mais direto, que atravessa Jerusalém e Samaria, e seguir a margem do Mediterrâneo por Gaza

e Cesaréia da Palestina. Êsse caminho passa pelo Carmelo e quer a tradição local que os viajantes tenham repousado na caverna chamada "Escola dos profetas", um dos lugares mais venerados da Santa Montanha; e, sempre obedientes às divinas advertências, estabeleceram sua moradia em Nazaré da Galiléia. Era a vontade de Deus, a fim de que se cumprisse a palavra: "Chamei do Egito o meu Filho"; e alhures: "Êle será chamado Nazareno".

Essa palavra Nazareno encerrava um grande mistério. Nazareno significa separado, consagrado a Deus, votado à penitência. Pilatos cumprirá as profecias inscrevendo essa palavra no título da Cruz. Mas, ao mesmo tempo que o Cristo Jesus é a realização das profecias antigas, tôda a sua vida nêste momento e tôdas as suas palavras são profecias das coisas futuras. Por que, tão jovem, é destinado à perseguição?

Para advertir a Igreja: "O Rei cujo reino não é dêste mundo", diz Bossuet.

Herodes o odeia desde o Nascimento e lega à sua casa êste ódio. Assim perpetuou-se, de príncipe em príncipe, o ódio contra a Igreja nascente. Assim elevou-se contra a Igreja uma dupla perseguição: a primeira, sangrenta; a segunda, mais surda mas que entretanto a oprime. A tirania jamais perdeu êsse flagelo de Herodes.

Vós também, ó Virgem Santa, fôstes votada à perseguição. Os heresiarcas acumularam objeções contra a vossa Maternidade virginal. Mas que nos importam suas negações, se possuímos a prova luminosa de que sois em verdade a Espôsa do Espírito Santo? De joelhos diante dÊle, não se experimenta a tentação de esquecer a vossa beleza e santidade para contemplar mais de perto a baixeza da blasfêmia, não se faz questão alguma de arrancar-lhes confissões despidas de arrependimento.

CAPÍTULO VII

NAZARÉ
JESUS PERDIDO E ACHADO NO TEMPLO
A VIDA OCULTA

(até aos princípios do ano 26?)

MORTE DE SÃO JOSÉ

Ignoramos em que condições a Sagrada Família deixara a sua casa em Nazaré. Podemos entretanto imaginá-la, ao voltar do Egito, entrando novamente nessa moradia, onde tivera lugar o mistério da Incarnação, e na qual iria viver o Cristo até aos trinta anos.

Ali, sob o olhar de Maria, "o Menino crescia e se fortificava, cheio de sabedoria, e a graça de Deus era com Êle".

Após essas palavras, o Evangelho não refere senão um acontecimento da infância de Jesus. Aos doze anos, idade dos preceitos, seus pais o conduziram a Jerusalém para celebrar a Páscoa. Mas, ao regressarem, Êle permaneceu na cidade. Durante um dia inteiro, nem José nem Maria perceberam sua ausência, porque os peregrinos marchavam em grupos separados, e cada um o julgava em companhia de outro. Retrocedendo, êles o procuraram

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

inùtilmente durante três dias. Enfim, acharam-no onde Êle devia estar, no Templo de Salomão, assentado entre veneráveis doutores, aos quais escutava e interrogava, demonstrando-lhes uma sabedoria que os maravilhava. Disse-lhe a sua Mãe: "Meu Filho, por que procedeste assim conosco? Eis que teu Pai e eu, cheios de aflição, te procurávamos". E Êle lhes respondeu: "Por que me procuráveis? Não sabíeis que devo ocupar-me no que é do serviço de meu Pai?" Êles não compreenderam de que serviço falava, mas sua Mãe conservava a lembrança de tôdas essas coisas.

Aos doze anos, isto é, na idade em que o israelita se tornava "Filho da Lei" e se iniciava, pelos seus atos pessoais, na prática da lei mosaica, Jesus pronunciava a primeira palavra que nos conservou o Evangelho. Êle a pronunciava no Templo e tal palavra afirma a sua divindade.

S. Lucas nos prepara, dizendo que o Menino, sentado entre os doutores, os escutava e interrogava. Estava sentado entre os Mestres, apesar de seus doze anos. Provàvelmente, após tê-Lo ouvido, surprêsos de sua ciência, tê-Lo-ão chamado êles próprios. Para mostrar que é homem, Êle escuta com humildade; para mostrar que é Deus, interroga com inteligência. E suas respostas às questões que Lhe propõem ou àquelas que Êle mesmo lhes dirigiu, excitam a admiração de quantos O escutam.

Se interrogava os escribas, "não era para aprender coisa alguma, mas para instruí-los, interrogando, diz Orígenes.

Êles os instigava a procurar o que, até então, não haviam pedido compreender: que sabiam e o que ignoravam".

A Virgem Maria, encontrando-O após três dias de inquietação, prelúdio do supremo sacrifício, dis-

se-Lhe, ainda emocionada: "Meu Filho, eis que teu Pai e eu, cheios de aflição, te procurávamos". E Êle responde: "Por que me procuráveis? Não sabieis que devo ocupar-me no que é do serviço de meu Pai?"

Ela fala de José, Êle fala de Deus. A própria Virgem não apreende todo o mistério dessa resposta. Se Maria e José tivessem compreendido e entendido, se tivessem alcançado tudo quanto era o Filho de Deus, como suportar tanta majestade?

Era necessário que essa majestade fôsse duplamente velada, até à sua Mãe. Mas o respeito a seu pai adotivo permite ver suficientemente tudo quanto transparecia de divino através da natureza humana, e a Virgem Santa "conservava tudo isso em sua memória", e, como está ainda escrito: "Ela o meditava em seu coração". Ela aprendia assim o desapêgo para o dia em que seu divino Filho, ensanguentado e desfalecido, repousar de suas fadigas deitando-Se na Cruz, dia em que, de suas chagas vivas, jorrarão as fontes de salvação.

Jesus "desceu com seus pais" e foi a Nazaré, e "era-lhes submisso". A submissão é uma das palavras que sustentam a sociedade humana. Submisso à autoridade paterna, submisso nos mais humildes trabalhos, submisso aos trinta anos! Podemos observar, nessa pequena sociedade de Nazaré, o que acontece freqüentemente em tôda sociedade humana e na própria Igreja ordem da autoridade e da dependência não corresponde à da perfeição e santidade. Deus quer que o homem obedeça e ordene, conforme o papel e funções de cada um, não segundo a ordem dos méritos e da virtude. O Superior deve saber respeitar no inferior uma perfeição que ultrapassa a ciência, e o inferior deve sempre respeitar, no Superior, um poder derivado do próprio poder de Deus.

Até a pregação do filho de Zacarias, nada mais sabemos da vida do Cristo Jesus senão que Êle permaneceu com seus pais, que lhes era submisso, ganhando a vida com o trabalho de suas mãos. A pobreza é meio demasiadamente poderoso de santificação para que Deus o não impuzesse às três pessoas em quem mais se comprazeu. Jesus não viajou para instruir-se nas famosas ciências dos egípcios e gregos. O judeus, maravilhados com a sua sabedoria, perguntarão se Êle não é o mesmo que tinham visto na humilde condição de operário: um carpinteiro, filho de um carpinteiro? No tempo de S. Jerônimo, mostravam-se ainda na Palestina jugos de charrua fabricados por suas divinas mãos. S. Justino, em seu discurso contra Tryphon, as menciona também. Seu pão celeste era cumprir a vontade de seu Pai; Êle ganhava o pão terrestre com o suor de seu rosto. Esta, a sua mais longa pregação; pregação de obediência, de humildade, de trabalho, compartilhada pela Virgem Maria. Porque, durante êsse tempo, Ela desempenhava, com a mais diligente atenção, todos os deveres de dona de casa; preparava as refeições que José e seu divino Filho deviam encontrar à volta do trabalho.

De cântaro ao ombro, como as outras nazarenas, ia à fonte buscar água. Cuidava da roupa; e até, como as donas de casa de sua época, confeccionava Ela mesma as suas próprias rompas e as da família. Talvez aceitasse também trabalhos fora do lar, para acrescentar algum dinheiro ao que José ganhava trabalhando na madeira.

A caridade de Maria jamais poderá ser igualada por uma simples criatura. Às mais simples ações da vida exterior, a interior comunicava um valor inestimável: era o olhar de sua alma, fixo em seu Filho e seu Deus, que se fez nosso semelhante, assumindo a nossa natureza por Sua misericórdia.

Compreendia que a caridade de seu Filho tivera compaixão e se aproximara de nós. Que imensa distância a vencer! Pois, que há de mais distante senão Deus e os homens? A Virgem sabia que a divina sabedoria, para aproximar o homem, criara êsse milagre em seu seio virginal. Sabia que, possuindo em Si mesmo a justiça e imortalidade, vendo em nós o pecado e a morte, seu Divino Filho não assumira os nossos dois males, que O teriam tornado nosso igual, tendo necessidade de ser libertado conosco.

A fim de estar perto de nós e de não ser o que somos, Êle não se fez pecador e não quis que sua santa Mãe fôsse pecadora. Tornou-Se mortal, gerado por esta Virgem, Espôsa do Espírito Santo; tomando o castigo sem tomar a falta, aboliu a falta e o castigo.

Compreende-se que Maria amou a Deus como seu Criador e a seu Criador como seu Filho, e que Ela pôde cantar com o Salmista: "Meu coração e minha carne estremecem ao Deus vivo".

A caridade de José era menor que a de Maria. Era entretanto superior à dos outros santos. No decurso de seus longos anos de devotamento, de trabalho e de fadigas, essa caridade acumulou um tesouro de méritos. A medida que Deus exigia achava-se completa: terminara o papel de José. Era necessário que o Cristo Jesus, na hora de se manifestar aos homens, aparecesse Filho de Deus e de Maria e que o seu pai adotivo se apagasse para deixar aparecer o verdadeiro Pai, o Deus eterno.

José morreu entre os cuidados de Jesus e de Maria, e sua morte permaneceu como ideal das que são, entre tôdas, consoladas, santas e benditas. Adormeceu na paz do Senhor e foi aos limbos esperar a próxima vitória de Jesus sôbre a morte;

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

como a flecha do arco, a vida arremessar-se-á do túmulo.

Maria chorou. Que humanidade nessas lágrimas! Como não amar a espôsa, como não reconhecer a mulher?

Durante o espaço de tempo, provàvelmente breve, que decorreu entre a morte do chefe de família e o início de sua vida pública, Jesus continuou a habitar em Nazaré. "Não é êste o filho do carpinteiro? não é êste o carpinteiro?" dirão seus compatriotas. E não acrescentarão também: "sua Mãe não se chama Maria?"

Apenas A conheciam, a Virgem Santa, inteiramente dedicada a seu divino Filho. A intimidade entre Êles estreitou-se cada vez mais, como sucede aos que se amam, que sofreram juntos e que se vão separar. Nesta vida de união, respira-se a alegria de uma aurora. Parece que a própria natureza, enriquecida pela presença de Deus, devia apresentar-se, nêsses felizes momentos, mais sorridente, como que ornada pelos reflexos do Paraíso. Havia sem dúvida algo de mais perfeito na serenidade dessas noites que contemplavam Jesus e Maria em oração, na limpidez das manhãs que Os acolhiam, na pureza do ar que Lhes recebia o hábito. Se as virtudes da Virgem Maria embalsamavam tôda a casa onde se esparziam, que perfume de vida não deveria gozar tôda a cidadezita que se impregnava de hálito de seu divino Filho? A doce voz de Maria repetiria certamente as palavras do Cântico dos Cânticos, ao pensar em seu Filho: "Êle se distingue entre dez mil. Sua cabeça é de ouro puro, seus cabelos são ondulantes... seus olhos, como pombas à borda dos regatos". Repetindo essas palavras, Ela esparzia a beleza das Sagradas Escrituras e a abundância dos esplendores divinos. Nada semelhante se oferecera jamais nem aos olhos nem

aos corações dos homens; em parte alguma viera antes o Céu entreabrir-se na terra. As horas de intimidade fugiam, chegava e aproximava-se a hora do apostolado. Os primeiros passos do Salvador prendiam-se ao caminho do Calvário. Ele iniciava seu caminho, sabendo para onde ia. Manterá impotentes os seus inimigos por quanto tempo quiser; chegará à hora eternamente fixada e tudo será consumado quando a tiver de ser.

CAPÍTULO VIII

JESUS DEIXA NAZARÉ
ÊLE ANUNCIA À SUA MÃE QUE CHEGOU A HORA DE SERVIR AO PAI

Crescera o Cristo Jesus, oculto na vida familiar, vida comum e normal de todos os homens, vida que convinha perfeitamente Àquêle que devia ser o Modêlo de todos.

Mais extraordinários foram os desígnios da Providência para com aquêle que escolhera Precursor do Messias. Fôra no deserto de Judá que João Batista, filho de Zacarias e Isabel, se retirara desde a infância. Vivia a vida mais mortificada, vestido com uma pele de camelo, orando e jejuando, desconhecido nessas solidões como Jesus na obscuridade de Nazaré. Até a idade de trinta anos, assim esperou a ordem de Deus para o dia de sua manifestação.

Enfim, no décimo quinto ano do império de Tibério César, a palavra do Senhor se fez ouvir a João, filho de Zacarias, conforme anunciara o Profeta: "Eis que envio o meu anjo adiante de vossa face e êle preparará o caminho adiante de vós". E alhures: «Voz do que clama no deserto: Preparai os caminhos do Senhor, endireitei as suas veredas".

João Batista começou portanto a pregar no deserto da Judéia e nas terras do Jordão. Batizava e

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

pregava o batismo de penitência, que devia dispor os homens a receber a remissão dos pecados. Dizia: "Fazei penitência porque está próximo o Reino dos céus!" Tratava com violência a hipocrisia dos fariseus e a impiedade dos saduceus, misturados à multidão que acorria a êle. "Raça de víboras, dizia-lhes, quem vos ensinou a fugir da ira futura? Produzi pois dignos frutos de arrependimento e não queirais dizer dentro de vós: Temos Abraão por pai! Porque eu vos digo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. O machado já está pôsto na raiz das árvores: tôda árvore que não produz bom fruto será cortada e lançada ao fogo".

Estas exortações, lançadas com voz vibrante, sustentadas por vida tão santa e pela recordação de seu milagroso nascimento, abalavam tôda a Judéia. As multidões emocionadas, confessavam seus pecados e perguntavam a João o que se devia fazer para receber o batismo. Êle dava a todos o preceito da esmola: "O que possui duas túnicas, dê uma a quem não tem, e o que tem que comer, faça o mesmo".

Aos publicanos, que cobravam o imposto, (poder-se-ia dizer o mesmo aos cobradores de hoje) dizia: "Não exijais nada além do que vos foi fixado". Aos soldados (poderia igualmente dizer-se outro tanto aos intendentes): "Não façais violência, nem fraude, e contentai-vos com o vosso sôldo".

Em breve, persuadiu-se o povo de que João era o Cristo. Disse-lhes então: "Eu batizo em água; mas virá Aquêle que é mais poderoso do que eu, e a quem não sou digno de desatar a correia de suas sandálias. Êle vos batizará no Espírito Santo e no fogo. Êle tem a pá na mão; limpará a sua eira, e recolherá o trigo no celeiro, mas queimará a palha num fogo inextinguível".

No entanto, Jesus advertiu sua Mãe que passa-

ra o tempo da vida em família e da doce intimidade do Nazaré.

Chegara a hora de servir ao Pai. Maria submeteu-se à divina vontade. Por esta magnífica submissão, por êste perfeito sacrifício, podem ver-se quais os sentimentos de Maria.

Jesus ajoelhou, sem dúvida para pedir à Mãe bem-amada que O abençoasse antes de O deixar partir.

E Maria, na luz da Palestina, contemplava o seu divino Filho ao afastar-Se do teto paterno.

E Jesus deixou Nazaré para ser batizado. Apareceu aos olhos de João Batista, às margens do Jordão, entre a multidão de pecadores que abraçavam a penitência. Nada nos diz que João, habitando no deserto desde a infância, tivesse jamais visto, antes dêsse momento, o Filho da Virgem Maria. Entretanto, reconheceu-O por uma súbita inspiração que um sinal visível iria prontamente confirmar. E dirigiu-Lhe a mesma palavra que sua mãe Isabel à Mãe de Jesus: "Tu vens a mim?" Recusava batizá-Lo, dizendo-Lhe: "Sou eu que tenho necessidade de ser batizado por Ti, e Tu vens a mim? Respondeu-lhe Jesus: "Deixa por ora, porque convém que cumpramos assim tudo o que é justo". Então João batizou a Jesus no leito do Jordão, em Betabara, defronte de Jericó, provàvelmente a 6 de janeiro do ano 26.

E, enquanto Jesus orava, tendo saído das águas, os Céus se abriram e o Espírito Santo, sob forma de uma pomba, desceu e pairou sôbre Êle; e uma voz exclamou do Céu: "Tu és o Meu Filho bem-amado".

Que lição de humildade acaba de dar ao mundo O Cristo Jesus, pedindo a João que O batize! Pelo batismo de Jesus, diz S. Crisóstomo, serão remidos os nossos pecados; no batismo de João, os ju-

deus prometiam expiar os seus. O batismo de Jesus será um dom, o de João é uma obra de mortificação.

Eis porque João hesita diante de Jesus e Jesus lhe diz: "Deixa!", para submeter-se em tudo à penitência, como se fôra um pecador; e eis o cúmulo da justiça. Nosso Senhor Jesus Cristo cumpre ainda "tôda a justiça", fazendo o que será para o cristão a fonte de tôda a justiça, isto é, recebendo o batismo, cuja necesseidade ninguém mais poderá contestar. E enfim, descendo ao meio das águas, Êle as purifica, expulsa o demônio, dá-lhes a fôrça de regeneração, o direito do batismo, como diz S. Bernardo: "jus baptismi". Comunica-lhes o privilégio conferido ao Seio de Maria: nada gerar que não seja puro. Faz do batismo o que mais tarde fará da Páscoa. Assim como Êle comerá o Cordeiro Pascal, figura e lembrança, e nos dará a sua carne, penhor da felicidade eterna, da mesma maneira recebe o batismo judeu, cerimônia impotente, e nos dá o batismo cristão, verdadeira fonte da graça. Em uma palavra, aceitando a Lei, e dando o Evangelho, Êle recebe a sombra e lhe acrescenta a verdade.

Se o Espírito Santo apareceu sob a forma de uma Pomba, foi para que João Batista o pudesse ver. Invisível na substância de sua divindade, assumiu esta forma, porque o batismo nos quer simples e doces quanto ela. A pomba é o símbolo da reconciliação, do perdão, da paz. Não é Maria também a verdadeira Pomba, trazendo aos povos as promessas de paz, se soubermos rezar e sacrificar-nos para aplacar a cólera divina e fazer renascer a vida sôbre a terra?

Jesus retirou-se em seguida para o deserto. Antes de tratar com os homens, Êle se coloca face a face, sós a sós com Deus, para fortalecer-se e não

procurar, em suas relações com os homens, senão o serviço de Deus. A autoridade que Êle acaba de fundar sôbre um novo princípio, tem necessidade de aprender com Êle esta prática, cuidadosamente observada em sua Igreja. Êle se mostra o modêlo de resistência no inevitável combate com o demônio: "Se queres servir a Deus, diz a Sabedoria, prepara tua alma para a tentação".

Jesus estava portanto no deserto com os animais e tinha fome; estava com os Anjos e permaneceu quarenta dias sem comer.

Traços de homem e traços de Deus. O demônio não conhecia senão vagamente os divinos segrêdos. Era-lhe ainda oculto o imenso mistério da Incarnação. Não sabendo se Jesus é homem ou Deus, hesitava; enfim, aproximou-se. Contra o novo Adão, emprega os mesmos meios utilizados contra o primeiro e que utilizará contra todos os homens. Dirige-se sucessivamente às tres grandes concupiscências, a satisfação dos sentidos, o orgulho, a ambição. Sob outra forma, foi o que perdeu Eva. E é por isso que, diz S. Paulo, o Filho de Maria "teve de ser semelhante em tudo a seus irmãos, a fim de que fôsse um soberano Sacrificador, misericordioso e fiel no serviço de Deus, para expiar os pecados do povo; porque, sendo Êle próprio tentado no que sofreu, pode socorrer os que são tentados".

Mas Jesus não mostrava a Satanás nem a fraqueza do homem nem o poder de Deus. Com a sabedoria vitoriosa do homem, instruído por Deus, respondeu-lhe com três breves sentenças da Escritura e o despediu, assim como Davi matou Golias com três pedrinhas encontradas no fundo da torrente.

Entretanto, João continuava a pregar e bati-

zar e sua reputação, sempre crescente, excitava o ódio dos escribas e fariseus.

No dia seguinte, João Batista, com dois de seus discípulos, viu de novo passar Jesus e disse ainda: "Eis o Cordeiro de Deus!" Em seguida os dois discípulos do Batista seguiram Jesus que se ia. Eram André de Betsaida e João, filho de Zebedeu, aquêle que devia, mais que qualquer outro, penetrar a intimidade de Jesus e de Maria, sua divina Mãe. Jesus voltou-se e lhes disse:

— "Que procurais?"

— "Mestre, disseram-lhe, onde habitais?"

Êle lhes respondeu: "Vinde e vêde".

Êles foram e habitaram com Êle. Disse André a seu irmão Simão: "Encontramos o Messias"; e levou-o a Jesus. E Jesus, olhando para Simão, disse-lhe: "Tu és Simão, filho de Jonas; serás chamado Cefas, isto é, Pedro". Em seguida, Filipe é chamado espontâneamente pela única palavra do Mestre: "Segue-me", e obedece.

Filipe falou a Natanael de Caná. Êste era de outro caráter: zombou. Filipe, homem simples e pouco instruído, não contestou. Para que? Contentou-se em responder: "Vem ver...". E Jesus, docemente compadecido do zombador, espírito não esclarecido mas reto, atraiu-o: "Eis, disse Êle, um verdadeiro israelita em quem não há dolo".

É tudo, e eis como foram reunidos os primeiros apóstolos, os que O acompanhavam quando, pela segunda quinzena de fevereiro, voltou Jesus à Galiléia.

Apesar da brevidade dêste esbôço, e, de tantos fatos que foi necessário silenciar, é difícil não reconhecer a obra de Deus e da Virgem Santa. Fora da pessoa divina, não há santidade maior que a de

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Maria, nem humildade mais profunda que a sua. Jesus Cristo avança com seu cortejo de discípulos e de virgens, acompanhado por sua Mãe. Acaba de derrubar com uma palavra o poder das trevas, sôbre as quais fechará um dia o eterno abismo, ao mesmo tempo que colherá nas doces redes de sua misericórdia, aquêles que se esforçam para segui-Lo no caminho da luz e do perdão.

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO IX

AS BODAS DE CANÁ
MARIA DURANTE A VIDA PÚBLICA DE JESUS

(de janeiro do ano 26 a março do ano 29?)

Três dias após a promessa a Natanael, «houve bodas em Caná da Galiléia", em uma casa onde se celebravam bodas. A Santa Virgem ali se achava, decerto na qualidade de parente, e provàvelmente presidia ao festim. Jesus compareceu com os primeiros discípulos. A rogos de Maria, fez um milagre. Êle vem renovar o homem. Assim como entrou no rio da penitência para santificar a água que será a matéria do sacramento da regeneração espiritual, Êle assiste a esta festa de núpcias, e a glorifica por um milagre, para honrar para sempre o matrimônio, futuro sacramento que purificará a fonte da vida.

O matrimônio era então, mesmo entre os judeus, um contrato rescindível. "Quando um homem, diz o Douteronômio, tiver tomado e desposado uma mulher que viesse a não achar graça em seus olhos porque nela descobriu algo de vergonhoso, escrever-lhe-á uma carta de repúdio, e, após entregá-la, enviá-la-á para a sua casa". O historiador José, homem grave e sábio, informa-nos que se

divorciara três vêzes. Os romanos contavam os anos pela rápida sucessão de seus matrimônios. O divórcio e o celibato aniquilavam a sociedade romana. Augusto queria dar-lhe remédio. Ordenava leis ao Senado e versos aos poetas; mas a lei outorgada trazia o nome de dois cônsules celibatários e Horácio, que cantava em seus versos os louvores do matrimônio, era êle próprio um celibatário empedernido.

O Imperador encontrava quase a mesma dificuldade em achar um patrício afortunado que quisesse casar-se, uma matrona que não se divorciasse, e uma donzela virgem que pudesse ser vestal.

Ainda hoje, entre os esquimós onde não penetrou o Evangelho, as mulheres gravam no braço os nomes de seus amantes.

O Cristo Jesus dará ao matrimônio a majestade do sacramento e da indissolubilidade. E, contra os inimigos de tôda espécie que tentarão reconduzi-lo às primeiras imperfeições, ergue com a sua presença uma eterna muralha a fim de que, ao menos entre os cristãos, possa prevalecer o respeito à união conjugal, contra a corrupção das doutrinas, dos costumes e das leis. É pois o matrimônio, isto é, a família cristã, que Êle começa a fundar. Em presença de Maria, coloca sua lembrança na base da união dos esposos; em palavra, Êle selará esta união, e estará consumada esta imensa obra.

Durante o festim, faltou o vinho. A Virgem Maria, por um movimento natural de sua bondade, e também certamente por impulso divino, voltou-se para o divino Filho e Lhe dirigiu esta palavra, ou antes, esta misteriosa prece: Êles não têm mais vinho". Jesus parece recusar e que sua Mãe Lhe pedia.

Disse-Lhe: "Mulher, que há entre Ti e Mim?

Ainda não chegou a minha hora". Maria dirá entretanto aos servos: "Fazei o que Êle vos disser".

Havia ali seis talhas de pedra que serviam para as purificações. Jesus ordenou aos servos que as enchessem de água e, quando as encheram até a borda, disse-lhes: "Tirai agora". As seis talhas, que continham, cada uma, duas ou três medidas, se achavam cheias de um vinho cujo delicioso sabor surpreendeu todos os convidados. O Evangelista S. João, testemunha ocular, acrescenta: "Foi assim que Jesus fêz, em Caná da Galiléia, o primeiro de seus milagres, e seus discípulos creram nÊle".

A razão imediata do milagre, e razão suficiente, era o aumento da fé nos discípulos pois que de sua fé dependiam a sua e nossa salvação.

Mas o nosso divino Salvador nada faz de efêmero, e, nêsse admirável milagre, nada havia sem mistério e sem ensinamento. Sua resposta à Virgem Santa era uma nova declaração de sua divindade; era necessária no início de sua vida pública. Dizendo-Lhe: "Não têm mais vinho", a Virgem Maria Lhe pedia um milagre. Mas Jesus Lhe responde: "Mulher, que há entre Ti e Mim? Ainda não chegou a minha hora". Muitos se admiram com a dureza dessa linguagem. É apenas aparência. A palavra *mulher* é um sinal de polidez e respeito para com a Virgem Santa, e além disso, Jesus devia mais luzes ao mundo que vãs ternuras à sua Mãe nessa hora excepcional...

Aliás, Maria não demonstra nenhuma admiração, nenhuma surprêsa, nenhum receio de não ser atendida. Adverte simplesmente aos servos que façam quanto Jesus lhes disser. Ela conhecia o poder de sua oração. E, com efeito, Jesus logo se submete, realizando o milagre que Ela desejara. Êle próprio assim comentava antecipadamente, no primeiro ato público de sua missão, a sublime pa-

lavra que pronunciará do alto da Cruz, ao terminá-la: "Homem, eis a tua Mãe". "Eis Aquela que continuamente Me rogará por ti e a quem obedecerei sempre, até mudando a ordem da natureza e o curso dos acontecimentos, até fazendo milagres, quando conveniente e necessário...

Êsse milagre da conversão da água em vinho representa outrossim todos os mistérios da Redenção. Os judeus possuíam essa água contida nas seis talhas destinadas à água das purificações, isto é, nos seis períodos em que se divide o tempo que precedeu a vinda do Messias, de Adão a Noé, de Noé a Abraão, de Abraão a Moisés, de Moisés a Davi, de Davi ao cativeiro, e do cativeiro ao Cristo Jesus. Mas esta água não é para êles senão água, senão o instrumento de uma purificação material incompleta, ou até inteiramente vã, semelhantes às abluções dos fariseus. Êles lavam suas mãos e fazem obras estéreis e impuras. Bebem esta água, mas os seus corações não recebem nem calor, nem fôrça, nem alegria. Os Livros dos Profetas, diz S. Agostinho, são insípidos e fastidiosos se não compreendidos. E, para compreendê-los, é necessário descobrir nêles o Cristo Jesus. Mas os judeus não querem descobrí-Lo, lêem sem compreendê-los e não os interpretam senão para desfigurá-los. Não querem reconhecer o seu Messias. Compreendemos então a misericórdia do coração da Virgem, ao dizer a seu divino Filho: "Não têm mais vinho". Compreendemos que Ela diz ao Senhor: "Falta-lhes a fôrça, falta-lhes a alegria, falta-lhes a luz. Tende piedade, meu caro Filho, antecipai o vosso dia, dai-lhes o vinho da verdade".

A presença de Jesus e Maria glorificara as núpcias de São Simão e de sua espôsa, unidos na afeição de dois puros corações. O milagre de Caná representa a maravilhosa intervenção da Virgem

Santa na obra de nossa santificação. Demonstra que a obra sobrenatural depende inteiramente dEla, e que esta obra produz os seus melhores frutos nas almas quando Maria está presente para facilitar a sua realização.

De Caná, Jesus se dirigiu a Cafarnaum com sua Mãe e os quatro filhos de Cleofas, chamados "seus irmãos e seus discípulos".

Cafarnaum, cujo nome significa "cidade da consolação", era uma opulenta povoação, muito populosa e animada, situada nos confins de Zabulon e Neftali, onde o Jordão se lança no lago de Genezaré. Esta região da Galiléia era chamada a Galiléia dos gentios, por causa dos pagãos que aí habitavam por permissão dos galileus. Isso os arrastara a um decadência espiritual tão notável, que os judeus os desprezavam e consideravam impuros. Foi aí que Jesus teve a sua principal permanência e realizou o segundo milagre, para afirmar o estabelecimento da Igreja e assinalar sua missão.

Ignoramos entretanto se Maria já renunciara à sua habitação de Nazaré ou se Ela acompanhava seu Filho por algum tempo sòmente.

Após alguns dias em Cafarnaum, Jesus foi a Jerusalém onde fez outros milagres e celebrou a Páscoa.

O costume e a conveniência dos sacerdotes haviam permitido aos mercadores estabelecerem-se nos pórticos do Templo. Jesus os expulsou uma primeira vez, dizendo: "Fazeis da casa de meu Pai um covil de ladrões". Mais tarde, lembramo-nos de que está escrito: "O zêlo de vossa casa me devora". Os mercadores não Lhe resistiram, embora sua mão estivesse armada apenas de um azorrague de cordinhas, e não invocaram os sacerdotes que haviam tolerado o seu tráfico. Sem dúvida,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Êle os intimidou pela majestade irritada do seu semblante.

Muitos que não estavam ainda senão admirados de seus milagres vinham a Êle. E Êle os detinha um pouco ou os afastava. Chamava os que não se ofereciam.

Em Jerusalém, entre os que vieram desde o princípio, houve um senador chamado Nicodemos. Veio de noite, de coração reto mas tímido. Tinha mêdo dos judeus, receando sem dúvida as suas violências e zombarias. Achá-lo-ão mais corajoso no Gólgota. No discurso que lhe fez, Jesus lhe descobre todo o plano do Cristianismo. Assinala sua morte na cruz e pronuncia a palavra que é a razão adorável de sua Incarnação no seio da Virgem Maria: "É assim que Deus amou o mundo, até lhe dar o seu Filho único".

Tendo assim acolhido com doçura e bondade o tímido judeu, vai Êle próprio ao encontro dos samaritanos.

Os samaritanos eram o resto de colônias formadas de diversos povos, estabelecidas pelos assírios. Pretendiam ser da raça de Abraão e recebiam os livros de Moises, mas misturando-lhes muito de sua antiga idolatria. Os judeus os consideravam estrangeiros e aversão recíproca os separava. A Sinagoga proibia tôda relação com êsses cismáticos, exceto para compra e venda. Jesus, Filho de Maria "a Mãe de todos", vai a êles. Coloca-se acima das inimizades nacionais e políticas, como em breve se colocará acima das prescrições farisaicas relativas ao Sábado.

Atravessando pois o território da Samaria para alcançar novamente a Galiléia, e achando-se às portas de uma cidade chamada Sichem, Jesus parou, sentindo a fadiga do caminho. Assentou-se na

borda do poço de Jacó e pediu de beber a uma samaritana.

O Cristo Jesus se revela a esta mulher que Lhe confessava a sua miséria... "Êsse Messias que esperais, é Êle que te fala nêsse momento: sou Eu!.." Estava-se em dezembro do ano 26.

É necessário observar que a missão na Samaria era o ato que mais podia comprometer Jesus Cristo entre os judeus se Êle tivesse, como se diz, buscado a popularidade. Era geral a aversão pelos samaritanos, e tornava a opinião mais temível que as proibições legais. O Cristo Jesus não levou em conta as prevenções contra essa cidade. Sua imensa condescendência para com as misérias humanas jamais favoreceu um êrro. Duplo sinal de sua divindade: que não o tenha feito e que tenha podido não fazê-lo.

Durante êsse percurso apostólico pela Galiléia, Jesus começou a pregação do reino de Deus, cuja narrativa nos foi principalmente conservada pelos três primeiros evangelistas.

Após ter deixado o lugar em que dera suas instruções, Jesus foi a "Nazaré onde se tinha criado". Entrou na Sinagoga no dia de Sábado a fim de ensinar, como aliás era direito de todo filho de Israel. Ergueu-se para ler. Apresentaram-lhe o livro de Isaías, que era a leitura litúrgica nêsse momento do ano. Pois Êle nada mudava ordinàriamente e cumpria cuidadosamente tôdas as coisas como o deviam ser. Abrindo o livro, encontrou esta passagem: «O Espírito do Senhor está sôbre mim; pelo que me ungiu; enviou-me para evangelizar os pobres, curar os aflitos de coração, anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a cura, devolver aos oprimidos a liberdade, publicar o ano salutar do Senhor". Jesus enrolou o livro, entregou-o ao ministro da Sinagoga e sentou-se. Todos os olhos se

fixavam sôbre Êle. E lhes disse: "Hoje cumpriu-se esta Escritura que acabais de ouvir".

A beleza desta palavra é tanto mais impressionante quanto o Cristo Jesus não ignorava as más disposições de seus ouvintes. Entre êstes notam-se dois espíritos. Primeiro, acharam-se tomados de admiração; mas logo o ódio dos fariseus se manifesta e domina.

Êste ódio devia nascer em Nazaré mais fàcilmente que alhures. Os seu habitantes olhavam sem dúvida para o dom da profecia e do milagre como a uma grande ventura; sentiam-se invejosos do que recaísse êste dom sôbre um homem a quem consideravam um miserável. Começaram a dizer: "Não é êste o Filho do carpinteiro José, o Filho de Maria? Não conhecemos nós os seus irmãos, isto é, seus primos; não estão entre nós as suas irmãs? Donde lhe vem pois tudo isso?"

Nosso divino Salvador leu nêsses miseráveis corações, e previu a injuriosa pergunta que Lhe iam dirigir; viu que êsses incrédulos iam pedir-Lhe milagres. "Prova-nos que és Deus!" Os que lançaram êste grito, tantas vezes repetido no decurso dos séculos, foram as primeiras testemunhas da divina virtude, aquêles sob cujos olhos haviam sido ressuscitados os mortos. Jesus Cristo lembrou-lhes que Elias fôra enviado à viúva de Serepta, embora não faltassem as viúvas em Israel; e que Eliseu não curou os numerosos leprosos de Israel, mas sòmente a Naaman, que era sírio. Era advirti-los que deviam colocar-se nas condições requeridas para receber a graça, abandonando seu ódio, inveja e incredulidade. Mas, muito ao contrário, êsses nazarenos levantaram-se contra Jesus, expulsaram-No da Sinagoga e o conduziram até o cume da montanha sôbre a qual se ergue a cidade, com o designio de precipitá-Lo, para fazê-Lo morrer.

Narra a tradição que a Virgem assistia à cena e que, ferida em seu amor de Mãe e em sua afeição por Nazaré, seguia de longe o seu divino Filho.

Entretanto, a misericórdia do Salvador lhes poupa êsse crime e, tranqüilo, "passando por entre êles, retirou-Se".

Deixando êsses ingratos, Jesus retomou suas peregrinações pelos caminhos que haviam percorrido os patriarcas e profetas, espalhando por tôda parte a saúde, a esperança e a vida.

No momento da Paixão, Maria, a Virgem Santa, foi confiada aos cuidados de S. João, em Jerusalém. Não se fala em sua moradia de Nazaré. Portanto é quase certo que Maria deixou a sua casa, onde passara tão doces momentos, para seguir seu divino Filho. Supõem vários que Ela habitou Cafarnaúm, onde já passara alguns dias após as Bodas de Caná e aonde o Cristo Jesus voltava com freqüência. É também de crer-se que Ela O acompanhava nessas missões, atenta às suas palavras, e rejubilando-se com os seus milagres.

Seguiam-No aliás, como permitia o uso, além de sua divina Mãe, algumas mulheres, outrora curadas de seus males, ou libertadas de espíritos malignos. Eram Maria Madalena, Joana, espôsa de Chisa, intendente de Herodes, Suzana e várias outras. Elas auxiliavam com seus bens ao nosso divino Salvador. Portanto Êle recebia também pessoas ricas entre os seus amigos e o Evangelho, acentuando várias vezes o fato, refuta o êrro dos que querem ver em Jesus Cristo uma espécie de nivelador, de pregador da igualdade dos bens e condições. É verdade que êsses ricos eram pobres de coração; deviam sê-lo, pois que é impossível servir a Deus e a Mamon; mas Jesus lhes ensinava o bom uso das riquezas e não impunha a sua pobreza

senão àquêles que chamava ao ministério do Evangelho.

Havia também "a mãe dos filhos de Zebedeu", que provàvelmente se chamava Salomé, e "Maria, mãe de Tiago e de José", isto é, Maria de Cleofas. Esta última parece ter sido tão afeiçoada à sua "irmã", que basta a sua presença entre as santas Mulheres para indicar a presença da própria Virgem Maria. A Virgem Santa lhes ensinava a servir Jesus. Mostrava-lhes que seu divino Filho fôra enviado, primeiro, para cumprir a vontade dAquêle que O enviara, depois, para perfazer a obra de Deus, não sòmente reconduzindo o homem a seu primeiro estado, mas elevando-o à perfeição que é nutrir-se do conhecimento de Deus.

Assim, essas almas compreendiam melhor dos lábios de Maria como o Filho de Deus cumpriu tão perfeitamente de duas maneiras a obra do Pai; no homem, quando nos faz ver em sua pessoa a natureza humana sem pecado, sem corrupção, digna do amor divino; na Lei, porquanto o Cristo Jesus é o fim da Lei; conduz a seu total desenvolvimento tudo quanto ela continha, eleva enfim o mundo do culto corporal ao culto espiritual.

Os fariseus também seguiam Jesus. Entre a multidão, procuravam corromper o reto pensar dêsse povo, que não podia ouvir Jesus nem contemplar-Lhe os milagres sem reconhecer o enviado de Deus.

Àquêles que Lhe pediam prodígios, Êle os recusou, como recusara a Satanás que ousava tentá-Lo no deserto; e ao mesmo tempo Êle lhes anunciou um que não haviam pedido, o mais maravilhoso, o de sua ressurreição: "Esta raça é má; pede um sinal e não lhe será dado outro senão o do profeta Jonas. Porque, assim como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

assim o Filho do homem estará três dias e três noites no seio da terra".

Como Êle acabasse de falar, uma mulher, elevando a voz do meio da multidão, exclamou: "Bem-aventurado o ventre que Vos trouxe e bem-aventurados os seios que Vos amamentaram!»

— "Dizei antes, replicou Jesus, bem-aventurados os que escutam a palavra de Deus e a guardam!"

Entretanto, êsses homens dissimulados se esforçavam por lançar cada vez mais a perturbação e a desconfiança entre o povo. Sua brutal hostilidade explodirá em gritos de morte diante de Pilatos, no dia da Cruz. Já parentes de Jesus temiam por Êle o efeito do ódio farisaico.

Um dia, sua Mãe, que viera ùnicamente para vê-Lo, e seus irmãos, chamaram-No enquanto falava. A fé nos irmãos de Jesus, ainda fraca, se deixava invadir pelo temor, e êsse temor era despertado sem dúvida pelas más reflexões que viam nascer em alguns espíritos. Como quer que seja, o Cristo Jesus que, melhor do que êles, conhecia o perigo, respondeu conforme a beleza de seu caráter. "Quem é minha Mãe, diz Êle, e quem são meus irmãos?" Lançando o olhar aos que estavam sentados em tôrno dÊle, acrescentou: "Eis minha mãe e meus irmãos: porque todo aquêle que faz a vontade de meu Pai que está no Céu, êsse é o meu irmão, e minha irmã e minha mãe". Quando o Anjo anunciou aos pastores, representantes do gênero humano, o nascimento do Salvador, disse-lhes: "Nasceu-vos um Menino, Êle nasceu para vós".

O Cristo Jesus mais uma vez confirma a promessa do Anjo, Êle pertence aos homens, mais que a seus parentes e a sua Mãe. Esta harmonia do Evangelho é a doçura e a luz do coração.

Aqui se encontra a mesma doutrina que no

episódio precedente. Mostra-nos que a graça santificante prevalece, a diversos respeitos, e sobretudo a respeito da beatitude de que se trata na maternidade divina, abstração feita desta mesma graça; ela prevalece principalmente sôbre a maternidade tal como a compreendia aquela mulher que, provàvelmente sem ter uma clara idéia da divindade de Nosso Senhor, testemunhava à sua Mãe uma admiração demasiada e sinceramente humana. Êle quer mostrar-nos, enfim, que viver segundo a fé, é a sua alegria, a fim de que nossa volta ao Céu seja a expansão de sua felicidade.

O mesmo ensinamento se encontra em uma terceira narrativa evangélica, em que não mais se trata da Virgem Santa, mas que entretanto a liturgia Lhe aplica, por um simbolismo fácil de apreender.

Passando por Betânia, Jesus entrou na casa de uma mulher chamada Marta, irmã de Maria Madalena, a pecadora perdoada que vimos no banquete do fariseu Simão. Marta logo se ocupou sòlicitamente da refeição que desejava oferecer a seu Hóspede e aos discípulos. Enquanto ia e vinha, Maria, sentada aos pés do Mestre, escutava-O falar; porque Jesus, dando êste exemplo aos Apóstolos, não entrara sòmente para repousar mas antes de tudo para ensinar. Ora, Marta, apresentando-se diante dÊle, disse: "Senhor, não vêdes que minha irmã me deixa servir sòzinha? Dizei-lhe pois que me ajude". Jesus lhe respondeu afetuosamente: "Marta, Marta, tu te preocupas e te atormentas com muitas caisas; mas enfim só uma é necessária. Maria escolheu a melhor parte, e não lhe será tirada".

A Virgem Maria, Mãe de Jesus, reune em Si, sem mescla de imperfeições, tudo quanto o Evangelho louva em Marta e em Maria... Ela recebeu em

sua habitação o Verbo peregrino, serviu-O com suas mãos, e seus cuidados para com Êle não perturbam a paz de sua alma, nem interromperam sua contemplação. Ela escutou tudo o que Lhe dizia o Salvador, tudo quanto Êle dizia ao mundo; e, sem cessar de agir para Êle, meditou todos os dons incomparáveis da fé e do amor que Êle trazia aos homens desgraçados, a fim de que pudessem conhecê-Lo e gozá-Lo verdadeiramente. Pois o Divino Mestre perdoará muito à fraqueza, mas a Sua misericórdia nada perdoará ao orgulho. Êle não lhes censurará jamais por não haverem compreendido perfeitamente como Êle faz suas obras divinas, mas será justamente terrível para aquêles que tiverem rejeitado sua palavra, por se vangloriarem de compreender como as suas obras não são de Deus.

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO X

A PAIXÃO E MÉRITO DE MARIA
SUA MATERNIDADE ESPIRITUAL

Chegando a Jerusalém em dezembro de 28, Jesus subiu ao Templo e começou a ensinar. Sérias divergências se manifestavam entre o povo a seu respeito. Como predissera o velho Simeão à sua divina Mãe: "Êle era um sinal de contradição". Entretanto a sabedoria de suas palavras surpreendia e encantava todo o mundo; amigos e inimigos admiravam a eloqüência divina e a ciência de um homem que não havia estudado.

Sabendo quais as acusações que os fariseus e escribas dirigiam contra Êle, a propósito do Sábado, desde a cura do paralítico, Jesus lhes deu novas provas de que a Lei não fôra violada por êsse ato de misericórdia, mas de que êles próprios a violavam não julgando segundo a equidade. Perguntou-lhes porque procuravam matá-Lo. Mas, diante da afirmação de sua divindade, entreviram a igualdade do Cristo, e tomaram pedras para lapidar Aquêle que assim falava; mas Jesus se lhes tornou invisível e saiu do Templo.

Subtraindo-se à sua fúria, não fugia dêles, não os maldizia e não os abandonava.

Em fevereiro ou, ao mais tardar, em princípio de março do ano 29, Êle se adiantara até Betânia,

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

e, pela esplendorosa ressurreição de Lázaro, atraíra sôbre Si, uma última vez, a atenção dos homens e também a de seus irreconciliáveis inimigos.

Dentre as testemunhas da ressurreição de Lázaro, grande número creu em Jesus; outras foram aos inimigos e lhes referiram o que acabava de acontecer. A esta nova, os princípes dos sacerdotes e os fariseus reuniram-se em conselho. Sem injuriar o Cristo Jesus, sem chamá-Lo de blasfemador, nem de mentiroso, nem de sedutor do povo, nem de rebelde, como faziam em público, disseram uns aos outros: "Que decidimos? Eis ainda milagres! Se O deixamos continuar, todo o mundo crerá nÊle".

Todo o mundo crerá nÊle, não nos restará ninguém, tal era a seus olhos o crime do divino Redentor. Mas não confessaram em alta voz o motivo de sua inquietação e de seu ódio. Hipócritas até entre si, deram uns aos outros um pretexto de utilidade pública. "Os romanos, disseram, virão destruir nossa nação e nosso país". Então o Sinédrio decidiu a morte de Jesus, mas, tendo morrido Jesus, veio Tito para destruir Jerusalém.

A fim de chegar à hora que Êle mesmo determinara, o nosso divino Salvador, para subtrair-Se ainda por algum tempo aos golpes dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus, retirou-se aos confins do deserto da Judéia, na cidade de Efraim, antigo refúgio de Elias contra a perseguição de Achab e de Jezabel. No entanto, os Judeus chegavam a Jerusalém para a Páscoa. Procuravam o Senhor no Templo e admiravam-se de que não tivesse vindo. Não teriam de esperar por muito tempo. Em breve Jesus se pôs a caminho para regressar a Jerusalém.

Seis dias antes da festa, Jesus chegou a Betânia, e seus amigos Lhe ofereceram uma refeição

em casa de Simão o leproso. Marta servia à mesa, Lázaro era um dos convivas. Maria Madalena tomou um vaso de alabastro que continha uma libra de óleo de nardo de alto preço; com êle regou os pés de Jesus e os enxugou com seus cabelos. Depois, tendo quebrado o vaso, derramou-Lhe sôbre a cabeça o que restava a tôda a casa se impregnou dêsse perfume.

É bem provável que a Virgem Maria estivesse presente, quer participasse do acampamento das galiléias que seguiam e serviam a Jesus, quer recebesse, como o próprio Jesus, hospitalidade na casa de Lázaro e de suas irmãs.

Ela viu portanto, no dia seguinte ao da refeição em casa de Simão o leproso, as multidões que vinham de Jerusalém a Betânia para ver Jesus e Lázaro ressuscitado. Os príncipes dos sacerdotes, sabendo que muitos acreditavam em Jesus por causa dessa ressurreição, deliberaram matar também a Lázaro. Pensavam já em matar, não sòmente ao Cristo Jesus, mas à Igreja .

Mas Nosso Senhor, seguido por todos os seus, pôs-se a caminho de Jerusalém.

Quando souberam que Êle se aproximava, grande multidão saiu da cidade e veio ao seu encontro, trazendo ramos de palmeira e oliveira e gritando: "Hosana! Bendito seja o Rei de Israel que vem em nome do Senhor!" Estendiam suas vestes por onde havia de passar, cortavam ramos verdes e com êles juncavam o caminho.

Entretanto, o Cristo Jesus não ignorava o que pensar da constância dessa multidão, nem como terminaria êsse júbilo. Nessa multidão, e entre os mesmos que cantavam vivas ao Filho de Davi, achavam-se aquêles que, cinco dias mais tarde, reclamariam a sua morte. Ao ver Jerusalém, Êle chorou. Em breve essa Jerusalém, tão criminosamen-

te ingrata, não seria senão um sepulcro mais cerrado que o de Lázaro.

Jesus subiu ao Templo e, após ter considerado tudo, como o Senhor que inspeciona sua casa, voltou a Betânia, onde passou a noite.

Intimamente unida às disposições do coração de seu divino Filho, Maria se rejubilara com a entrada triunfal de Jesus na capital de Israel, mas não tinha agora ilusão alguma quanto às verdadeiras disposições dêsse povo e às súbitas mudanças a provar para o futuro.

Ela compreendia que uma das graças supremas que Deus fêz ao homem pelo Cristo Jesus é o deslumbramento contínuo e profundo de sua inteligência, quando vê com que cuidado o Senhor quer fazer-se reconhecer "Rei, Justo e Salvador", a fim de despertar e afirmar a fé, e quando considera com o mesmo olhar a majestade que não cessa de resplandecer nas humilhações a que o Filho de Deus, "pobre", se condenou.

Aliás, o que a Virgem Santa pressentia, talvez o próprio Jesus Lho fizesse compreender. Como o sol, apenas tocando os vidros, ilumina todo o interior da casa, Jesus, por sua única presença, iluminou essa alma em face da iminente desgraça que A esperava.

Mas, qualquer que seja o aspeto que o poema dos séculos cristãos nos tenha comunicado de maneira tão emocionante, quando procurou reviver a suprema entrevista da Mãe e do Filho, é preciso considerarmos que há, no momento em que o Cristo enfrentava a sua Paixão, algo além de uma Virgem em lágrimas e dores; há, mais do que nunca, a íntima associada do divino Redentor. Ao mesmo tempo que a sangrenta Paixão perfazia e consumava Nosso Senhor, Maria, a Rainha dos santos e nossa Mãe, ia, Ela também, ser consumada e con-

cluida por sua passagem através do crisol da dor. Era, antes de tudo, o acabamento de sua santidade. Pois aquêles a quem Deus quer fazer santos, Êle «os conforma, diz S. Paulo, à semelhança de seu Filho", seja enviando-lhes dores no corpo e na alma, semelhantes às do Homem Deus, seja unindo-os a Si pela contemplação, cheia de amor e compaixão, de seus sofrimentos. E isso não ajuda a entrever algo da compaixão de Maria? "É pois algo mais, compadecer-se com o Cristo, diz Guilherme le Petit, que padecer com Êle: há uma união mais intima com o Cristo, uma dor em que se sofre, não os próprios males, mas ùnicamente os de Cristo.

Esses dias de amargura foram portanto para a Virgem Maria dias de méritos inapreciáveis. Considerado em si mesmo, o sofrimento não é a única nem a principal fonte de mérito. Mas, unido ao amor, que lhe comunica todo o seu valor, não há sôbre a terra melhor meio de merecimento.

Maria, intimamente associada a seu divino Filho, aos atos da caridade infinitamente pura do Cristo, sofreu com Êle, uniu êste amor doloroso enquanto Êle amava, até a morte, a Deus seu Pai e nÊle a tôda criatura.

Nada semelhante se apresentara jamais aos olhos nem ao coração dos homens; a história lembra outras dores intensas, dores de pais angustiados por causa de seus filhos; Abraão, Agar, a Mãe dos Macabeus e muitos outros. Mas ninguém pôde sofrer como a Virgem Maria, porque ninguém amou quanto Ela e ninguém sofreu quanto o seu divino Filho.

A verdadeira dor, ei-la que vem e se aproxima; o sofrimento, em união com o Cristo Jesus, é uma lágrima do coração logo recompensada pela plenitude do amor na verdade de Deus.

Mas, ao mesmo tempo que Ela adquiria para Si mesma tesouros de graça, ganhava também méritos para todos quantos são chamados por Deus à vida sobrenatural. Sem dúvida, êsses méritos para nós eram de ordem completamente diversa em relação aos de seu divino Filho. Êle é o Mediador único, e o Mediador de Maria como do resto da humanidade, porque sòmente a sua mediação é rigorosamente necessária e suficiente para nos dar acesso até Deus. "Mas Deus, diz Leão XIII, em sua Encíclica *Jucunda semper*, de 8 de setembro de 1894, em sua benignissima misericórdia, estabeleceu Maria nossa Medianeira e quis que tudo nos viesse por Ela".

Maria, diz Bossuet em seu IV sermão sôbre a festa da Assunção, cooperou na nossa salvação pelo consentimento que deu para que se cumprisse o mistério da Incarnação. Pelo mistério da Incarnação, Ela concebeu o Cristo Jesus, e a nós, com Êle, recebendo já no seio de sua caridade aquêles que, um dia, deveriam ser incorporados a Cristo e viver a sua vida. Mas há uma diferença entre o nascimento de Nosso Senhor e o nosso nascimento espiritual. Êle, o Filho de Deus, apareceu no meio dos esplendores da noite de Natal. Nós, nós nascemos na dor do Calvário, no momento em que Deus aceita, com a morte de seu Filho, todos os atos redentores de sua vida; porque é então sòmente que Êle perdoa aos pecadores, em favor do Justo que se substituiu por êles, é então que, em virtude desta substituição, enquanto o Cristo suporta e expia nossos pecados, entramos na herança de seus direitos e de sua filiação divina; é então enfim que começamos a viver a vida espiritual. Portanto, a Virgem Maria deve estar ali, para completar o que começara outrora, dando-nos à vida da graça, após ter-nos concebido por sua vontade e seu amor.

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

Oferecendo a Deus o seu divino Filho, Ela traz a luz, reconcilia aquêle que fôra expulso da luminosa presença de seu Criador, para penetrar nas trevas humanas.

É portanto assim que Deus nos amou, é isso o que valemos, isso o que fez a Virgem Maria.

A Virgem Santa cooperou na nossa redenção, para restituir-nos a nossa primeira inocência. E essa inocência nos pode ser restituída por uma palavra que de nós depende pronunciar, de um suspiro que de nós depende lançar no abismo que nos separa do Infinito. Os espaços imensos que interpusemos entre nós e Deus, os pecados que nos cobrem, tudo isso é nada. Nossa oração, passando pelas mãos de Maria Medianeira, chegará imediatamente a Êle, e nossos pecados desaparecerão no mesmo instante, e seremos os seus filhos sem mácula. E nada sôbre a terra nem no Céu, nenhum poder de justiça, nem lembrança alguma de nossas iniquidades prevalecerá contra a palavra que nos abriu Seu coração.

É assim que Deus amou o mundo! É assim que Maria amou todos os homens!

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XI

A CEIA
SEXTA-FEIRA SANTA — A CRUZ

A Páscoa era a grande solenidade religiosa dos judeus. Deus mesmo instituira essa festa para ser uma lembrança das graças que fizera a Israel, libertando-o do cativeiro do Egito, e uma imagem daquela que queria fazer a tôda a humanidade, libertando-a da escravidão do pecado pelo sacrifício de seu Filho único, Jesus Cristo. Tôdas as cerimônias eram ao mesmo tempo simbólicas e comemorativas, e formavam como que uma profecia da segunda libertação que o mundo inteiro esperava. O ponto principal era a imolação e a manducação do cordeiro.

Êste cordeiro pascal, chamado êle mesmo a Páscoa, figurava o Cordeiro de Deus, que apagaria os pecados do mundo, a Vítima incomparável, cujo sangue derramado preservaria da morte eterna todos quantos fossem com êle assinalados, assim como o sangue do cordeiro, nas portas dos hebreus, fôra o sinal de salvação para os primogênitos de Israel, quando o anjo exterminador foi enviado por Deus para ferir todos os primogênitos dos egípcios.

O Messias aí está, tôda a verdade vai sair da sombra, como a planície ao aproximar-se da auro-

ra, e vão cumprir-se tôdas as espectativas despertadas naquêles que meditavam a Palavra.

Na quinta-feira de manhã, primeiro dia da festa, perguntaram os Apóstolos ao Cristo Jesus onde iriam fazer os preparativos para comer a Páscoa. Êle os instruiu de maneira que revelava seu poder, dizendo-lhes que fossem à cidade, seguissem um homem que levava uma bilha com água, entrassem com êle na casa onde parasse, e que aí seria. Tudo aconteceu como Jesus dissera e, à noite, acompanhado por seus discípulos, Êle foi ao lugar que escolhera. Segundo a tradição, a casa da Ceia erguia-se no local onde, ao tempo de Davi e Salomão, permanecera a arca durante quarenta anos. Jesus esperou a hora e, quando as estrêlas apareceram no firmamento noturno, pôs-se à mesa e os Doze com Êle.

Maria e algumas santas mulheres, talvez Maria de Cleofas, ou Salomé, mãe de Tiago e de João, assistiram sem dúvida à refeição pascal. Nada impedia, nesta época, às mulheres de estar entre os homens. Sem dúvida, na época evangélica, não se estendiam, como êles, em leitos; mas diz-nos o Talmud de Jerusalém que elas comiam ao lado, no mesmo aposento, e participavam da mesma reunião.

A refeição era uma verdadeira cerimônia religiosa. Nosso Senhor observou pontualmente os seus ritos e o cordeiro foi comido como prescrevia a lei de Moisés. Era pròpriamente a Ceia. Fazia-se, a seguir, outra refeição mais livre. Foi durante esta segunda refeição que a realidade sucedeu às figuras e que foi instituida a verdadeira Eucaristia.

Nossa Senhora devia seguir todos os movimentos de seu divino Filho, devia estar atenta a tôdas as suas palavras, compreendendo incomparàvel-

mente melhor que os Apóstolos, o simbolismo do cordeiro, ou os ensinamentos do lava-pés. A Virgem Santa devia ter o coração despedaçado ao pensar na traição que Judas preparava.

Ao fim da refeição, o Cristo Jesus tomou o cálice e, apresentando-o a seus Apóstolos e sem dúvida a Maria e às santas Mulheres, disse, após render graças: "Tomai e distribui entre vós; porque Eu vô-lo digo, não mais beberei do fruto da vida até que venha o reino de Deus".

Em seguida, tomou o pão, deu graças, benzeu-o, partiu-o e o distribuiu a seus discípulos, dizendo-lhes: "Tomai e comei, isto é o meu Corpo que é dado por vós. Fazei isto em memória de Mim".

Enfim, após ter ceado, tomando ainda uma vez o cálice, e tendo rendido graças, transmitiu-o dizendo: "Bebei todos; porque isto é o meu Sangue, e Sangue da nova aliança, que será derramado por vós e por muitos em remissão dos pecados". E todos beberam.

Se a recomendação "Fazei isto em memória de Mim" se dirigia sòmente aos Apóstolos, e os fazia sacerdotes da nova ordem, as recomendações "Comei" e "Bebei" dirigiam-se a todos os fiéis e às mulheres presentes. Dirigia-se antes de tudo à sua divina Mãe, porque, se Jesus se dá por amor a cada um de nós, dava-se com amor bem maior Àquela que é "bendita entre tôdas as mulheres".

Comungou Maria pela primeira vez durante a Ceia?

Nós o ignoramos, mas o que podemos afirmar é que Maria está em uma relação única com o sacramento da Eucaristia; porque a Eucaristia é uma aplicação direta do mistério da Incarnação, realizado em Maria e por Maria. Jesus se encarna a fim de que, "conhecendo a Deus visível em nossa

carne, diz-nos o Prefácio da Natividade, sejamos arrebatados por Êle até ao amor das coisas invisíveis".

E na Eucaristia é, com efeito, essa carne sagrada oculta sob o sinal sensível das espécies, mas realmente presente, que se une à nossa, para penetrar-nos da graça e do amor da divindade.

Conformando à nossa natureza o próprio Verbo de Deus, a Virgem Maria nos dá ao mesmo tempo a Eucaristia, que é a razão adorável da Incarnação.

"O Verbo de Deus, o Filho de Deus, a Sabedoria de Deus, é o pão, o alimento sólido, diz Aelrède, abade de Rieval, em seu segundo sermão sôbre a Natividade. Assim, sòmente os fortes, os anjos, o comiam. Nós que éramos pequeninos, não podíamos provar êsse alimento, porque era sólido; nós que estávamos na terra, não podíamos atingir êsse pão porque estava no Céu. Que aconteceu? Desceu o pão ao seio da Bem-aventurada Virgem; aí se fez leite, e tal leite que podemos bebê-Lo".

Após a cena augusta da Instituição da santa Eucaristia, Maria, muito mais que os Apóstolos e santas Mulheres, compreendia, adorava, agradecia. Escutava as palavras de seu divino Filho renovando a promessa de suas recompensas e unindo seus discípulos, contra o próximo escândalo de seus sofrimentos e suplício, por uma afirmação mais clara de sua divindade. Ela O ouviu prometer-lhes, até seis vêzes, um consolador, como se tôdas essas afirmações não Lhe bastassem e tivesse enfim Êle próprio necessidade de fortale-

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

cer-se contra a dor que experimentariam ao não vê-Lo mais, embora em realidade Êle não se apartasse.

Ela via que sua bondade voltava sem cessar a essas afirmações; seu divino Filho não podia, se desta forma ousamos dizer, saciar-se de lhes repetir quanto os amava e de fortificá-los na provação que os esperava.

O Cristo Jesus não queria que duvidassem, não quer que duvidemos, nós que viremos mais tarde e que teremos de ver sua paixão renovar-se a nossos olhos, mau grado os triunfos e milagres: "Eu vos deixo a paz, Eu vos dou a minha paz..." e acrescentou: "Já não falarei muito convosco: porque eis que vem o príncipe dêste mundo; não tem poder algum sôbre Mim. Mas, para que o mundo saiba que amo a meu Pai e que faço o que me ordenou, levantai-vos, vamo-nos daqui".

Não sabemos se Nosso Senhor pronunciou estas palavras antes de deixar o Cenáculo ou em algum ponto do caminho. Como quer que seja, assinalam sua plena e tranqüila vontade de realizar o sacrifício, "fazendo-se obediente até a morte". Dirigiu-se portanto para o Jardim das Oliveiras, onde Judas não ignorava que Êle devia passar a noite. Pelo caminho, continuou a falar a seus Apóstolos.

Até o momento em que a Virgem Maria acompanhou Jesus ao Calvário, não temos a respeito do que Ela fez e sofreu senão conjeturas e probabilidades. Ignoramos até o lugar aonde se se retirou para passar a noite e livremente *unir-se* à dor de seu divino Filho.

Enquanto Jesus regressava para Jerusalém e para a morte, deteve-se no lugar denominado Get-

sêmani, isto é, "o vale fértil", em um jardim onde muitas vêzes reunira seus discípulos. Após ter recomendado aos Apóstolos vigiassem e orassem a fim de não entrar em tentação, afastou-se com Pedro, Tiago e João, as testemunhas do Tabor.

Imediatamente, começou a abandonar-se ao sofrimento interior; deixou penetrar em sua alma o mêdo, a angústia e o tédio. E disse aos que O acompanhavam: "Minha alma está triste até a morte". Pedindo-lhes que esperassem e velassem com Êle, afastou-se à distância de um tiro de pedra. Ajoelhou-se: "Meu Pai, disse Êle, se é possível, passe de Mim êste cálice. Todavia, não a minha vontade, mas a tua". De face em terra, orava longamente. Assumira a natureza humana, sofria as suas fraquezas. Dando o exemplo de orar e submeter-se, acolhia a morte com o terror que ela inspira a tôda carne. Um suor como gotas de sangue Lhe escorria sôbre a fronte e o corpo. Sofreu assim o horror da agonia que Êle quase sempre poupou à seus santos e mártires, e até à sua terna e santa Mãe.

Talvez milagrosamente esclarecida sôbre o que sucedia a seu divino Filho, a Virgem Santa revia a Incarnação do Verbo e, na harmonia dessa Redenção que Êle vinha realizar, devia comparar o jardim de Getsêmani ao Eden maravilhoso. O cálice, aceito pela obediência de Jesus, correspondia ao fruto colhido pela desobediência de Adão. Adão julgara apoderar-se da vida e da ciência e, expulso do Paraíso terrestre, não achou senão trevas cada vez mais espêssas, e a morte cada vez mais multiplicada. Ela revia seu Filho, o Verbo de Deus que, dentro de alguns instantes, seria arrastado de Getsêmani até à Cruz. Mas sabia que êsse caminho da Cruz seria a estrada de luz pela qual Adão libertado, subindo mais alto que o Eden e dese-

jando mais que as suas delícias, entraria nas mansões eternas de Deus.

Um pouco antes da meia noite, espalhou-se um clamor pela cidade. O ruído vai crescendo, até bem junto ao Cenáculo, onde Maria devia encontrar-se. É Jesus, é seu Filho prêso e conduzido pelos inimigos ao palácio dos pontífices. Depois, de novo o silêncio.

Pelas duas da madrugada, João, o único que permanecera fiél, chegava e contava tudo quanto vira: Nosso Senhor, prêso no Jardim de Getsêmani pelos satélites, conduzido a princípio para a casa de Anás, antigo sumo sacerdote, assistente ou coadjutor do sumo sacerdote em exercício, Caifás.

Os juízes haviam resolvido esperar pelo dia para dar regularmente a sentença, e acabavam de abandonar Jesus aos homens que deviam guardá-Lo.

A Virgem Santa choravam e rezava. Pensava nos homens que nêsse momento guardavam o Verbo de Deus feito homem; nêsses homens que se ofereciam ao sumo sacerdote e a Caifás, e que esses chefes sabiam escolher; homens que odiavam por sua própria conta os que eram perseguidos e que os atormentavam com tanto maior raiva quanto mais inocentes os sabiam. Via seu Filho, homem de bem, homem de Deus, homem da misericórdia, entregue a seu furor. Via que se divertiam, cuspindo-Lhe na face, injuriando-O, batendo-Lhe; via que Lhe cobriam a face e Lhe davam bofetadas. Após ter visto as primeiras estrêlas desaparecerem no firmamento ao despontar da aurora, Maria saiu com João e as santas Mulheres. Ela vê então os que iam julgar o seu Filho. Êles se reunem, entram... Logo depois, saem tumultuosamente, conduzindo Jesus à casa de Pilatos.

É então que, pela primeira vez, Maria vê Jesus prêso, amarrado, os cabelos colados pelo suor, a barba maculada de escarros, as vestes rasgadas, o semblante lívido de fadiga.

E, desde êste momento, Ela não cessa mais de seguir e procurar seu divino Filho; em Antônia, em casa de Herodes, novamente em Antônia; algumas vêzes percebendo-O ao canto de uma rua, encontrando-O no páteo interno de um dos palácios. Oh! com que angústia seu coração O segue, quando Êle entra no pretório ou no palácio de Herodes. Com que dor sabe que fôra despojado de suas vestes e que, flagelado com correias de couro, ficaram a descoberto seus tendões e veias.

Mas ainda lhe foi mais dilacerante a dor quando viu Jesus, ensanguentado, aparecer coberto de um farrapo escarlate, uma coroa de espinhos mergulhada na cabeça; em suas mãos atadas, à guisa de cetro, uma haste de cana.

Maria contemplava o seu Filho e chorava. Compreendia que a sêde de sufocar no opróbrio o Filho de Deus, o escárneo dos miseráveis, insuflado pelos escribas, tolerado pelos poderosos, devia ser a característica mais assinalada e também a mais profética da Paixão. Via que Jesus tudo sofria sem queixar-se, sem voltar o rosto, mudo como o cordeiro no matadouro, tal como O haviam representado os profetas.

E a Virgem Santa ouviu as palavras que Lhe penetraram até o fundo do coração: "Tirai-O, crucificai-O!" Ela estava ali, no meio da multidão, procurando manter-se afastada, e no entanto o mais perto possível de Jesus. Na extrema violência de dor que a atormentava, não proferia a menor palavra, permanecia calma, sòmente as lágrimas correram de seus dois grandes olhos, dilatados pelo sofrimento. A dor era imensa, era um abismo,

mas um abismo que nada agita, que nada abala, porque, no mais íntimo de sua alma, habitava e permanecia a paz inalterável.

Maria vê os esforços de Pilatos procurando o meio de libertar Jesus, mas sem comprometer-se. Ouve redobrarem os gritos dos judeus: se O libertais, não servis a César, porque Jesus se fez Rei, e que se faz Rei, é contra César! Ouviu a multidão elevar em seguida essa acusação de lesa-majestade, crime irremissível diante de Tibério e em atenção ao qual eram acolhidos todos os delatores. Viu enfim que a consciência de Pilatos não poderia resistir contra êsse último assalto sem lhes entregar Jesus.

Que comparação deve ter feito a Virgem Santa entre Belém onde se viram desabrochar, como na primavera, virtudes novas, e o Pretório onde se viam surgir, como após a tempestade, novos crimes, os tipos mais hediondos do ódio, da injustiça e do desprêzo à verdade.

Que descendência gerarão através dos séculos êsse Caifaz, êsse Herodes e essa multidão! quantas vezes o concurso dos cobardes e apóstatas fará reaparecer a face hedionda de Pilatos, cujo julgamento absolve Jesus e cuja cobardia O crucifica!

Jesus saiu do Pretório levando sua cruz. Os condenados assim se dirigiam à morte, carregados com o instrumento de seu suplício. Sua divina Mãe compreendeu que Êle realizava a figura de Abel, conduzido por seu irmão a um campo para ser morto, a figura de Isac, carregado com a lenha do sacrifício, a figura de José e de seu vestido tinto de sangue. Compreendeu que se realizava uma das profecias de glória concernentes ao Messias: "Êle levará ao ombro o sinal de seu poder".

Dois criminosos foram conduzidos pela mesma escolta, para sofrer a mesma pena.

Foi assim que Jesus atravessou Jerusalém.

Deixando as circunvizinhanças do Pretório, onde haviam assistido à condenação, Maria e as santas Mulheres tomaram, conforme a Tradição de Jerusalém, uma rua afastada que desembocava na que havia de ser percorrida por Jesus. Caminhando apressadamente pela ruazita deserta, semeada de sombras, alcançaram a via dolorosa no vale do Tyropoeon, ao pé da rua que descia do Pretório. Aí, Maria viu o seu Filho passar bem junto dEla, no meio dos soldados e da multidão desenfreada. Ensanguentado e desfigurado. Jesus e Maria trocaram um olhar. A Virgem Santa compreendeu tôda a injúria do suplício que seu divino Filho quis sofrer para resgatar o mundo. É êste momento cuja lembrança guardou a tradição sob o nome de encontro de Jesus e sua Mãe.

Maria, João e as santas Mulheres, juntaram-se decerto ao cortejo. Daí, do meio dessa multidão movediça, Ela viu o Filho de Deus que sucumbia. Não tinha senão fôrças humanas. Viu os soldados pararem às portas da cidade pedindo um homem, segundo o costume romano, para levar a cruz do Supliciado. Simão, um líbio da cidade de Cirene, deixou-se carregar da gloriosa ignomínia. Ela viu enfim mulheres a chorar e Jesus voltando-se para elas a fim de consolá-las.

Chegando ao Calvário, Maria estava, pelo íntimo do coração, mais do que nunca unida a Cristo, silenciosa como Êle, perdoando aos que O despojavam de suas vestes. Adão, vencido, cobrira-se de vestes; seu Filho, delas as despojava para vencer. Revestido do esplendor de sua inocência, sobe à Cruz. Tal com o primeiro homem habitara na glória do Eden, tal entrará o segundo na glória do

Paraíso. Jesus, Filho de Maria, depunha no limiar os sinais da mortalidade.

No Calvário, no centro da multidão indiferente, hostil ou até furiosa, ao pé da Cruz, um pequenino grupo de quatro pessoas consolava os olhares e o Coração do Homem Deus. Maria, sua Mãe, ali estava de pé. Seu pálido semblante iluminado pelos raios que fugiam através das nuvens amontoadas. Ela ouvia os clamores, os insultos, as gargalhadas. Via cair na terra árida o sangue que chovia dos flancos de seu Filho qual aguaceiro em dia de tempestade. Ao lado Maria, sua irmã, espôsa de Cleofas, mãe dos que eram chamados irmãos de Senhor, enfim Maria Madalena, a pecadora, e João, o único dos discípulos.

Era o momento supremo da dor e da Redenção.

O sol velara-se. As trevas haviam descido sôbre a terra e envolviam a Cruz, o Calvário e o mundo inteiro. Jesus, abandonado de seu Pai, isto é, por Êle considerado como Vítima pelo pecado e entregue à dor, Jesus a cuja humanidade a própria união com o Verbo não mais trazia consolação, sofria em seu corpo extenuado as derradeiras angústias. Estava sacudido pelos últimos estremecimentos da agonia. Junto à Cruz, estava sua Mãe. O gládio transpassava-Lhe a alma; Ela se compadecia nos sofrimentos corporais de seu Filho; Deus A unia a seus sofrimentos íntimos e a tôda a agonia de seu Coração. E Maria ali estava de pé, unida à ação de Sacrifício. Associada ao divino Redentor e participando de seu sacerdócio. Ali estava de pé, nova Eva junto ao novo Adão, reparando pela união à divina vontade, a desobediência da primeira e, em meio à dor, dando à luz a humanidade remida.

Parece que nosso Divino Mestre quis exprimir êsse mistério nas palavras então saídas de seus lábios sagrados. Vendo sua Mãe e junto dEla o discípulo a quem amava, disse-Lhe Nosso Senhor: "Mulher, eis aí teu filho". E em seguida a João: "Eis a tua Mãe". João representava os filhos da Igreja. Pelo testamento da Cruz, Maria era dada por Mãe a todos os fiéis, e o Cristianismo via-se enriquecido pelas superabundâncias da consolação e da misericórdia.

A Jesus, Filho de Maria, não restava senão morrer. Silenciou; e o sol se obscureceu. Essas trevas, que começaram logo após a crucifixão e duraram até o instante em que Jesus exalou o último suspiro, não pareciam à Virgem a noite fria e pesada, assim como as alegres claridades de Belém não foram o dia. Ela sentia que era uma espécie de luto e estupor da natureza, o sinal do céu que os judeus haviam pedido. E O recebiam sem compreendê-Lo, como haveriam de receber também, sem compreendê-Lo, o sinal de Jonas.

A Virgem Santa estava sempre ali, junto de seu Filho. Aproximava-se a nona hora que, segundo a nossa maneira de contar, corresponde às três horas da tarde. Que sentimento deve ter oprimido a alma desta Mãe ao lembrar-se de que Adão, quando pecou, ouviu a voz de Deus no jardim, na hora em que se eleva a brisa após o meio dia, anunciando-lhe que voltaria à terra e de que, nesta mesma hora solene o novo Adão, reparador de tôdas as coisas, saindo de seu silêncio, exclamava: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?"

A Virgem recolhia o suspiro do desamparo interior de seu Filho, que revelava o mais oculto e o mais amargo de seus sofrimentos.

Jesus morrera Senhor da morte. Maria estava silenciosa aos pés do Salvador do mundo.

Entretanto, a fim de que os supliciados não permanecessem expostos durante o Sábado e pudessem ser retirados no mesmo dia, soldados enviados por Pilatos, a pedido dos judeus, quebraram as pernas de ambos os ladrões. Maria receava que mais uma vez insultassem o corpo de seu Filho. Mas, vendo que Jesus cessara de viver, não procederam assim, mas um dos soldados Lhe abriu o flanco com um golpe da lança e da ferida saiu sangue e água.

Se a alma de Maria foi, mais uma vez, ferida por êsse novo golpe, Ela possuía luzes demais para não compreender, em sua austera beleza, o mistério do lado aberto de Jesus. O Coração do Redentor, deixando correr as últimas gotas do sangue derramado por nós, revelava-nos e seu indizível amor. A água figurava o Batismo e o sangue a Eucaristia. Por isso dizem os Padres que a Igreja, cujos dois principais sacramentos se acham aqui representados, saiu do lado de Jesus Cristo morto, assim como Eva do lado de Adão adormecido

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XII

A SEPULTURA DE JESUS E A SOLEDADE DE NOSSA SENHORA

(março do ano 29?)

Enfim, apareceram novas personagens, e desta vez verdadeiros amigos. Um homem rico e considerado, chamado José, da cidade de Arimatéia e membro do Sinédrio, ousou apresentar-se diante do Governador a título de discípulo e pedir-lhe o corpo de Jesus para sepultá-Lo. Pilatos lho deu. Imediatamente José se dirigiu ao Calvário, acompanhado por Nicodemos, seu colega no Grande Conselho, e que, como êle, protestara contra a sentença dada pela manhã. José comprara um sudário novo; Nicodemos levava cem libras de mirra e de bálsamo. Sem temer os olhares nem o ódio dos judeus, nem a impureza legal em que incorria quem tocava em um cadáver, êles desprenderam a Jesus Cristo da Cruz. Era um trabalho estranho a pessoas de sua condição; havia ali mais que uma prova do amor que lhes inspirava o divino Redentor. Consideradas as circunstâncias, ali se via um primeiro milagre daquêle Espírito de fôrça e de luz que Nosso Senhor tanto anunciara aos que acreditassem nÊle.

A Virgem Santa permanecera ao pé da Cruz, assim como João, "o discípulo bem-amado", Maria Madalena e outras. Segundo a tradição, conservada pelos antigos intérpretes, Nicodemos desprendeu os cravos, José sustinha o corpo. Maria Madalena e João choravam. A Mãe de Jesus, Nossa Senhora da Piedade, pois que sua alma se derramava tôda na comiseração e compaixão dos sofrimentos de Jesus, ofereceu ao Senhor o que sua justiça exigira e até êsse sacrifício não podia estar acima do seu amor. Recebeu, à medida que eram arrancados, os cravos tintos do Sangue de seu Filho. Quando o corpo foi descido da Cruz, Ela o envolveu com seus braços e O estreitou contra o seio virginal que O havia gerado.

Mostra-se ainda em Jerusalém, entre o lugar da Cruz e o do sepulcro, uma espécie de banco de pedra muito baixo mas muito largo e comprido. Chamam-no a pedra da unção. Foi ali, dizem, que o corpo do Salvador recebeu os últimos cuidados. Era certamente sôbre esta pedra que Maria estava sentada, tal como A representa a piedade cristã.

Ei-La, a Virgem dolorosa, "Nossa Senhora das Sete Dores", pois que nêste momento se despertavam e reavivavam tôdas as amarguras de sua vida. Eis Aquela que era outrora bela como Jerusalém e que hoje está, como Jerusalém, cativa, arruinada, "devastada", no dia da cólera do Senhor.

Dizem as Lamentações de Jeremias:

"Vós todos que passais pelo caminho,
Considerai e vêde...
Se há dor semelhante à minha dor...
A quem vos compararei?
A quem vos assemelharei,
Ó filha de Jerusalém?
A quem vos igualarei,

E como vos consolarei,
Virgem, filha de Sião?
É grande quanto o mar a vossa tribulação:
Quem poderá curar-vos?"

Os amigos de Jesus tiveram de interromper a silenciosa prece da Virgem Maria. Uma vez ainda, Maria Madalena cobriu de beijos e banhou de lágrimas aquêles pés que lhe haviam trazido a salvação; uma vez ainda, João repousou sôbre aquêle peito que tocara, e donde sua inteligência e coração hauriram quanto um homem pode conhecer dos segredos de Deus.

Como Maria Madalena, João, José, Nicodemos, todos os que tocam o corpo do Salvador pertencem à Igreja. Os inimigos fugiram; só a Igreja está presente, dirigida por Maria. Ela se apropria do corpo de seu Divino Filho para reproduzí-Lo pela consagração eucarística e conservá-Lo para sempre.

Aproximava-se o por do sol; os raios do poente, em feixes oblíquos, irisavam o Gólgota. José e Nicodemos procederam ao sepultamento, conforme o uso dos judeus. Ungiram o corpo com perfumes, envolveram-No estreitamento com pequenas faixas e com o lençol que haviam trazido, e cobriram o semblante com um sudário. Êsses cuidados, que testemunham sua piedade, testemunham que nêste momento não se lembravam quase das promessas da Ressurreição ou pelo menos as compreendiam de maneira completamente diversa do sentido literal. Deus admite que seja assim, para estabelecer, de maneira mais evidente, contra tôdas as negações, a realidade de sua carne, a realidade de sua morte e a realidade de sua Ressurreição. Êles vêem a maravilhosa fronte rasgada pelos espinhos, a dourada cabeleira ensanguentada, as contusões e feridas azuladas, largas e profundas, a chaga no coração desmesuradamente aberta; vêem extintos os

olhos, os belos olhos pelos quais Êle contemplara o mundo, o reflexo esverdeado do cadáver, frio como o mármore de Paros e insensível como o bronze; a realidade da vida e a realidade da morte.

Em favor de todos os pobres cristãos que escutam quanto se pode inventar com o fim de arrancar-lhes o fruto do Calvário, é necessário dizer que, se o Cristo Jesus não houvesse sucumbido às torturas da Paixão e da Cruz, os discípulos te-Lo-iam matado, inumando-O. Pois que êles atestaram, ao preço de sua vida, que Êle morrera e ressuscitara, podemos crê-lo; porque êles O viram, êles O tocaram morto e, enquanto não O reviram, enquanto não O tocaram vivo, nada foi mais fraco e incerto que sua fé na Ressurreição.

Depois de sepultado Jesus, o amor permaneceu, a fé se extinguiu. É o que a Igreja exprime na Sexta-Feira Santa, ao extinguir sucessivamente todos os círios exceto um, que representa a Virgem Maria. No Coração de Maria, não podia a fé perecer; mas a divina Confidente guardava o segrêdo celeste que A inundava igualmente de alegria e de dor.

Tendo amortalhado o corpo, José, Nicodemos e João o levaram a um jardim próximo do Gólgota, onde se achava um sepulcro completamente novo talhado na rocha e que José mandara fazer para si. Devia ser novo para figurar de certo modo a virgindade do seio de Maria. O sepulcro que recebeu o Corpo do Senhor, diz um Padre, foi sempre como o seio que O concebeu. É um seio virginal que O gera, é um sepulcro novo que O recebe. José, que Lhe dá êste sepulcro, é como o "Justo", assim como Maria é chamada "a Virgem". No seio da Virgem, Êle não encontra a mácula do pecado, no sepulcro do Justo, não conhecerá a corrupção. Em parte alguma, separou-se êste Corpo sofredor e po-

bre da pureza e da santidade. Verdadeiro homem, Êle aceita da humanidade as suas mais humilhantes condições; verdadeiro Deus, tem por tôda parte a companhia da pureza, como a de sua Mãe, única criatura digna de sua santidade.

As santas Mulheres seguiram até o túmulo o Corpo de Jesus, levado por seus discípulos, decidindo-se a voltar para suprir ao que pudesse faltar. Uma vez tudo terminado, com um pouco de precipitação por causa da hora, os homens fecharam a entrada da gruta sepulcral, rolando até aí uma pedra de grandes dimensões, e se foram. As primeiras estrêlas do sábado apareciam no ultramar já carregado do Céu. As mulheres demoraram ainda algum tempo, depois Maria voltou com João a Jerusalém e permaneceu em repouso no dia do Sábado, segundo a Lei.

Dizem ainda as Lamentações de Jeremias:

"Chorando, Ela chora durante a noite,
E as lágrimas estão em suas faces:
Para Ela não há consolador,
Entre todos os seus amigos".

Não havia senão Um que A poderia consolar, mas Êste desaparecera.

Enquanto o Cristo terminava a sua obra e repousava, o Deus Homem não cessava de agir. Sepultado, completava o ensinamento que queria dar à humanidade, e acrescentava uma graça a tôdas que já dera. Para assemelhar-se ainda mais ao homem, tomava a humilhação da morte e cobria-se com a mortalha e o sudário; mergulhava-se no sepulcro; tomando-a, tirava-lhe o horror.

Maria, sua divina Mãe, compreendia, nessa hora de dor, que esta noite pela qual era necessário passar, Êle aí a passara, e nós ainda aí O encontraremos; que êste caminho necessário é ainda um de seus caminhos e que, como todos os seus cami-

nhos, conduz ao Céu. Sabia que Êle acabava de gerar sôbre o Calvário um povo que não temerá sofrimentos, que não temerá a Cruz, que não temerá o sepulcro, que antes o desejará; e que, de olhos fixos em seu Deus, dirá o repouso do túmulo, como dirá o repouso do Céu.

Se a Paixão do Cristo Jesus foi obra de tal amor que jamais pessoa alguma possuiu maior no coração; a compaixão da Virgem Maria foi também obra de um amor ao qual, após o do Divino Salvador, nenhum outro foi jamais semelhante. "Que se admire quem esquecer que S. Paulo conta entre as maiores faltas dos pagãos a falta de afeição, diz São Bernardo em seu "Sermão sôbre as doze estrêlas". Longe do coração de Maria tal censura! e que esteja longe também da alma de seus servos!"

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XIII

A RESSURREIÇÃO
OS QUARENTA DIAS — A ASCENSÃO
O ORAÇÃO NO CENÁCULO E PENTECOSTES

(março, abril, maio do ano 29?)

Ignora-se o instante exato da Ressurreição. Teve lugar desde as primeiras horas do terceiro dia, entre a primeira aurora e o nascer do sol. Por seu próprio poder, sem auxílio nem intervenção de nenhuma outra fôrça, sem quebrar nem deslocar a pedra, mas penetrando-a pela sutileza de seu corpo glorioso, Jesus saiu de seu túmulo, como saíra do seio intato da Virgem Maria.

Os guardas que velavam, nada perceberam, não viram o Homem Deus. Não mereciam esta graça, presenciaram um espetáculo completamente diferente. A terra estremeceu violentamente; o Anjo do Senhor baixou do Céu, revirou a enorme pedra e sentou-se em cima. Tinha o aspeto de um relâmpago e suas vestes assemelhavam-se à neve. Os guardas, aterrados, ficaram como mortos. Mas, quando o Anjo assim abriu o sepulcro, já o Cristo não mais estava. Não restava senão o lençol e o sudário, testemunhas de que Êle havia passado.

No entanto, Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Maria Salomé, mãe de João, dirigiam-se

ao túmulo, levando os perfumes e aromas que haviam preparado. Tinham partido muito cedo; mas Maria Madalena precedera as outras.

O Evangelho não fala na Mãe de Jesus mas é persuasão geral que Maria foi a primeira a ser iluminada pela luz renascente do Cristo Jesus. Não sofrera Ela mais que os outros as dores de seu Divino Filho?

«Segundo a multidão das dores, diz o Salmo XCIII, Senhor, vossas consolações alegraram a minha alma».

E ademais, não era Maria a sua Mãe muito amada?

É portanto impossível que Cristo Jesus, que se inclinou sôbre as dores de cada um de seus amigos, não pensasse em aliviar antes de tudo as penas da Virgem Maria.

A afeição filial o exigia, e a própria ordem das coisas. Se a Encarnação tingiu com divino reflexo todos os atos da Virgem Maria, era impossível que Maria não fosse a primeira tocada pelo brilho do mistério da Ressurreição.

Madalena, chegando antes que fosse dia pleno, viu o sepulcro aberto. Os guardas haviam fugido. Ela não se deteve e voltou apressada para advertir Pedro e João: "Levaram o Senhor!" Os dois Apóstolos acorreram. João chegou primeiro, olhou, viu os panos por terra, mas não entrou. Pedro entrou, viu também a mortalha e, à parte, dobrado o sudário. João começou então a crer na Ressurreição, mas com uma fé imperfeita, pelo que via, não pelo que Jesus lhe dissera. Porque nem êle, nem Pedro, compreendiam ainda o que está na Escritura, e o que tinham ouvido, ser necessário que Cristo ressuscitasse dentre os mortos. Voltaram portanto, Pedro muito admirado em si mesmo com tudo isso. Maria Madalena, que voltara com êles ao túmulo, não pudera resol-

ver-se a deixá-lo. Aí permanecia sòzinha e chorava. Foi a ela que apareceu Jesus: "Vai a meus irmãos e comunica-lhes estas palavras: Subo a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus". Enquanto Maria Madalena voltava aos Apóstolos para cumprir a sua missão, chegavam ao sepulcro as santas Mulheres. Era pleno dia e o sol se erguera. Estavam por sua vez consternadas por achar vazio o túmulo. Mas um Anjo, cujo brilho resplandecia diante delas, anunciou-lhes que o Cristo ressuscitara: "Ide prontamente dizer a seus discípulos e a Pedro que Êle ressuscitou".

Se Pedro é objeto de menção especial por causa da dignidade que lhe dá um lugar à parte, não podemos duvidar que o Anjo tenha ido antes anunciar a Maria, no humilde aposento da casa de João, a Ressureição de seu Filho bem-amado.

As santas Mulheres se recordaram das palavras do Senhor que o Anjo lhes lembrava. Cheias de temor e transportadas de alegria, retiraram-se para levar aos Apóstolos a grande nova.

Iam apressadas, sem dizer nada a ninguém pelo caminho, quando de repente lhes apareceu Jesus. Êle as saudou com a mesma palavra que o Anjo Gabriel dirigira à Virgem Santa no dia da Anunciação: "Salve".

Elas se aproximaram e, beijando-Lle os pés, o adoraram. Jesus Lhes disse: "Não temais ide, dizei a meus irmãos que se dirijam à Galiléia, lá me verão".

Não se fala em sua Mãe. Maria não tem mais que dizer aos homens. Apoiada em sua fé, Ela se dirige a Deus diretamente, e ora pela palavra que deve "render testemunho que é Êle a quem Deus estabeleceu juiz dos vivos e dos mortos", para que não seja prêsa, mesmo quando os que devem espalhá-la estiverem carregados de cadeias".

Durante quarenta dias, Jesus se mostrou vivo, de muitas maneiras, a seus discípulos, aparecendo-lhes e falando-lhes. Aliás, Maria devia achar-se com êles. Ela devia estar também à mesa com os Apóstolos, quando Jesus apareceu entre êles e lhes disse: "A paz é o dom do Senhor".

Maria deve ter escutado as palavras de Jesus após lhes haver mostrado suas mãos e seus pés: "Era pois necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dentre os mortos. Vós sois testemunhas destas coisas: é preciso agora que se preguem em meu nome a penitência e a remissão dos pecados, a tôdas as nações, começando por Jesusralém".

Jesus revelara a verdade de seu corpo real. Manifestava agora a unidade de seu corpo místico, a Igreja, nascida em Jerusalém, destinada a espalhar-se por tôda a terra, composta de judeus e de gentios, única e mesma Igreja.

Maria já contemplava a marcha ascendente da Igreja militante no decurso dos séculos, para o triunfo definitivo, ao fim dos tempos, quando a nova Jerusalém cerrasse as portas sôbre o último chegado de seus habitantes.

Maria contemplava, resumida em seu Filho, tôda a história do mundo; nêle compreendia a lei divina que coloca a salvação dos homens na cruz que leva à glória pela humilhação e sofrimento, que à dor abandona o tempo e, para a alegria e felicidade, reserva a eternidade.

É também de crer-se que Maria se dirigiu com os Onze para a Galiléia, à montanha onde Jesus lhes disse que os veria, e onde mais de quinhentos discípulos O viram ao mesmo tempo, conforme testemunho de S. Paulo. Ela também assistia sem dúvida à décima e última aparição de seu divino Filho em Jerusalém aonde voltaram os Apóstolos. Quando, comendo com êles, ordenou-lhes que não

se afastassem de Jerusalém, mas esperassem a realização da promessa do Pai, que haviam recebido de seus lábios, e anunciou-lhes ainda uma vez o batismo do Espírito Santo.

Então, preocupados ainda com o reino temporal do Messias, fizeram-lhe esta pergunta: "Senhor, é o tempo em que restabelecereis o reino de Israel?"

O Espírito Santo deveria muito em breve desenganá-los de tal idéia. Jesus contenta-se em responder-lhes: "Não vos cabe saber os tempos e momentos que o Pai determinou em sua onipotência. Mas recebereis a virtude do Espírito Santo que virá do Alto sôbre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em tôda Judéia e Samaria, e até às extremidades da terra". Era tomar posse do universo.

Nesta hora, Maria era inteiramente de Jesus, feliz em sua união com Êle. Sabia que a partida anunciada pelo Salvador seria a hora de uma união ainda mais estreita com o seu Divino Filho: "Se me amásseis, dissera Jesus, certamente vos alegraríeis porque vou para meu Pai". Ninguém amava como Maria, ninguém amava tão intensamente nem tão bem, ninguém podia portanto rejubilar-se quanto Ela com o júbilo do Rei da glória.

Após ter falado a seus Apóstolos, o Senhor Jesus os conduziu para fora da cidade, do lado de Betânia. Então, com as mãos que os cravos haviam transpassado, deu-lhes uma bênção; e, enquanto os abençoava, viram-No elevar-se e subir ao Céu. E logo uma nuvem O encobriu aos seus olhares.

Maria também O seguiu com os olhos, com inefável amor e inefável esperança. Nêste momento em que o seu Filho, vencedor da morte, vai tomar seu lugar à direita do Pai, como se revela Sua grandeza! Durante sua vida mortal, estava oculto o esplendor

do Filho de Deus e, por isso mesmo, a Virgem Maria, aos olhos dos homens, parecia a mãe de um homem. Mas, agora, o Cristo Jesus se manifesta em sua glória: o Pai O recebe em seu régio trono. E Maria é verdadeiramente a Mãe dAquêle que, igual ao Pai, assenta-se-Lhe à direita e vai com Êle enviar o Espírito Santo.

No momento em que o Céu vai entreabrir-se para receber Jesus e mostrar a glória do Filho do Homem, o Céu abre-se também para manifestar a grandeza da Mãe do Filho de Deus.

Entretanto Maria e os Apóstolos tinham os olhos sempre voltados para a nuvem onde se ocultara a seus olhares o Cristo subindo ao Céu. E como olhavam sempre, apareceram ao lado dois homens vestidos de branco que lhes disseram: "Por que estais assim a olhar? Êsse mesmo Jesus que dentre vós acaba de subir ao Céu, voltará um dia da mesma maneira que O vistes subir".

Os primeiros discípulos do Salvador ficavam sós no mundo, com sua Mãe Maria. Percorreram a distância sabática, cêrca de mil e duzentos metros, que separa de Jerusalém o Monte das Oliveiras e regressaram ao Cenáculo.

Assíduos na oração, os discípulos esperavam cheios de fé a realização das promessas do Senhor Jesus.

No décimo dia após a Ascensão, quinquagésimo após a Páscoa, os judeus celebravam Pentecostes, festa comemorativa do advento da Lei, promulgada cinquenta dias após a saída do Egito e, durante esta festa, ofereciam a Jeová as primícias da colheita.

Maria, os Apóstolos e os Discípulos, estando reunidos, ouviarm repentinamente um grande ruído, como de um vento impetuoso que vinha do Céu. No mesmo instante, apareceram chamas que se dividiram em línguas de fogo e pairaram sôbre a ca-

beça de cada um, até das mulheres, e foram todos cheios do Espírito Santo.

João Batista anunciara êste batismo de fogo. Enquanto os judeus, transformados em deicidas, celebravam a festa da lei antiga, promulgava-se a nova lei. Aquêles que Lhe traziam as primícias de seus campos, Deus acabava de declarar que queria doravante outras colheitas.

Os Apóstolos começaram a falar diversas línguas, conforme lhes inspirava o Espírito Santo. Atraídos por êsse fenômeno, judeus de tôdas as regiões afluíram em grande número em tôrno dêles. Cada qual se maravilhava ao ouvi-los. Mas diziam os judeus da Judéia: estão embriagados! Então Pedro, solene, de pé em meio aos Onze, fez ver que não estava embriagado, mas que se tornara outro homem. Disse-lhes: «Vós vos lembrais de Jesus de Nazaré e dos milagres que Deus fêz por meio dÊle entre vós. Êle vos foi entregue, vós O crucificastes e O matastes. Mas Deus O ressuscitou, e nós somos todos testemunhas de sua Ressurreição. Ora, depois que Êle subiu ao Céu e recebeu a promessa que lhe fizera o Pai de enviar o Espírito Santo, Êle espalhou êste Espírito Santo que agora escutais. Ó casa de Israel, sabei portanto com tôda a certeza que Deus fêz Senhor e Cristo a êsse Jesus que crucificastes!»

Assim falou Pedro, no meio de Jerusalém, em face dos sacerdotes, dos escribas, dos fariseus e do povo, menos de dois meses depois! De suas dúvidas sôbre a Ressurreição do Cristo, jorraram as sublimes claridades que deviam fortalecer a fé a todos os cristãos.

Entre os que haviam escutado, muitos lhe disseram, como também aos outros Apóstolos: "Irmãos, que devemos fazer?"

Pedro lhes disse: "Fazei penitência. Que cada

um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa foi feita a vós e a vossos filhos, e a todos os que estão afastados, tantos quantos o Senhor chamar". Tendo acabado de falar e de instruí-los, exortou-os e se salvarem dessa raça indigna; e nêste dia, cêrca de três mil receberam o Batismo. Tal foi o primeiro golpe de rede do pescador de homens. E êstes novos discípulos de Cristo, cujo número aumentava sem cessar, achavam-se unidos por uma grande caridade que a Virgem Maria alimentava, agradecendo a Deus pelas grandes coisas que nEla operara. O Consolador dera-se a Ela mais que a todos os outros e, para atingir os outros, sua graça havia passado, por assim dizer, através dEla, isto é, fôra atraída por suas preces e súplicas.

No Cenáculo, Deus, por uma nova e insondável efusão do Paráclito, aumentara sua santidade e derramara nessa maravilhosa alma a abundância de seus sete dons. Nela aumentara os "carismas", isto é, os "favores" do Espírito Santo, que Êle repartia entre os membros das primeiras comunidades cristãs. Aperfeiçoava a fé que opera prodígios e forma os homens para suportar com alegria o jugo do amor.

Nêste dia, o Espírito Santo consagrou verdadeiramente Maria em seu papel de "Mãe da graça", colocando no tesouro já tão rico de suas virtudes maternais, as supremas disposições para fazer da Mãe do Cristo Redentor a Mãe de todos os cristãos que são entregues aos seus cuidados e aos quais Satanás se esforça por fazer cair.

Mas Deus providenciou a êste perigo. Sem retirar aos homens o mérito de combater, fornece-lhes antecipadamente os meios de evitá-lo.

Com o poder e a soberana sabedoria que não necessita senão de uma palavra para iluminar as trevas e de um ato de vontade para aniquilar os demônios, Jesus nos deu sua Mãe, que concentra em suas mãos e em seu Coração todos os dons e tôdas as graças que resistirão a tôdas as sutilezas da heresia e que as frustrarão até ao fim do mundo.

---

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XIV

OS ÚLTIMOS ANOS

(de 29 a 41 ou 42 aproximadamente?)

MARIA MÃE DA IGREJA E DOS FIÉIS
AÇÃO E INFLUÊNCIA DE MARIA
SÃO JOÃO, MODÊLO DOS VERDADEIROS FILHOS
REINO DA CARIDADE NA ALMA DE MARIA

Zebedeu, o pai de Tiago e João, era um pescador galileu, provàvelmente de Betsaida. Embora simples pescador, possuia várias barcas e tinha a seu serviço diversos trabalhadores e talvez uma casa em Jerusalém a fim de vender mais fàcilmente o produto da pesca.

Após a morte de Zebedeu seu pai, diz-nos uma antiga crônica de Hipólito de Tebas, João vendeu a parte dos bens que êle lhe deixara na Galiléia e comprou em Jerusalém. Assim, diz êle próprio, que era conhecido do Sumo Sacerdote. Foi êle quem recebeu a Santíssima Virgem Maria em Sião, em sua casa, até o dia de sua Assunção. E, após a Assunção, êle anunciou a palavra em Éfeso na Ásia e foi lá que Deus o retirou do mundo".

Como quer que seja, Maria e João moraram ambos em Jerusalém, em uma casa a sudoeste da

cidade, perto da colina de Sião e na imediata proximidade do Cenáculo.

A vida que levou a Virgem Maria nêsse retiro foi uma vida de oração. Orava nas refeições onde se realizava "a fração do pão a que Ela devia presidir; orava por Si, pelos que amava, em seguida mais longa e afetuosamente pela Igreja nascente. Jamais os ouvidos ouviram e jamais ouvirão semelhantes acentos".

A doce influência da Virgem exercia-se não sòmente nas almas, mas na vida social da Igreja. As comunidades se organizavam; formavam-se grupos e classes, sôbre os quais não podia deixar de se fazer sentir a ação de Maria. Começava a aparecer a virgindade. Já a Igreja honra como Virgem, Marta, irmã de Lázaro. As viúvas constituiam grupos, as pobres eram assistidas graças aos recursos da comunidade cristã, as ricas consagradas à prática das boas obras. Maria, modêlo das Virgens e das viúvas, não podia deixar de inspirar a tôdas o desapêgo aos bens dêste mundo e o gôsto da piedade.

As mulheres não eram as únicas a se aproximarem dEla. Aos próprios membros da hierarquia, Ela estendia seus cuidados e os próprios Apóstolos tiveram muitas vezes de recorrer às suas luzes. Parece igualmente que a Virgem Maria deve ter entrado em relações com cada um dos quatro Evangelistas. Com S. Mateus, o primeiro que escreveu o que tinha visto; com S. Marcos, discípulo e companheiro de S. Pedro, que anotou tudo quanto recolhera de seu Mestre; com S. Lucas, discípulo e fiel companheiro de S. Paulo, o qual recolheu o que aprendera, com muito cuidado, do grande Apóstolo e da Virgem Maria, que "conservava tôdas essas coisas em seu Coração" e a quem teve tantas ocasiões de interrogar. Enfim com S. João

que, as instâncias dos sacerdotes e fiéis, escreveu por sua vez, a fim de mostrar que "Jesus é o Filho de Deus, e que os que crêem nÊle têm a vida eterna». S. João possuia junto de si, diz S. Ambrósio, o "tesouro dos segrêdos celestes". Assim, êle refutou a todos os heréticos que já espalhavam falsas doutrinas relativas à pessoa e ao caráter divino do Salvador, ao mesmo tempo que atestava e completava os Evangelhos anteriormente aparecidos.

Fàcilmente se compreende que a João, "filho do trovão", vivendo sob o mesmo teto que a Mãe de Jesus, comendo à mesma mesa, falando constantemente de seu Divino Filho, foi-lhe dado conhecer melhor que os outros Evangelistas, o mistério da divindade do Cristo, pelo qual o Filho e, em tudo, igual ao Pai, e que êle pudesse comunicar suas luzes à inteligência humana, na medida em que esta as pode receber. Como Isaias, êle vira o Senhor em um trono elevado e sublime, porque vira o Cristo Jesus no reino de sua divindade. Vira o Templo, que é o universo, animado e resplandecente de sua majestade, o que exprime ao dizer que tôdas as coisas foram feitas por Êle, e que nada do que foi feito, foi feito sem Êle, e que sua luz ilumina todo homem nêste mundo. Vira o mistério de sua humanidade, enchendo o seu Templo, isto é, a sua Igreja: "E o Verbo se fêz carne, e vimos a sua glória como Filho único do Pai, cheio de graça e de verdade".

Assim a visão de Isaías contém tôda a matéria do Evangelho de São João. Que êste bárbaro, êste iletrado, prossegue S. João Crisóstomo, fale assim e diga o que ninguém entre os homens jamais ouvira, seria já um grande milagre; mas uma prova ainda mais forte da inspiração divina, é que todos, em todos os séculos, compreendam as verdades que

revela e que se achem persuadidos. Donde lhe vem esta virtude? Êle difunde, responde S. Agostinho, o que pensou. O Espírito Santo, em seu próprio Evangelho, diz a seu respeito que durante a Ceia, sua cabeça repousou no peito do Cristo Jesus. Êle hauria misteriosamente nesta fonte. Virgem e filho da Virgem, S. João penetrava assim mais que os outros nos divinos mistérios, e o que êle pensou no mistério, derramou solenemente pelo universo inteiro.

O Apóstolo "bem-amado" achava-se igualmente unido aos principais episódios da vida da Igreja. Vendo-o agir, encorajando-o à ação, mas estimulando também o ardor dos outros Apóstolos, que eram todos seus filhos, a Virgem Maria acompanhava com amor, os sucessos, as provações, o desenvolvimento da obra do Cristo.

Um dia em que Pedro e João iam à prece da nona hora, viram à porta do Templo um enfêrmo, coxo de nascença, que pedia esmola. Disse-lhe Pedro: "Não tenho ouro nem prata, mas o que tenho te dou: em nome de Jesus Nazareno, levanta-te e anda". Ao mesmo tempo; tomou-o pela mão, e o coxo, andando com alegria, os acompanhou ao Templo. Êsse homem contava mais de quarenta anos; todos o conheciam. Grande multidão se comprimiu em volta dos Apóstolos. Pedro lhes disse: "Homens israelitas, por que vos admirais? Por que olhais para nós, como se fôsse por nosso próprio poder ou por nossa piedade que tivéssemos feito êste homem andar? O Deus de Abraão, de Isac e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou o seu Filho Jesus, que entregastes e renegastes diante de Pilatos, cuja opinião era que o libertassem. Renegastes o Santo e o Justo, e pedistes graça para um assassino. Fizestes morrer o Príncipe da vida, que Deus ressuscitou dos mortos; e nós somos teste-

munhas. É pela fé em seu nome, que seu nome deu firmeza a êste que vedes e conheceis".

S. Pedro, atribuindo à ignorância o seu crime contra o Cristo Jesus, compeliu-os a abraçarem a fé, pois que era a êles que Deus enviara primeiro o seu Filho.

Enquanto falava, os sacerdotes e guardas do Templo, acompanhados por uma escolta de saduceus, indignados por ouví-lo anunciar a Ressurreição, sobrevieram e prenderam-no, assim como a João. Até êsse momento, os assassinos de Jesus haviam evitado envolver-se com os seus Discípulos. Temiam persegui-los, não por mêdo de sua fôrça, mas para não despertar a lembrança do Mestre que revolucionara Jerusalém. Êles contavam vencer mais fàcilmente pelo silêncio e esquecimento. O que se passara no dia de Pentecostes, êste novo milagre, esta segunda pregação no esplendor do Templo, e as visíveis disposições da multidão, os fizeram mudar de opinião.

Os dois Apóstolos, conduzidos à prisão, compareceram no dia seguinte perante o Tribunal que julgara o Salvador. Presidiam Anás e Caifás. Perguntaram aos Apóstolos com que autoridade e em nome de quem haviam curado o coxo. Pedro respondeu-lhes: "É em nome de Jesus Nazareno, que crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dos mortos, é por Êle que êste homem se apresenta em plena saúde diante de nós. Jesus é a pedra rejeitada por vós que edificais, e que se tornou a pedra angular. Não há salvação em nenhum outro; porque não há sob o Céu, nenhum outro nome que tenha sido dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos."

A esta resposta, os juízes do Cristo ficaram completamente desnorteados. Não viam meio algum de negar o milagre, e não tinham vontade al-

guma de render-se. O silêncio pareceu-lhes ainda o melhor partido. Pensando que pescadores e ignorantes, como os Apóstolos, não resistiriam à ameaça, proibiram-lhes, sob as mais graves penas, ensinar ou falar daí por diante de forma alguma em nome de Jesus. Pedro e João responderam: "Julgai se é justo, diante de Deus, obedecer mais a vós que a Deus; porque não podemos deixar de falar do que vimos e ouvimos". Palavras que a consciência humana pode contar entre as que a salvaram, e que a impedirão para sempre de morrer.

Os chefes do povo e os anciãos redobraram de ameaças mas, não podendo puní-los, libertaram os obstinados. Foi êste o primeiro processo que a Igreja teve de sofrer. O primeiro, porque teve de sofrer muitos outros.

João voltou pois a Maria e podemos crer que Ela estava lá, presidindo à oração que se elevou do coração dos fiéis reunidos em tôrno das duas testemunhas de Jesus: «... Senhor, olhai as suas ameaças e concedei a vossos servos anunciar com tôda a segurança a vossa palavra, quando estenderdes a mão para curar e quando os sinais e prodigios se fizerem em nome de Jesus «... Ao terminarem a oração, tremeu a casa onde estavam reunidos. Deus lhes dava o sinal de que estava sempre presente, e de que podia derrubar os judeus e a terra. Cheios do Espírito Santo, êles continuaram a espalhar a palavra como se nada tivessem a temer. Cêrca de cinco mil pessoas se fizeram batizar após esta segunda pregação de S. Pedro.

O Príncipe dos Sacerdotes e seu partido, isto é, o partido dos incrédulos, viram que era necessário tomar outras medidas para sufocar o que chamavam a "seita de Jesus". Fizeram prender novamente os Apóstolos, levaram-nos ao grande conselho, que os mandou flagelar e lhes renovou a

proibição de falar de maneira alguma em nome de Jesus. Foi com orgulho que João reapareceu diante da Virgem Maria, feliz por ter sido julgado digno de sofrer opróbrios pelo nome de seu Mestre e, continua a narrativa sagrada, "cada dia no Templo e nas casas, êles não cessavam de instruir e anunciar a boa nova do Cristo Jesus".

Após a Ascensão, os Apóstolos haviam completado o número de doze, associando-lhes o discípulo Matias, designado pela sorte para substituir Judas. Mais tarde, a fim de se aliviarem do cuidado material da comunidade, instituiram sete diáconos, escolhidos e eleitos entre os discípulos. O primeiro diácono, chamado Estevão, foi lapidado.

O martírio de S. Estevão foi o sinal de uma grande perseguição, em que Saulo não permaneceu inativo. "Fazia estranhas devastações na Igreja, penetrando nas casas e arrastando à prisão, pela fôrça, homens e mulheres". Todos os discípulos se dispersaram. Entretanto os Apóstolos, perseguidos e ameaçados, obedecendo à ordem do Cristo Jesus, não deixaram Jerusalém. Outros fiéis "sepultaram Estêvão e o choravam com grande pranto."

Aliás, a perseguição e a dispersão tiveram o efeito que o mundo está acostumado a ver produzir; o Evangelho espalhou-se mais ràpidamente. O diácono Filipe, a exemplo do Mestre, trabalhou fora dos meios judeus, e recolheu onde Jesus semeara. S. João e S. Pedro, ternamente unidos pelos vínculos de uma verdadeira caridade fraterna, foram de Jerusalém, em nome do Colégio Apostólico, administrar a confirmação àquêles que Filipe batizara, e lhes impuseram os dons do Espírito Santo. Maria permaneceu provàvelmente com êles consolando-os no meio das provações e mostrando-lhes que, se Jesus seu Divino Filho, podia sòzinho converter o mundo, após se ter unido à natureza

humana, não podia fazer-lhes maior honra que a de associá-los a essa obra de salvação.

As conversões operadas na Samaria semi-judia, eram as primícias de conquista bem mais ampla, que o Evangelho em breve empreenderia através do mundo. Os Profetas haviam anunciado que o Reino de Deus seria aberto, até aos pagãos. Nosso Senhor dissera: "Ensinai tôdas as nações e batizai-as».

Humanamente, parecia impossível chamar os pagãos sem lhes impor ao mesmo tempo todo o judaismo, ou então excluindo todos os judeus. Até então, o Evangelho não fôra pregado senão aos filhos de Abraão e eram os verdadeiros filhos de Abraão que o abraçavam. Não observavam mais certas prescrições dos fariseus mas eram mais assíduos no Templo e mais chegados à Lei. Jamais teriam ousado pensar que pudesse ser abolida a circuncisão. Para êles, todo incircunciso era impuro; não se devia beber nem comer nem ter intimidade alguma com êle. Como admitir na Igreja, então composta ùnicamente de judeus fiéis, homens com os quais não se podia entrar em contato sem macular-se? Era necessária uma revelação divina; Pedro recebeu-a em Jope. E Cornélio, centurião da coorte itálica, residente em Cesaréia, foi admitido pelo próprio Pedro entre os discípulos.

A Virgem Maria devia estar em Jerusalém quando, de volta a esta cidade, teve o Apóstolo de sustentar algumas contestações da parte dos fiéis, por ter entrado em casa dos incircuncisos e comido com êles. Mas a Santíssima Virgem se deve ter rejubilado ao ver aquêles que haviam murmurado compreenderem que Deus queria também dar a graça da penitência aos estrangeiros, afim de que tivessem a vida.

Começava a desmoronar a barreira que sepa-

rava o judaismo da gentilidade. Pedro, escolhido para dar o primeiro golpe, abrira largamente a brecha. O instrumento que devia completar a obra estava já nas mãos do Cristo Jesus.

As conversões foram abundantes entre os estrangeiros. Saulo, que perseguira seu Salvador, recebeu o batismo; e após alguns dias passados com os Discípulos em Damasco, entrou nas Sinagogas, publicando que Jesus era o Filho de Deus. Tendo feito esta confissão pública, passou vários anos em uma espécie de retiro, violentamente odiado pelos judeus, ainda considerado meio suspeito por muitos fiéis. Não voltou a Jerusalém senão ao fim de três anos, para ver Pedro, e aí permaneceu pouco tempo. A Igreja não conhecia então nem suas virtudes, nem seu gênio, nem sua vocação especial para a conversão dos gentios. Êle começou a revelar-se em Antioquia, onde S. Barnabé, como êle antigo discípulo de Gamaliel, governava uma igreja quase tôda formada por pagãos convertidos. Em breve esta Igreja se tornou tão florescente quanto a de Jerusalém. Foi em Antioquia que os fiéis, aceitando uma zombaria popular, tomaram o nome de "cristãos".

A Virgem Santa vivia tôda essa vida da Igreja. Rejubilava-se ao ver recolher os primeiros feixes, prenúncio da grande colheita dos povos. E quando a perseguição caía sôbre o frágil rebanho e seus pastores, devia afligir-se com aflição e compaixão maternas, não incompatíveis com a alegria na provação, recomendada pelo divino amor.

Maria era para os Apóstolos o eco sempre vivo do Verbo que gerara; ou antes a intérprete dêste Verbo, que permanece para sempre luminoso e fecundo. Ela devia trazer, aos judeus e gentios, suas luzes maternas e sobrenaturais sôbre o conhecimento de Deus, o amor de Deus pelos homens, a

obrigação que têm os homens de servir a Deus e de se amarem uns aos outros, obrigação que não podem cumprir senão por seu Filho Jesus Cristo.

Nos esforços que o espírito do mal, que é o espírito de Satanás, faz há séculos para atingir a Igreja de Deus, os mais ardentes e sutis foram dirigidos contra a sua divina Mãe Maria. Foram vãos, se-lo-ão sempre; poderão abalar alguns infelizes, mas não perturbarão o amor do gênero humano para com a humilde Virgem de Nazaré.

A razão de sua impotência, Pio X no-la dá a conhecer em sua Encíclica *"Ad diem illum"* de 2 de fevereiro de 1904: "Nós todos que estamos unidos a Nosso Senhor, que somos, como diz o Apóstolo, membros de seu Corpo, que somos de sua carne e de seus ossos, saímos do seio de Maria, como um corpo espiritual ligado a Jesus, nosso chefe. Portanto, nós também, de maneira espiritual e mística, somos chamados filhos de Maria e Ela é a nossa Mãe, Mãe de todos nós."

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPÍTULO XV

A MORTE DE AMOR — A ASSUNÇÃO

(pelo ano 41 ou 42?)

RELAÇÕES DA IGREJA E DOS FIÉIS COM MARIA VIVA DO CÉU

A divina sabedoria que frustrara os desígnios dos homens na Conceição imaculada de Maria, haveria ainda de frustrá-los na morte gloriosa e triunfante.

Cumulada de tôdas as graças que a divina liberalidade nEla derramara, Maria, "a fulgurante luz que avança e bilha até em pleno dia", dizem os Provérbios, iria aonde A levavam seus pensamentos e desejos.

O amor que trazia em Si parece ter sido o instrumento de que Deus se serviu para libertá-La dos laços da carne. Não tendo contraído a mácula original, Ela não contraíra, como nós, a dívida da morte. Entretanto, pois que o próprio Cristo Jesus, sem assumir o pecado, tomara sôbre Si tôdas as suas conseqüências, e até a morte, Maria devia assemelhar-se a Êle. Jesus sofreu e era necessário que sofresse. Maria, associada à redenção dos homens, também sofreu.

Mas, nem a velhice nem a doença tiveram ascendente sôbre a perfeitíssima constituição de seu corpo virginal. A Virgem Santa morreu, quando aprouve a Deus chamá-La; e para chamá-La, bastou-Lhe, por assim dizer, deixar que agissem as chamas de seu amor cuja impetuosidade transbordava cada vez mais de todo o seu ser, para enfraquecer-Lhe a vida física e fugir para os divinos esplendores. Mas, assim como se prova a realidade e a incombustibilidade de um vaso entregando-o à ação das chamas e retirando-o intato, assim o corpo virginal que gerara o Verbo de Deus, prova-nos que o instrumento material, de que Deus se utilizou para a Incarnação de seu Filho, é ao mesmo tempo real e superior à morte. Entregando-o à morte, Deus demonstra a natureza de sua divina Mãe; retirando-o da morte, demonstra a santidade desta divina Virgem.

Deus fêz êsse milagre para mostrar, conforme a expressão de S. Paulo, que "a caridade não morre", para ensinar-nos por meio dêle que sòmente a caridade é a única virtude que, na morte, triunfa da própria morte e a conduz vencida entre os seus troféus.

Eis porque, imperceptìvelmente, em um último sorriso, sua alma deixou o sagrado corpo, sem alterar-Lhe sequer a paz inalterável, diante dos olhos extasiados dos Apóstolos e das santas Mulheres.

Se o corpo de Maria adoecera e se decompusera, seria de estranhar-se que Aquela que levara em seu seio o Autor da vida, fôsse atingida pela decomposição e se lhe tornasse a prêsa. "A carne de Jesus é a carne de Maria".

Não temos documento realmente autêntico nem de tradição uniforme e incontestável sôbre o tempo e circunstâncias da "dormição" de Maria.

Julgamos entretanto que Ela se extinguiu em princípios de 42, aos sessenta anos de idade; porque, pela Páscoa dêste mesmo ano, vemos o novo rei do país, Herodes Agripa, decapitar S. Tiago, aprisionar S. Pedro, perseguir a Igreja, obrigando os pastores a fugir e levar ao longe as luzes da fé.

Segundo tôda probabilidade, o Santo Corpo de Maria foi depositado em um sepulcro, perto do Jardim das Oliveiras, em Getsêmani, ao longo do vale de Josafá. Ao redor do túmulo, ouviram-se por três dias divinos cânticos, e cumpriu-se o grande milagre da Assunção. Maria projeta-se nos ares sôbre as asas dos anjos para preparar-nos o caminho que leva ao Céu.

"Esta verdadeiramente tôda bem-aventurada, exclamava S. João Damasceno em seu segundo sermão sôbre a "Dormição"... que foi inteiramente unida a Deus, como A devoraria a morte? como A recèberiam as profundezas da terra? que poderia ousar a corrupção contra êsse corpo, que recebeu a Vida? Tôdas essas idéias repugnam, e são de tôda forma estranhas à alma e ao corpo dAquela que levou o seu Deus".

Eis Maria! Eis a Mulher bendita entre tôdas as mulheres, Aquela que recolheu tantas bênçãos, quanto a primeira atraiu maldições sôbre si própria e sôbre a sua descendência, eis a Mulher prometida e dada para reparar, com o Salvador, a falta de nossos primeiros pais. Eis a nova Eva, separada do resto da humanidade e associada ao Redentor em sua vitória, assim como a primeira fôra associada à falta de Adão pecador. Eis enfim Aquela que triunfou do demônio, da concupiscência, do pecado e que devia lògicamente triunfar do "último inimigo que é a morte".

E Maria avança para seu Filho.

"Quem é Aquela, diz o Cântico dos Cânticos,

que sobe do deserto, apoiando-se no bem-amado?"

De acôrdo com o seu caráter, a Virgem Maria inclina-se e adora com uma doçura e majestade divinas; o Redentor abre-Lhe os braços, em presença de seus anjos e santos. Êle coroa a Rainha do Céu, Aquela que dissera: "Eu sou a Serva do Senhor". Êle A coroa com seu coração de Filho; assim como O recebera, Êle A recebe em Sua moradia na glória eterna de seu Pai celeste. Êle A coroa em tôda a sua majestade de Rei, não com uma dessas coroas que reserva a seus mais fiéis servos, mas com o diadema esplêndido de sua divina realeza.

Pois que pela Incarnação, a raça humana fôra ornada com divino parentesco, era justo que Maria, cooperadora do Verbo na aquisição dêste esplêndido título, dominasse sôbre tôda a Criação com o seu Deus feito carne, que se ofereceu como Vítima e sofreu por nós.

Cinquenta anos após a Assunção da Santissima Virgem, João, seu filho bem-amado, exausto pela idade, incapáz de pregar, fazia com que o conduzissem às assembléias dos fiéis e não cessava de repetir: "Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros porque, acrescentava, tudo está completo quando assim se fez". João devia pensar na Virgem Maria. Seu vigor apostólico se demonstra pela perseguição que os pagãos lhe fizeram sofrer. Conduzido a Roma sob Domiciano, e mergulhado no azeite fervente, mas tendo saído são e salvo do suplício, foi relegado à ilha de Patmos até a morte do perseguidor. Durante êsse cativeiro, escreveu o Apocalipse, livro cheio de mistério e de beleza, sempre luminoso e sempre obscuro, do qual a doutrina da profecia se derrama como de fonte maravilhosa e que, interpretado sem desfalecimento, não dá aos homens senão por épocas, as verdades que contém.

O apóstolo profeta narra os combates e vitó-

rias da Igreja até o triunfo final da segunda vinda. E de repente, uma das visões que lhe foram apresentadas, lembrou-lhe a Mãe que Jesus lhe dera:

"Um grande sinal apareceu no Céu: uma Mulher vestida de sol, a lua sob os seus pés; sôbre a cabeça uma coroa de doze estrêlas".

Em breve, entretanto, aos traços que pareciam os da própria Virgem, mesclaram-se outros que Lhe não podiam convir. A misteriosa Mulher estava nas dores do parto; diante dEla se achava um dragão, que é a antiga serpente, ávido de devorar a Criança que Ela ia dar à luz. E quando o monstro se viu frustrado em seu desejo e precipitado do Céu, continuou a luta na terra. A mulher foge para o deserto; o dragão a persegue e combate contra os de sua raça.

É pois a Igreja, muitas vezes simbolizada na antiguidade cristã sob os traços da mulher, que é agora o objetivo direto da grandiosa visão de S. João. Mas a Virgem Maria não está mais ausente da visão que da Igreja; tudo fala a seu respeito e necessàriamente A lembra. A Mãe de Jesus é verdadeiramente a Rainha, a Mãe, o Tipo ideal da Igreja, desta Igreja que trabalha e luta nêste mundo, sob a doce influência de Maria, sua Medianeira celeste, ao lado de Jesus sol, fonte de luz e vida. Tôda banhada por Seu esplendor, a Virgem Santa reflete o Seu calor e radiação. Viva na glória do Cristo Jesus, Ela preside após Êle e com Êle em ordem superior à de tôda a Igreja triunfante, à vida de fé, à vida de caridade e amor que é a da Igreja dêste mundo e contra a qual o demônio se lança há séculos, com a fúria do desespêro.

A Igreja vive da fé. Meditando e sondando continuamente o ensino recebido da revelação di-

vina, desprende uma a uma as verdades que, desde a origem, nela estão implìcitamente contidas.

E, nêste longo trabalho, um dos primeiros e mais importantes objetivos do pensamento cristão foi desprender, estudar e compreender a grandeza dos privilégios de Maria.

Maria! Virgem e Mãe, espôsa do Espírito Santo! Maria, o poder, a sabedoria, e o esplendor criado do Incriado. É a Rainha do Céu e da terra, "a Onipotência suplicante", o esplendor sem mácula. Por um mistério que ultrapassa todo entendimento e que satisfaz tôda razão, o Senhor A deu ao mundo. I m a c u l a d a, e, dando-A, deu-Se a Si mesmo. Maria, assim concedida, é Virgem e Mãe de Deus, Virgem e Mãe ao mesmo tempo: Virgem na conceição de seu Filho, Mãe para cumprir a promessa de Deus a nossos primeiros pais; Virgem para receber o corpo imaculado de seu Filho, Mãe para O formar de sua puríssima substância; Virgem para libertar, Mãe para servir; Virgem para encarnar, Mãe para dar à luz; Virgem para amar, Mãe para sofrer.

É tal esta maravilha que os olhos do nosso espírito podem ver a virgindade através da maternidade, o poder que criou o Salvador, venceu o inferno, através dos sofrimentos que cooperaram em nossa Redenção. Pois Maria é uma humanidade composta de dois esplendores: a virgindade e a maternidade. Por êste milagre, por esta beleza única, a Virgem vive na Mãe, e a Mãe subsiste na Virgem; a Virgem e a Mãe se encontram sem cessar na augusta Maria. Ela nasceu sem o pecado original; não era senão uma pobre menina obtida pela oração, mas já o Céu e a terra A reconhecem como sua Rainha, seus pais A saudam com um cântico, os anjos A exaltam como a Obra prima da Criação. Ela vive na humildade, mas soberana Senhora de

tudo; na pobreza, mas sua palavra consola e sua caridade apazigua os sofrimentos. Ela sofre ao pé da Cruz, mas permanece magnífica na dor. Expira em um sorriso e na paz. Está sepultada e os Anjos levam seu corpo através das nuvens que se abrem diante dêles.

É a Virgem; é a Mãe? ou é a Virgem em suas mágoas, em suas penas, em suas misérias? ou é a Mãe nessas maravilhas?

Nem a Virgem nem a Mãe está sozinha em parte alguma? Maria tão bem uniu a sua virgindade e a sua maternidade, que tôda cisão A torna inexplicável. Se Ela não é Virgem, não há Filho de Deus; se não é Mãe, a obra de Deus não mais se concebe e desaparece a própria humanidade do Cristo. Só a Virgem explica a Mãe, só a Mãe explica a Virgem, e é por tôda parte a Virgem Mãe.

Na Virgem Mãe tudo é lógica e conveniência ao mesmo tempo que santidade. Por tôda parte Ela ultrapassa a razão humana, não a viola em parte alguma; Ela a confunde sem cessar, não a surpreende jamais.

Não há senão oposição aparente entre os desígnios e os meios que Maria emprega para se fazer conhecida e amada. Ela quer estabelecer sua mediação entre o Céu e a terra; o mundo A recusa e Ela o quebra. Ela quer atraí-Lo a seu divino Filho; e Ela toma o caminho contrário a tudo quanto deseja o mundo; Ela propõe a humanidade, a bondade, a doçura. Ela chama-se a Mãe de Misericórdia. Lega aos Apóstolos e discípulos a caridade por herança, suplica-lhes que A façam reinar no mundo. Eles o fazem e triunfam, em menos tempo que o necessário ao mais poderoso império para terminar de abolir a nacionalidade de um povo conquistado. Desmoronam-se os ódios entre os povos, ergue-se uma nova humanidade. O exemplo de Maria ope-

ra êsse milagre. O exemplo que Ela deu aos apóstolos, a todos os homens, a todos os povos, através de todos os séculos, é o próprio exemplo de seu Filho que tudo recoloca em ordem e em paz, o homem com Deus, o homem com o homem, o homem consigo mesmo. Maria tudo transforma na sociedade, nos espíritos, nos corações. Ilumina tôdas as trevas, fecunda tôdas as esterilidades. Por Ela, o pobre compreende sua miséria, cujas mágoas lhe desolavam a alma; o rico escapa à maldição a que seus tesouros tendiam a levá-lo.

Que esplendor! Que luz na contemplação das virtudes de Maria, que alegria! O homem sabe agora aonde vai; sente-se Senhor do caminho e seguro de seu fim. A palavra fizera do homem um pecador; a palavra de Maria Imaculada fêz do homem um Deus, fê-lo "participante da natureza divina". Foi o consentimento de Maria que permitiu realizar esta imensidade e o homem o crê e compreende; o homem que adorava os astros e os homens! E, na altura a que sabe, torna-se humilde e manso; e a faculdade sublime do amor, da qual até então tão deploràvelmente se abusara, desenvolve-se conforme sua natureza e coroa a terra com a radiosa floração dos santos.

Sem dúvida, o universo inteiro não possui ainda êste verdadeiro amor. Verifica-se, com alegria homicida, tudo quanto, ao contrário, se desvia e cai em ruínas; e Deus não faz o que quisera fazer. Subsiste o livro arbítrio. Aquêle que te criou sem ti, diz S. Agostinho, não te salvará sem ti. Não quereis salvar-nos, não quereis colaborar com o Cristo Jesus, não quereis invocar Maria para Lhe pedir sua graça: não sereis salvos, morrereis.

Podemos adorar a Deus no Céu ou no inferno; cabe-nos a escolha. Eis aí todo o livre arbítrio cuja loucura e orgulho nossos não devem levar-nos a

julgá-lo uma dignidade divina quando o chamamos liberdade. Não há senão Deus que possua a liberdade. Nós possuímos o livre arbítrio e já é muito, mas não podemos dispensar-nos de o exercer. Escolhemos entre o bem e o mal, entre o Céu e o inferno. Não podemos abster-nos; se nos abstivermos, já escolhemos.

Esta livre escolha, que a Providência deixa a cada um de nós, é por vêzes proposta à humanidade inteira. Um decreto de Deus a constrange a pronunciar-se pró ou contra Êle, pró ou contra seu Filho, pró ou contra a Virgem Maria. A civilização moderna, fundada sôbre o mistério inaudito da Incarnação, sofre uma crise profunda e dolorosa. Ela não escuta mais a voz de Maria que lhe clama voltar a seu Filho.

E no entanto, que pode tornar-se o mundo sem o Cristo Jesus, que se podem tornar os homens se não tiverem mais a sua Mãe? Se não tiverem mais Medianeira entre Deus irritado e o homem pecador? Ai de nós! o espírito que medita êsse grande crime contra o Cristo Rei, contra a sua divina Mãe, Rainha dos Anjos, e contra o gênero humano, não quer tanto arrebatar o trono aos conquistadores dêste mundo quanto impor-lhes o reino da bolsa e dos lupanares.

A época que rejeitar a Maria, verá novamente Vênus em Atenas e o deus Baco ainda com seus templos. Mas essas orgias de carne e vinho não terão senão uma hora e até lá, está viva a Igreja; e mesmo durante esta hora, viverá a Igreja; não se perderão os frutos do mistério da Incarnação e da Redenção. A bondade misericordiosa da Virgem é tão insondável quanto o seu poder sôbre o Coração de seu Divino Filho. Tôdas as nossas preces serão aceitas para aplacar a cólera do Cristo Jesus. Até a última hora do último século, Maria es-

tará presente para lembrar aos homens a bondade do Salvador.

Sua maternal solicitude para com o mundo inteiro é como essas correntes marinhas, que partem das regiões cheias de sol e que atravessam as águas glaciais do mar em sua imensa extensão. Sem dúvida, não se aquece o mar inteiro, restam regiões glaciais. Mas, se não existisse essa maravilhosa corrente, tudo seria gelado, tudo pereceria.

Esse calor que entretém a vida, onde se acha a vida, é o Coração Imaculado de Maria, e Deus se serviu dêste Coração para transformar e salvar o mundo.

F I M

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

ÍNDICE

		Pág.
	Prefácio	5
CAP. I —	As Profecias e a Virgem Maria	25
CAP. II —	A Família e o Nascimento da Virgem Maria	38
CAP. III —	O Nome de Maria — Sua Apresentação — Seus Primeiros Anos	44
CAP. IV —	O Matrimônio Virginal de Maria — A Anunciação	49
CAP. V —	A Visitação — A Encarnação revelada a São José — O Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo	56
CAP. VI —	A Circuncisão e a Apresentação no Templo — Os Magos — A Fuga para o Egito — A morte de Herodes — Volta a Nazaré	65
CAP. VII —	Nazaré — Jesus perdido e achado no Templo — A Vida oculta — Morte de de São José	75
CAP. VIII —	Jesus deixa Nazaré — Ele anuncia à sua Mãe que chegou a hora de servir ao Pai	82
CAP. IX —	As Bodas de Caná — Maria durante a Vida Pública de Jesus	89
CAP. X —	A Paixão de Jesus — Compaixão e Méritos de Maria — Sua Maternidade Espiritual	102
CAP. XI —	A Ceia — A Sexta Feira Santa — A Cruz	109
CAP. XII —	A Sepultura de Jesus e a Soledade de Nossa Senhora	122
CAP. XIII —	A Ressurreição — Os Quarenta Dias — A Ascensão — A Oração no Cenáculo e Pentecostes	128

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAP. XIV — Os últimos anos — Maria Mãe da Igreja e dos Fiéis — Ação e influência de Maria — São João, modêlo dos verdadeiros filhos — Reino da caridade na alma de Maria 137

CAP. XV — A morte de Amor — A Assunção — Relações da Igreja e dos Fiéis com Maria viva no céu 147

http://alexandriacatolica.blogspot.com.br